

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Fabiana Cristina Paranhos

**Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos
anos do Ensino Fundamental: um estudo longitudinal**

São José do Rio Preto (SP)

2014

Fabiana Cristina Paranhos

Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental: um estudo longitudinal

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto (SP)

2014

Paranhos, Fabiana Cristina.

Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do ensino fundamental : um estudo longitudinal / Fabiana Cristina Paranhos. -- São José do Rio Preto, 2014

170 f. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Luciani Ester Tenani

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Palavra (Linguística) 3. Análise prosódica (Linguística) 4. Segmentação ortográfica. 5. Comunicação oral. 6. Comunicação escrita. 7. Letramento. 8. Língua portuguesa (Ensino fundamental) I. Tenani, Luciani Ester. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 408.52

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof.^a Dr.^a Luciani Ester Tenani – Orientadora (UNESP)

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho (UNESP)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Nobre da Cunha (Universidade Federal de Pelotas)

Suplentes

Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu (UNESP)

Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Carneiro Capristano (Universidade Estadual de Maringá)

Dedico esta dissertação
a Deus e a Nossa Senhora,
por toda iluminação e proteção;
à minha família,
pela força e ânimo.

AGRADECIMENTOS

à Luciani Ester Tenani, pela orientação cuidadosa, pelas correções e sugestões e pelos incentivos (“FORÇA, FALTA POUCO!”);

à FAPESP, pelo apoio financeiro concedido durante a realização deste trabalho;

ao Professor Lourenço Chacon, às Professoras Fabiana Komesu, Larissa Berti, Cristiane Capristano, Ana Ruth Moresco Miranda e Ana Paula Nobre da Cunha, pelas leituras atentas e sugestões preciosas;

aos professores e alunos de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e aos participantes do grupo de pesquisa “Estudos sobre a linguagem”, pelas enriquecedoras discussões as quais suscitaram as reflexões apresentadas neste trabalho;

às amigas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, em especial a Fernanda Marcato, Lilian Maria da Silva, Akisnelen Torquete, Aline Mara Vassoler, Mariana Garcia Campos, por compartilharem das constantes inquietudes de se desenvolver uma pesquisa acadêmica;

ao amigo Edmar Ferreira Dias pelos conselhos na etapa final;

às irmãs que pude escolher: Isabela Abê de Jesus e Priscila Sinibaldi Suffredini;

aos meus familiares, em especial, meu pai Jair, minha mãe Sirley, minha tia e segunda mãe Célia, pela paciência e pelas palavras de incentivo nas horas de angústia;

ao meu companheiro Danilo, pela força e pela compreensão pelos meus momentos de ausência;

a minha fiel companheira Bela, pelas horas passadas juntas.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa,

minha sincera gratidão.

“Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos.”

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

Lista de figuras	9
Lista de quadros	10
Lista de tabelas	11
Lista de gráficos	12
RESUMO	13
ABSTRACT	15
APRESENTAÇÃO	16
1. BASES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DE USOS NÃO-CONVENCIONAIS DE FRONTEIRAS DE PALAVRAS GRÁFICAS	20
1.1 Concepção de escrita	21
1.2 Usos não-convencionais de fronteiras de palavra	28
1.3 Diferentes noções de palavra.....	42
1.4 Fonologia prosódica	49
1.5 Observações finais.....	54
2. MATERIAL E METODOLOGIA	56
2.1 Caracterização do banco de dados e constituição do corpus.....	56
2.2 Caracterização dos dados	62
2.2.1 Discussão da tipologia	62
2.2.2 Aspectos gráficos das segmentações não-convencionais	64
2.3. Forma de análise dos resultados.....	68
2.4 Observações finais.....	70
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	72
3.1 Apresentação dos resultados	72
3.2 Discussão geral.....	105
3.3 Observações finais.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
Referências bibliográficas	127

ANEXOS..... 132

Lista de figuras

Figura 1: S5 (Z11_8A_10F_07)..... 65

Figura 2: S4 (Z08_5C_09M_03)..... 65

Figura 3: S6 (Z09_6A_05F_01)..... 66

Figura 4: S3 (Z08_5B_31F_04) 66

Lista de quadros

Quadro 1: Alunos selecionados para compor o corpus	60
Quadro 2: Segmentação não-convencional de palavra e uso de hífen	67
Quadro 3: Ocorrências de segmentações não-convencionais em textos do EF II	87
Quadro 4: Tipos de uso não-convencional de hífen	88
Quadro 5: Exemplos de estruturas prosódicas para as hipossegmentações.....	92
Quadro 6: Exemplos de estruturas prosódicas para as hipersegmentações	100
Quadro 7: Dados de hipersegmentação de escreventes na fase inicial de aquisição da escrita.....	102
Quadro 8: Ocorrências de hipersegmentações envolvendo sílabas e pés.....	104

Lista de tabelas

Tabela 1: Número de textos produzidos por sujeito que integra o corpus	61
Tabela 2: Distribuição de textos, de palavras por texto e de segmentações não-convencionais nas séries escolares	73
Tabela 3: Número de hipossegmentações produzidas por cada sujeito em cada série escolar	83
Tabela 4: Número de hipersegmentações produzidas por cada sujeito em cada série escolar	83
Tabela 5: Ocorrências versus não-ocorrências de dados que envolvem homonímias.....	89
Tabela 6: Ocorrências de segmentação não-convencional de formas homônimas	89
Tabela 7: Tipos de estrutura prosódica para as hipossegmentações.....	93
Tabela 8: Classes gramaticais envolvidas nas hipossegmentações do tipo $cl+\omega>\omega$	94
Tabela 9: Tipos de estrutura prosódica para as hipersegmentações	100
Tabela 10: Classes gramaticais envolvidas nas hipersegmentações do tipo $\omega>cl+\omega$	101

Lista de gráficos

Gráfico 1: Relação percentual do número de textos e do número de palavras por série.....	73
Gráfico 2: Relação percentual de palavras e de segmentações por série	75
Gráfico 3: Relação percentual entre o número de palavras e os números de hipo e hipersegmentações por série.....	77
Gráfico 4: Distribuição do percentual de palavras e de hipo e de hipersegmentações por sujeito.....	79
Gráfico 5: Percentual de hipo e de hipersegmentações em relação ao percentual de palavras gráficas por sujeito.....	82

RESUMO

Neste trabalho, buscamos entender, por meio da análise da grafia de palavras, em que medida as segmentações não-convencionais podem ser resultado das representações de relações entre características de enunciados falados e escritos. Na busca por respostas, analisamos as segmentações não-convencionais que ocorreram em produções escritas de um grupo de alunos que, na época das produções, cursavam os quatro últimos anos do Ensino Fundamental (EF) em uma escola da rede pública do Estado de São Paulo. As hipóteses que orientaram nosso trabalho foram as de que segmentações que não coincidem com as convenções ortográficas, feitas por estudantes do EF II, podem ser representativas (1) das hipóteses dos escreventes acerca dos limites gráficos de palavra em relação aos constituintes prosódicos; e (2) da inserção do sujeito/escrevente em práticas orais e letradas constitutivas de seu aprendizado institucional da escrita. Como consequência destas hipóteses, nossos objetivos foram os de: (1) identificar possíveis critérios prosódicos envolvidos nas decisões dos escreventes do EF II sobre como segmentar palavras na escrita; e (2) observar como e em que medida as marcas de segmentação não-convencional de palavras indiciam, nos textos analisados, relações estabelecidas entre os sujeitos/escreventes e suas práticas sociais orais e letradas. Assim, as ocorrências de segmentação não-convencional de palavras foram analisadas tendo como pressuposto teórico uma concepção de escrita como sendo constituída de modo heterogêneo (CORRÊA, 2004). Para a análise prosódica dos dados, neste trabalho, tomamos por base a teoria de Nespor & Vogel (1986) sobre os domínios prosódicos. Na análise dos dados, vimos que, ao iniciarem a primeira série do EF II, os escreventes apresentam maior número de dados de hipossegmentação, o que quantitativamente os aproxima de tendências observadas por autores como Cunha (2004) ao analisar dados de segmentação não-convencional de palavra no início do processo de aquisição da escrita. Qualitativamente, observamos o predomínio de uma das estruturas prosódicas, isto é, clítico seguido de palavra fonológica (cl+ω), em que o clítico se torna, na interpretação do escrevente, uma sílaba pretônica. Ao finalizar o EF II, entretanto, observamos que os escreventes apresentam mais hipersegmentações. Em termos prosódicos, há o predomínio da mesma estrutura prosódica grupo clítico, mas de modo que a sílaba pretônica de uma palavra parece ter sido interpretada como sendo um clítico. Esse resultado aponta para indícios de que, com o passar dos anos escolares, os escreventes deixam evidências de tentativas de representação escrita de formas clíticas, o que resultaria em um número maior de rupturas na escrita nas séries finais do EF. Também podemos estabelecer relação entre a classe gramatical do elemento clítico e as ocorrências de hipo e hipersegmentação: são as preposições a classe gramatical mais envolvida tanto nas hipossegmentações, quanto nas hipersegmentações. Como confirmação de nossas hipóteses, constatamos que as segmentações não-convencionais produzidas por alunos do EF II frequentemente resultam do trânsito dos escreventes por práticas sociais orais e letradas em que se encontram inseridos (CORRÊA, 2004), e as segmentações não-convencionais produzidas por escreventes do EF II parecem ser atravessadas por ao menos dois fatores: (i) um mais ligado a aspectos prosódicos, mobilizados por *representações da gênese da escrita*

pelo escrevente; e (ii) outro mais ligado a aspectos da imagem que o escrevente tem do código escrito institucionalizado.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Segmentação Não-Convencional; 2. Convenção Ortográfica; 3. Palavra Gráfica; 4. Oralidade; 5. Letramento; 6. Escrita.

ABSTRACT

In this work, we seek to understand, by analyzing the spelling of words, in which way the unconventional written words segmentation can be resulted of representation of relationship between characteristics of spoken and written statements. In the search for answers, we analyzed the unconventional segmentation of words that occurred in texts produced by of a group of students which ones at the time of the production attended the last years of Elementary School, of a public school of São Paulo. The hypotheses that guided our work were the one that segmentation done by the students of Elementary School may be representative (1) hypotheses about the scribes charts word boundaries in relation prosodic constituents; and (2) of the insertion of the writer in oral and literate practices, our objectives were: (1) to identify possible prosodic criteria are involved in the decisions of the writers of Elementary School about how segmentation a word, and (2) to observe how and in that measured the unconventional segmentation established, in the analyzed text, relationship for the writers among their oral and literate practices. Thus, the unconventional segmentations of word were analyzed based on the idea in heterogeneous way constitution of the writing (CORRÊA, 2004). For the prosodic analysis, in this work, we use the theory of Nespor e Vogel (1986), about the prosodic domains. In analysis, we conclude that, to start the first grade of Elementary School, the writers have a higher number of hippossegmentation of word, which quantitatively approximate the trends observed by authors such as Cunha (2004) that analyzed unconventional segmentation word at the beginning of the acquisition process of writing. Qualitatively, we observe the predominance of one of the prosodic structures, is that, clitic followed by prosodic word (cl+w), where the clitic becomes, in interpreting the writer, one pretonic syllable. However, at the end of the Elementary School, we observe that the scribes have more hypersegmentation. In prosodic terms, there is a same predominance of prosodic structure clitic group, but where the pretonic syllable of a word is examined as a clitic. This result would point to evidence that, over the years the school, writers leave written evidence of attempts to clitics forms, which would result in a greater number of disruptions in writing the final years of the Elementary School. We can also establish a relation between the grammatical class of clitic element, and occurrences of hyppo and hypersegmentation: prepositions are the grammatical class more involved as in hippossegmentation, as in hypersegmentation. As a confirmation of our hypotheses, we find that unconventional segmentation of words produced by students of Elementary School are often resulted the linked of factors to the oral and literate practices in the ones which students are insered (CORRÊA, 2004), and we observed that the existence of two factors that seem to cross the unconventional segmentation done by these students: (i) one more linked to prosodic aspects, mobilized by the *genesis of written representation*; (2) other more linked to aspects of the image that the students has about the *code written institutionalized*.

KEYWORDS: 1. Unconventional Segmentation; 2. Spelling Conventions; 3.Graphic Word; 4. Orality; 5. Literacy; 6. Writing.

APRESENTAÇÃO

O propósito deste trabalho é realizar um estudo longitudinal de dois tipos de registros escritos que não estão de acordo com as convenções ortográficas. Desta forma, nosso olhar estará voltado, de forma privilegiada, para as ocorrências em que há ausência de fronteira gráfica entre palavras, as chamadas hipossegmentações, como “derepente” e “pegala”, quando a ortografia prevê, respectivamente, “de repente” e “pegá-la”, e para as ocorrências em que há a presença de fronteira gráfica dentro de palavra, as chamadas hipersegmentações, como, por exemplo, “na quela” e “vira-se”, quando as grafias convencionais são, respectivamente, “naquela” e “virasse”.

São bastante recorrentes as pesquisas que o abordam essa temática na escrita infantil (ABAURRE, 1991; CAPRISTANO, 2003; CUNHA, 2004; CHACON, 2005). Entretanto, nesta pesquisa, semelhantemente a Tenani (2010, 2011a, b), Tenani e Paranhos (2011) e Silva (2014), tratamos de ocorrências de segmentações não-convencionais¹ de palavras (tanto hipo, quanto hipersegmentações) em textos de alunos dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental (doravante, EF), período que compreende de 5ª a 8ª séries, na época da coleta, atuais 6º a 9º anos².

Nosso interesse por dados do EF II se justifica, por um lado, pelo fato de esse tipo de dado não ter sido objeto de investigação da grande maioria dos estudos que tratam sobre segmentação de palavra. E, mais fortemente, devido ao fato de documentos oficiais do Ministério da Educação, a exemplo dos PCN's³, preconizarem que os alunos deveriam

¹ Nesta dissertação, o “não” em grafias como “não-convencionais” e “não-previsto” será utilizado como um prefixo e não como um advérbio, por isso suas grafias serão seguidas de hífen.

² Com a Lei nº 11.274, instituiu-se o Ensino Fundamental de nove anos a partir de 2009. Desta forma, a quinta série passou a ser nomeada como sexto ano; a sexta série, sétimo ano; a sétima série, oitavo ano e a oitava série, nono ano. Mantivemos, nesta pesquisa, a nomeação dos anos letivos como séries por ser essa a denominação utilizada na época das coletas.

³ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias.

terminar o EF I sendo capazes de “escrever textos com *domínio da separação de palavras*” (PCN-LP, 1997, p.80, destaque nosso), ou seja, deveriam iniciar o EF II não mais “flutuando” em relação ao registro da fronteira gráfica de palavra. No entanto, não é o que demonstram Tenani e Paranhos (2011) e Tenani (2011a, b), que apontam para a grande recorrência de dados de segmentação não-convencional de palavras em textos de escreventes de quinta série (na época da coleta) do EF II.

Enquanto objeto de pesquisa, as segmentações não-convencionais de palavras têm despertado o interesse de diferentes áreas, como a Fonoaudiologia (BACHA & MAIA, 2001; ZORZI, 2004) – que as vê como critérios de diagnóstico de distúrbios de aprendizagem; a Linguística (CAPRISTANO, 2003; CHACON, 2005; TENANI, 2010) – que as toma como dado de linguagem; e estudos de interface Linguística-Educação (CUNHA, 2004; SILVA, 2014) – que as interpreta como dado do processo de aquisição de escrita. No que se refere à Linguística – área à qual se vincula nosso trabalho – o estudo das segmentações não-convencionais de palavras tem se mostrado como relevante pois: (i) elas indiciam hipóteses dos escreventes acerca do limite da palavra gráfica; (ii) podem ser vistas como dados da organização prosódica da língua (pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico); e (iii) evidenciam hipóteses das relações entre enunciados escritos e falados.

Levando em conta essas considerações sobre o tema de investigação, propomos, como afirmado anteriormente, realizar um estudo longitudinal, de uma perspectiva linguística, das produções escritas de sete sujeitos que, à época da coleta, cursavam os quatro últimos anos do EF, com o objetivo central de verificarmos em que medida as segmentações não-convencionais de palavras podem ser vistas como evidências do modo como o escrevente representa características de enunciados falados em enunciados escritos. Decorrente desse objetivo geral, formulamos duas hipóteses, articuladas entre si, para orientar esta pesquisa, as de que as segmentações não-convencionais de palavras encontradas nas produções escritas do

EF II podem ser representativas: (1) das hipóteses dos escreventes acerca dos limites gráficos de palavra em relação aos constituintes prosódicos; e (2) da inserção do sujeito/escrevente em práticas orais e letradas constitutivas de seu aprendizado institucional da escrita.

Estabelecidas as hipóteses que orientam este trabalho, pretendemos encontrar evidências que as confirmem por meio de respostas às seguintes questões:

- que regularidades prosódicas podem ser observadas nas ocorrências de hipo e hipersegmentações?;
- em que medida a estrutura prosódica das segmentações não-convencionais de palavras (hipo e hipersegmentações) possibilita afirmar que essas grafias, em textos de escreventes do EF II, estão relacionadas à inserção dos escreventes em práticas de oralidade?;
- em que medida a estrutura prosódica das segmentações não-convencionais de palavras (hipo e hipersegmentações) possibilita afirmar que essas grafias, em textos de escreventes do EF II, estão relacionadas à inserção dos escreventes em práticas sociais de escrita?

Em busca de respostas a essas questões, nosso trabalho será orientado pelos seguintes objetivos:

- (1) identificar possíveis critérios prosódicos envolvidos nas decisões dos escreventes do EF II sobre como segmentar palavras na escrita;
- (2) observar como e em que medida as marcas de segmentação não-convencional de palavras indiciam, nos textos analisados, relações estabelecidas entre os escreventes e suas práticas sociais orais e letradas.

Apoiados em Corrêa (2004), e visando confirmar nossas hipóteses, buscaremos mostrar que as marcas linguísticas de segmentação não-convencional de palavras são marcas da heterogeneidade da escrita, heterogeneidade esta definida por meio de um modo particular de entender a relação entre o falado e o escrito vistos como práticas sociais e “inalienáveis à relação sujeito linguagem” (CORRÊA, 2004).

O desenvolvimento deste trabalho se dará em quatro seções. Na seção 1, introduziremos as concepções teóricas adotadas sobre a escrita e a prosódia, juntamente com uma síntese de trabalhos importantes sobre a segmentação não-convencional de palavra, e a apresentação de abordagens linguísticas sobre a noção de palavra, uma vez que essa noção é relevante para tratar de dados de segmentação não-convencional de palavra na escrita. Em seguida, na seção 2, exporemos o material pesquisado e a metodologia adotada neste trabalho. Na seção 3, realizaremos a descrição e análise dos dados. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e dos anexos.

1. BASES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DE USOS NÃO-CONVENCIONAIS DE FRONTEIRAS DE PALAVRAS GRÁFICAS

Nesta seção, caracterizaremos um tipo de registro escrito de palavras que não está de acordo com as convenções ortográficas, ou seja, as segmentações não-convencionais de palavras. Também explicitaremos o modo como analisaremos/entenderemos esse tipo de dado de uma perspectiva linguística. Para tanto, primeiramente, na subseção 1.1, teceremos considerações a respeito da posição teórico-metodológica de escrita que adotamos, a qual é ancorada na proposta feita por Corrêa (2004). Com base nessa concepção, explicitaremos a opção pela interpretação das segmentações não-convencionais de palavra não como “erros” originados da interferência da fala na escrita, ou como indícios de transtorno de aprendizagem, mas, sim, como marcas da multifacetada relação do escrevente com a língua(gem), como afirma Tenani (2011a).

Posteriormente, nas subseções 1.2 e 1.3, trataremos da noção de palavra. Na subseção 1.2, apresentaremos discussões sobre o tratamento dispensado a este tipo de dado de escrita por estudiosos da linguagem, bem como exporemos pesquisas, em especial aquelas voltadas ao estudo de produções textuais, que têm abordado questões relativas à presença e ausência de espaço em branco em locais não-previstos pela ortografia. Na subseção 1.3, teceremos breves considerações a respeito da noção de palavra, que pode ser definida a partir de diferentes níveis de análise linguística a depender do campo de investigação e da abordagem teórica assumida. Destacamos que, em uma abordagem linguística, a definição de palavra é vista como um desafio, uma vez que, em enunciados falados, não há critérios seguros para identificar fronteiras de palavras. No registro escrito, observaremos que diferentes critérios (fonológicos, sintáticos, morfossemânticos) podem ser identificados como motivadores dessa

instabilidade de fronteira de palavras. Desta forma, ao nos propormos a tecer relações entre estudos linguísticos sobre a noção de palavra e dados de segmentação não-convencional, partiremos da premissa de que segmentações não-convencionais sinalizam, em certa medida, a complexidade linguística da noção de palavra, trazendo elementos que permitem tratar das noções de palavra morfológica, palavra fonológica e clítico fonológico. Em seguida, na subseção 1.4, apresentaremos a concepção teórica sobre prosódia que adotaremos em nosso trabalho. Por fim, na subseção 1.5, faremos observações teóricas finais, retomando os principais aspectos discutidos nas subseções anteriores.

1.1 Concepção de escrita

Esta dissertação assume a escrita como um modo de enunciação, como propõe Corrêa (2004). Desta forma, ancoramo-nos na hipótese de que é possível estabelecer relação entre fronteiras prosódicas e registros de palavras gráficas que não estão de acordo com as convenções ortográficas. E nos distanciamos da visão segundo a qual os registros não-convencionais de fronteiras gráficas são vistos como produtos de uma relação de interferência da fala na escrita, onde a escrita é vista como mera representação da fala. Assim, ao nos colocarmos contrários à visão que defende a existência de uma dicotomia entre fala e escrita, assumimos, junto com Corrêa (2004), o caráter fundamental do dialogismo da linguagem, em geral, e a tese da heterogeneidade constitutiva da escrita, segundo a qual fala e escrita são modos de enunciação, sendo esses modos constituídos por meio de práticas sociais de usos da linguagem: práticas orais e letradas.

De acordo com Corrêa, a dicotomia entre o que se classifica como modalidades da língua só é mantida porque se olha para as práticas de escrita não como uso da linguagem,

mas como uso do sistema linguístico “puro”, como se a escrita, especialmente em sua variedade prestigiada, que é a codificada, precedesse a chamada modalidade falada da língua. Portanto, a dicotomia fala x escrita só se desfaz quando se olha tanto para o texto escrito quanto para o texto falado pressupondo que um é constitutivo do outro, levando em consideração os usos ou as práticas sociais em que se observam esses textos. Dessa maneira, a presença mais intensa ou mais contida de marcas do falado e/ou do escrito num texto está relacionada ao gênero e não a uma pretensa “pureza” de modalidades do sistema linguístico.

Na caracterização da tese da heterogeneidade da escrita, Corrêa (2004) argumenta que fala e escrita são *modos enunciativos* ligados às *práticas sociais* de oralidade e de letramento. Para o autor, modos enunciativos e práticas sociais são indissociáveis, e essa indissociabilidade é que justifica a notação conjunta oral/falado e letrado/escrito ao se referir aos usos da linguagem. Daí a conceituação do modo heterogêneo de constituição da escrita como “o encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com já falado/escrito e ouvido/lido” (CORRÊA, 2004, p.9). Vale ressaltar que, nessa definição, o autor assume o princípio bakhtiniano de dialogicidade da linguagem, ou seja, o princípio de que toda produção de linguagem é sempre resultante de um já dito/ouvido e escrito/lido.

Dando continuidade à caracterização de sua proposta, Corrêa (2004) afirma que a relação oral/falado e letrado/escrito é sempre vista a partir de outra relação: a do sujeito com a linguagem. Para o autor, essa relação é fundamental, já que é possível recuperar por ela “a presença das práticas sociais na produção discursiva de seus agentes” (CORRÊA, 2004, p. 9). Dessa forma, o sujeito, por estar inserido em inúmeras práticas sociais de linguagem (tanto orais/faladas, quanto letradas/escritas), ao enunciar, circula dialogicamente por elas, deixando “pontos de ruptura da cadeia discursiva que denunciam a circulação do escrevente pela

imagem que ele faz da (sua) escrita, evidenciando a heterogeneidade que os (a ele a sua escrita) constitui” (CORRÊA, 2004, p.34).

Corrêa (2004) propõe observar a circulação do escrevente por três eixos de representação da escrita: 1) o da imagem que o escrevente faz da gênese da (sua) escrita; 2) o da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado; e 3) o da representação que o escrevente faz da escrita em sua dialogia com já falado/escrito. Segundo o autor, esses três eixos se estabelecem como lugares privilegiados de observação e de reconhecimento da circulação dialógica do escrevente na produção de um modo heterogêneo de constituição da escrita.

Em nossa análise, em virtude de nossos objetivos, privilegiamos a ação dos dois primeiros eixos propostos por Corrêa, não ignorando, porém, a ação do terceiro eixo. Como este é uma articulação dos dois primeiros, optamos (em razão dos limites de uma dissertação de mestrado) por nos concentrar nas marcas do trânsito do escrevente por práticas de oralidade (no que diz respeito à sua ancoragem no imaginário que faz na gênese da sua escrita – nas tentativas de “transcrever”, na escrita, características do oral/falado) e nas marcas do trânsito do escrevente por práticas de letramento (no que diz respeito à sua ancoragem no imaginário que faz do código escrito institucionalizado – ao realizar, em sua produção textual, tentativas de alçamento ao que seja uma escrita supostamente mais “adequada”).

Objetivando uma caracterização mais específica de cada um dos eixos que privilegiamos, passamos a detalhar cada um deles.

O primeiro eixo, relativo à escrita em sua suposta gênese, faz referência à ocasião em que o escrevente acaba por assumir a escrita “como a representação integral do oral/falado, supondo-o como plasmado ao escrito” (CORRÊA, 2004, p.46). No que se refere a esse eixo, buscaremos agrupar as marcas linguísticas de segmentação não-convencional de palavra que

apontem para o que Corrêa demonstra como “tentativa de representação do planejamento conversacional e do jogo argumentativo prosodicamente marcado” (CORRÊA, 2004, p.81).

Pelos três eixos, Corrêa (2004) indica ser possível verificar o modo como o escrevente se marca na sua escrita. Dentre os aspectos observados pelo autor em relação a esse primeiro eixo, destacamos: “o caráter de novidade de sua intervenção” (2004, p.82), como marcas da sua individuação histórica; a “aproximação e envolvimento entre os interlocutores” (2004, p.82); e a “aproximação entre (sua) escrita e seu mundo” (2004, p.129).

Damos destaque ainda às considerações do autor no sentido de advertir sobre a abordagem da gênese da escrita em si mesma. Nas palavras do autor:

Abordá-la em si mesma – ainda que não localizando-a num acontecimento datado, num indivíduo-fonte e num texto determinado – seria comprometer-me com um enfoque descritivo das suas marcas e do contexto de seu aparecimento, bem como, em alguma medida, até mesmo com uma concepção de escrita tomada como representação da oralidade. (CORRÊA, 2004, p.88)

Em outros dizeres, tomar a gênese da escrita em si mesma seria estar envolvido com um ponto de vista descritivo das marcas linguísticas e do contexto de seu aparecimento, o que reforçaria o mito de que o escrito seria o reflexo do falado. Para tanto, as marcas que indiciam a representação da escrita em sua suposta gênese não se encontram relacionadas a um ponto de vista que toma a relação entre o falado e o escrito como uma questão de interferência, uma vez que apontam para o reconhecimento de modalidades puras da linguagem e não para a heterogeneidade constitutiva tanto do falado quanto do escrito, modos de enunciação que podem ser localizados tanto nas práticas sociais de letramento como nas de oralidade.

Muitas são as marcas linguísticas que podem evidenciar a circulação do escrevente pela gênese da escrita; no entanto, elegemos uma que, dada sua relevância nos enunciados falados, o escrevente plasma com muita frequência em seus enunciados escritos: a prosódia, que se mostra mobilizada na configuração da representação de palavras. Dito de outra

maneira, buscaremos, em nossos dados, ao tratar da circulação do escrevente pela gênese da (sua) escrita, indícios que nos apontem características da circulação do escrevente por práticas orais/faladas.

A escolha por considerar a prosódia não se deu de maneira aleatória. Ela se encontra apoiada em trabalhos como os de Abaurre e Cagliari (1985) e de Abaurre (1988, 1991), cujos resultados apontam que as formas não-convencionais de uso do espaço em branco na escrita estão envolvidas com questões rítmico-prosódicas, como também parecem obedecer a princípios que estão na base da constituição de constituintes prosódicos, como os propostos por Nespor e Vogel (1986). Quanto à consideração dos constituintes prosódicos na análise de dados escritos, nos apoiamos nos trabalhos de Capristano (2003), Chacon (2004, 2005), Cunha (2004) e Tenani (2010, 2011b)⁴.

Especificaremos, na subseção 1.4, o que entendemos por constituintes prosódicos. Por ora, passemos às considerações sobre o segundo eixo da circulação dialógica do escrevente, a saber, o eixo da escrita como representação do código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2004).

A opção por estabelecer relação entre a atribuição de espaços em branco não-convencionais na escrita e o imaginário em torno do código escrito institucionalizado deve-se ao fato de reconhecermos que a circulação dos escreventes por práticas sociais, nas quais se constrói certo imaginário sobre o código escrito institucionalizado, especialmente aquele estabelecido pelo contexto escolar, pode ter sido um propulsor no surgimento das dúvidas sobre qual a segmentação dos enunciados em palavras na escrita.

Na tradição escolar brasileira, segundo Corrêa (2004, p.59, grifos do autor), “esse imaginário toma como referência a *escrita culta formal*”, ou seja, a escrita socialmente reconhecida como norma, sendo as marcas do oral/falado que nela eventualmente possam

⁴ Os trabalhos ora mencionados serão mais bem detalhados na seção 1.2.

aparecer consideradas como desvios e erros em relação ao que foi instituído. De acordo com o autor, não se deve atribuir a imagem do código escrito institucionalizado apenas à escolarização, já que letramento é “um processo linguístico social (não apenas escolar) em que as diversas práticas letradas/escritas estão inseparavelmente ligadas entre si e convivem com as do oral/falado” (CORRÊA, 2004, p.59). Em outras palavras, ao elaborar sua escrita, o escrevente está lidando com o que supõe ser – não só com o que aprendeu na escola, mas, também, com o que assimilou fora dela – a visão escolarizada do código institucionalizado que conhece.

De acordo com o autor, o que condicionaria o surgimento de marcas linguísticas indiciadoras da representação que o escrevente faz do código escrito institucionalizado “é sempre o caráter de réplica – em geral, tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar tradicional” (CORRÊA, 2004, p.168). Nesta tentativa de adequação da (sua) escrita à prática escolar tradicional, o escrevente é levado, frequentemente, “a exceder-se numa caracterização do texto baseada em características que ele supõe como próprias (e até exclusivas) da escrita” (CORRÊA, 2004, p.166). Podemos concluir, por meio dessa última afirmação, que o autor busca chamar a atenção para o fato de que os encontros entre o oral/falado e o letrado/escrito, neste eixo, são evidenciados sempre que o escrevente leva ao extremo uma imagem sobre o código escrito, isto é, nesse eixo de circulação dialógica, os encontros entre as práticas sociais se mostrariam pelo excesso.

Baseando-se em diferentes considerações, Corrêa (2004) elenca quatro características fundamentais da circulação pelo segundo eixo: (1) a verificação da identidade entre escrita e língua, tendo como consequência uma padronização da língua; (2) a relação entre escrita e planificação, que se relaciona à maneira pela qual a escrita é vista como lugar de anulação do escrevente; (3) a influência do produto escrito no processo de escrever e a consequente padronização do sujeito; e, finalmente, (4) a não-percepção, pelo escrevente, da *relevância*

social da escrita, como consequência da limitação que o escrevente tem no desenvolvimento de sua escrita, “escassez que começa na alfabetização e que segue até a escrita adulta” (CORRÊA, 2004, p.180).

Cabe aqui observar que as considerações feitas até o momento sobre escrita estão articuladas à opção que fizemos pela busca de marcas da imagem que os escreventes do EF II fazem do que supõem ser a escrita privilegiada pela instituição escolar – a imagem que o escrevente faz, a partir da (sua) visão escolarizada de código institucionalmente estabelecido – na medida em que as segmentações não-convencionais de palavras que estamos considerando se assemelham, e muito, com as marcas deixadas pelos vestibulandos estudados por Corrêa (2004) na produção de redações para o vestibular. A diferença entre os dados que analisamos e os dados privilegiados por Corrêa (2004) está no que podemos chamar de uma maior convivência dos escreventes observados pelo autor com as convenções da escrita institucionalizada, em especial com a escrita escolar, em relação aos escreventes aqui estudados, haja vista que neste estudo se trata de alunos que não completaram a etapa básica do ensino fundamental. Acrescenta-se a esta diferença o fato de que abordaremos apenas dois recursos gráficos da escrita – o branco e o hífen – em apenas uma de suas ocorrências – seus usos não-convencionais na representação de fronteiras gráficas de palavras.

Vale ressaltar que, ao observar a escrita do EF II em relação a este eixo de circulação do escrevente, este trabalho se afasta de estudos, por exemplo, como o de Koch (1997), os quais têm evidenciado que os sujeitos, ao escrever – na escola ou fora dela –, estariam tentando transpor para o que denominam de modalidade escrita suas reflexões acerca do que chamam de modalidade oral e/ou suas experiências com a fala. Supor que exista tal transposição é ingênuo, como afirma Abaurre (1988); tal suposição estaria ligada, a nosso ver, ao modo ingênuo com que são abordadas as relações entre oralidade/letramento e/ou fala/escrita. Para nós, qualquer exemplar de escrita, em nossa sociedade, “é sempre o produto

do trânsito entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas” (CORRÊA, 2001, p.142). Desta forma, consideramos que os escreventes, antes mesmo de ingressar em instituições escolares, já se encontram inseridos em práticas sociais de usos da escrita.

Explicitada a posição teórica acerca da concepção de escrita adotada nesta pesquisa, passemos à apresentação de estudos que abordam a temática das segmentações não-convencionais de palavras.

1.2 Usos não-convencionais de fronteiras de palavra

Diversos trabalhos voltados à aquisição da escrita infantil têm cada vez mais se interessado por questões referentes às segmentações não-convencionais de palavras. Esse interesse parece ser fruto, sobretudo, da frequência com que esse tipo de dado pode ser encontrado nas produções escritas de crianças das séries iniciais e da busca por critérios que possam, além de explicar o funcionamento das segmentações não-convencionais, auxiliar na elaboração de hipóteses sobre como se daria o processo de aquisição da língua em seu modo de enunciação escrito.

Nesse cenário, há trabalhos, como, por exemplo, o de Koch (1997), que caracterizam a segmentação gráfica realizada de forma não-convencional como um *problema* de escrita infantil relacionado, diretamente, a interferências que o modelo de texto falado, já construído pela criança, produziria na sua escrita. Para a autora, ocorrências de segmentação para menos (que optamos por chamar de hipossegmentações) são resultado do que a criança aprende como vocábulo fonológico, conceito extraído de Câmara Jr. Por outro lado, ocorrências de segmentação para mais (as quais optamos por chamar de hipersegmentações) são resultado de

tentativas da criança de efetuar uma segmentação gráfica adequada, o que acaba, por vezes, “caindo no extremo oposto, ou seja, ‘picando’ demais as palavras” (KOCH, 1997, p.37).

Note-se que Koch (1997) faz afirmações categóricas a respeito do modelo de texto que a criança mobiliza nas séries iniciais (ou seja, modelo de texto oral na elaboração do texto escrito) e da motivação para ocorrência das segmentações não-convencionais de palavra como resultados da suposta interferência desse modelo oral na escrita infantil.

Considerando que a segmentação de palavra é um recurso ligado ao aspecto gráfico-visual do enunciado escrito e, portanto, ligado essencialmente à escrita, não nos parece adequada a consideração de que a criança se baseia, exclusivamente, na relação que a escrita mantém com a fala (ou, como preferimos, com a oralidade) para segmentar seu textos, como postula Koch (1997), pois há fatos que indiciam a inserção das crianças em práticas letradas, na imagem que elas têm da (sua) escrita. De acordo com Abaurre (1988), pensar que o aprendiz da escrita escreve como fala:

é uma afirmação ingênua e equivocada. [...] A tarefa que aguarda o aprendiz de escrita é bem mais complexa do que “escrever a fala” e o que é importante registrar é que ele demonstra perceber logo no início tal complexidade. [...] é possível identificar desde cedo a incorporação de aspectos convencionais, o que só pode ser explicado pelo forte apelo social das atividades de escrita e leitura. Em maior ou menor grau, a convencionalidade começa logo a ser incorporada pelas crianças, e é evidente que quanto maior for seu contato com essas atividades, no ambiente em que vive, mais atentas elas estarão para os aspectos convencionais da escrita. [...] (ABAURRE, 1988, p.136-7).

Abaurre e Cagliari (1985) afirmam que as hipóteses das crianças acerca dos limites de palavra na escrita não são categóricas. Por estarem expostos a textos escritos, os escreventes, ao segmentarem seus enunciados, estariam percebendo a existência de outros critérios para segmentação de palavra, além de critérios fonéticos de segmentação do enunciado. Para os autores, a existência de outros critérios faz com o que escrevente, algumas vezes, segmente

sua escrita “mais do que a ortografia exige, a partir da atribuição de conteúdos semânticos específicos a subpartes da palavra” (ABAURRE e CAGLIARI, 1985, p.28).

Vale salientar que, nesse trabalho, há menção ao que poderíamos interpretar como informações ligadas à inserção do escrevente em práticas letradas, especialmente nos casos em que há segmentação para mais do que o esperado pela ortografia (os casos de hipersegmentação) nos quais, para os autores, se pode inferir o reconhecimento de subpartes que corresponderiam a palavras.

Abaurre (1988) faz afirmações semelhantes às feitas em Abaurre e Cagliari (1985). Nesse trabalho posterior, a autora amplia as possibilidades de fatores que atuam na escrita infantil quando os escreventes segmentam sua escrita diferentemente do esperado pelas convenções. Para Abaurre (1988), as segmentações não-convencionais podem ser baseadas em critérios semânticos e fonéticos, além de critérios relativos à observação da própria escrita, ou, ainda, em todos esses critérios e outros, mais ou menos simultâneos, que manifestariam o comportamento epilinguístico do sujeito⁵.

Posteriormente, Abaurre (1991) trata de aspectos ligados às segmentações não-convencionais nas quais as crianças segmentam menos do que o esperado pela ortografia. Nesse trabalho, a autora observa que, ao lidar com problemas de segmentação na escrita, as crianças, frequentemente, propõem soluções gráficas que parecem ser embasadas no que elas tomam como forma canônica “preferencial” de palavra na língua. Segundo a interpretação da autora, devido à grande frequência de ocorrências em seus dados, as crianças estariam combinando suas hipóteses sobre o padrão acentual preferencial do português (paroxítono) com o número também preferencial de sílabas por palavra, indiciando que elas estariam “a elaborar, embora inconscientemente, algum conceito de palavra da língua” (ABAURRE,

⁵ Nesse trabalho, Abaurre não define o termo epilinguístico. No entanto, o termo é retomado e definido por Silva (1991): “procedimentos epilinguísticos são hesitações, reelaborações, autocorreções, etc., ou seja, são operações espontâneas com a linguagem feitas pela criança, numa atividade comunicativa, e resultam de sua progressiva tomada de consciência do objeto linguístico” (SILVA, 1991, p.38).

1991, p.204). É o que se observa, por exemplo, em segmentações não-convencionais como “cala bolso” (para “calabouço”) e “cata puta” (para “catapulta”), nas quais a criança opera com uma estrutura preferencial paroxítona de duas sílabas existentes na língua. Segundo Abaurre (1991), as tentativas de grafia das palavras segundo um critério de formas canônicas levantariam questões rítmico-prosódicas interessantes, tendo em consideração que essas grafias demonstrariam forte influência de pés binários trocaicos (alternância de uma sílaba forte e uma fraca), que são, de acordo com a autora, unidades rítmicas preferenciais do Português Brasileiro (doravante, PB). Ainda sobre essas segmentações, a autora levanta uma questão semântica interessante, isto é, essas segmentações apontariam para palavras existentes na língua, a saber, “cata” e “puta”, e, “cala” e “bolso”. No entanto, como *catapulta* e *calabouço* não são palavras frequentes na língua, supõe-se razoável a tentativa da criança de escrever palavras de seu conhecimento na tentativa de atribuir significados conhecidos a partes do enunciado.

Ainda mais, para Abaurre (1991), seria o contato com a escrita que, ao desencadear uma reflexão metalinguística por parte do falante da língua, levaria a criança ao maior domínio dos critérios convencionais de segmentação. Segundo a autora, esse domínio de critérios convencionais de segmentação diversas vezes está ligado ao fato de a criança estar imersa em práticas de leitura e escrita nas quais a escrita convencional aparece com alta frequência:

O fato de algumas crianças demonstrarem uma tendência para segmentar mais e mais cedo pode talvez ser explicado em termos de uma exposição quantitativa e qualitativamente diversa em relação à escrita, por parte dessas crianças. Muitas delas foram expostas mais cedo às atividades de leitura/escrita, o que fez com que provavelmente desenvolvessem um maior envolvimento com tais atividades e, conseqüentemente, uma maior curiosidade com relação ao funcionamento do próprio sistema alfabético da escrita do português. Oriundas de um meio mais letrado, é de certa forma natural que elas tenham percebido mais cedo a existência de espaços em branco nos textos que frequentemente manuseavam e “liam”, antes mesmo de irem para a escola (ABAURRE, 1991, p.211-12).

Nesse sentido, poderíamos dizer que o letramento e a alfabetização, para a autora, desempenhariam papéis importantes na construção de representações fonológicas, sintáticas e semânticas subjacentes a um determinado sistema linguístico. No entanto, como Abaurre (1991) observa, é impossível determinar com certeza o critério que estaria na base das escolhas das segmentações não-convencionais feitas por cada uma das crianças, devido ao fato de estarem lidando com problemas diferentes a cada instante. O que se tem são hipóteses de segmentação que poderiam ser entendidas como indícios da percepção, por parte das crianças, de unidades prosódicas superiores, como pés métricos e grupos tonais. Segundo a autora, os dados de segmentação não-convencional de palavra:

podem ser usados como argumento a favor da presença desses domínios prosódicos nas próprias representações fonológicas como as propostas nos modelos fonológicos não-lineares, uma vez que tais unidades prosódicas parecem ter algum tipo de realidade psicológica para as crianças, que frequentemente optam por delimitá-las com os espaços em branco de sua escrita inicial (ABAURRE, 1991, p.216).

Seguindo essa linha que busca motivações prosódicas para segmentações não-convencionais de palavra, há trabalhos como os de Capristano (2003), Cunha (2004), Chacon (2004, 2005), Tenani (2010, 2011b), dentre outros. Em comum, esses trabalhos embasam suas análises de segmentações não-convencionais de palavra no modelo de hierarquia prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986)⁶. Diferem entre si em função do tipo de dados de escrita considerado, se de ciclo I ou ciclo II do EF, se estudo longitudinal ou não.

Cunha (2004) propôs um estudo semi-longitudinal⁷ de segmentações não-convencionais de palavra em produções escritas de crianças da rede pública e particular de ensino, ao longo das quatro primeiras séries do EF. Após analisar as produções escritas, a autora classificou os dados em dois grandes grupos: hipossegmentações e hipersegmentações,

⁶ Considerações a respeito desse modelo teórico serão feitas na subseção 1.4.

⁷ A autora denomina ser um estudo semi-longitudinal pelo fato de, apesar de os textos terem sido produzidos ao longo das quatro primeiras séries do EF, haver um espaço de tempo muito grande entre as coletas.

além de identificar e classificar os dados que chamou de híbridos, por se tratar de ocorrência de hipo e hipersegmentação em uma mesma sequência, como, por exemplo, “mea jude” (“me ajude”) – (cf. CUNHA, 2004, p.112). A partir dessa classificação, foram analisadas variáveis de ordem linguística (tipo de palavra⁸, tonicidade⁹ e tipo de sílaba¹⁰) e extralinguística (série e tipo de escola).

Como resultados, Cunha observou a tendência de tanto as hipossegmentações quanto as hipersegmentações apresentarem seu ponto de juntura/ruptura entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica – configuração mais numerosa nos dados da autora –, ou entre duas palavras fonológicas.

Em relação a essa tendência, nos casos de hipossegmentações, como “olobo” (“o lobo”), “mileva” (“me leva”), a autora considerou que a motivação para esse tipo de junção diz respeito ao fato de as crianças, em fase inicial de aquisição da escrita, terem dificuldades para reconhecerem palavras formadas por uma ou duas letras, principalmente quando dizem respeito a palavras gramaticais átonas, como unidades autônomas da língua. Assim, as palavras gramaticais (como as preposições, as conjunções, os artigos e os pronomes) são unidas às palavras fonológicas seguintes de modo a se assemelharem com suas sílabas pretônicas. Já as hipersegmentações, como “com tigo” (“contigo”), ocorreriam pela identificação da sílaba inicial da palavra como uma possível palavra gramatical, sendo que a palavra fonológica restante dessa separação, na maioria dos casos, irá se mostrar como um pé

⁸ Com essa variável, Cunha observou as seguintes possíveis combinações: (i) palavra gramatical + palavra fonológica; (ii) palavra fonológica + palavra gramatical; (iii) palavra gramatical + palavra gramatical; e (iv) palavra fonológica + palavra fonológica. Por palavra gramatical a autora entende como “aquela que engloba segmentos que possuem apenas significado gramatical, como os clíticos” (CUNHA, 2004, p. 62). Já a palavra fonológica é aquela que “abarca a palavra lexical (que possui significado) e vai mais além, compreendendo todas as palavras que possuem um acento primário e que, embora não tenham significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para tal” (CUNHA, 2004, p.62-63).

⁹ Para a autora, a tonicidade é considerada tanto na sua atuação de proeminência dentro da palavra, como também, na sua relação no interior de um sintagma.

¹⁰ Com essa variável, a autora busca observar dois aspectos: (i) ocorrências de possíveis processos de ressilabificação (a partir da aplicação de processos de sândi); e (ii) preservação ou não da estrutura da sílaba.

métrico do tipo trocaico, o que revelaria certa tentativa de manter o padrão trocaico de acentuação de palavras (muito frequente em Português).

Em relação à tonicidade, Cunha (2004) concluiu que, para as hipossegmentações, a presença de linhas entoacionais, bem como da sílaba tônica da palavra, foram aspectos relevantes observados pelas crianças, ao passo que, nas hipersegmentações, a tonicidade foi uma motivação para as crianças preservarem o pé métrico que integra o acento primário da palavra. Sobre o tipo de sílaba, nas hipossegmentações, a autora observou que a criança, em contextos favoráveis, utilizou-se de processos de ressilabificação como a ditongação e a degeminação, como ilustrado, respectivamente, em: “siolharão” (“se olharam”) e “sisquecer” (“se esquecer”) – (cf. CUNHA, 2004, p.117).

No que diz respeito às variáveis tipo de escola e série, Cunha (2004) observou que, nos textos das crianças da escola pública, há mais ocorrências de segmentação não-convencional do que nos das crianças da escola particular. Esse resultado, de acordo com a autora, é motivado por dois fatores, a saber: “o nível de escolaridade dos pais, e um provável contato maior com a escrita, antes do ingresso na escola, favorecem a ocorrência de menos segmentações não-convencionais” (CUNHA, 2004, p.120). No que diz respeito à seriação, a autora observou, também, que, com o passar dos anos escolares, as segmentações não-convencionais tendem a ocorrer em menor número em ambas as escolas. Desta forma, a autora vê que a escola tem responsabilidades por essas mudanças, caracterizadas como “processo de transformação social” (CUNHA, 2004, p. 120)¹¹.

Cunha (2004) conclui que “os constituintes prosódicos exercem influência sobre os processos de segmentações não-convencionais” (p.122), em especial a palavra fonológica e a frase fonológica, nos casos de hipossegmentação; a sílaba e o pé métrico, nos casos de hipersegmentação.

¹¹ A nosso ver, as variáveis tipo de escola e série escolar poderiam ser consideradas como um tipo de informação letrada atuando no processo de aquisição da escrita convencional de palavras.

Dialogam com os resultados de Cunha (2004), os trabalhos de Capristano, Chacon e Tenani, mas estes diferem daquele por se desenvolverem em perspectiva de escrita distinta, na medida em que têm o propósito central comum de demonstrar que as segmentações não-convencionais no processo de aquisição da escrita resultam, simultaneamente, do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais e letradas, o que corrobora a perspectiva do *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004).

Tomando por base esse arcabouço teórico sobre escrita, esses três pesquisadores observam, nas segmentações que fogem à convenção ortográfica, o entrecruzamento de práticas orais e letradas e verificam a obediência desses dados a: (i) princípios reguladores “estabelecidos para a definição de constituintes prosódicos, tais como aqueles propostos por Nespor e Vogel (1986)” (CHACON, 2004, p.223)¹²; (ii) características possíveis dentro da convenção ortográfica do português.

No entanto, como salienta Chacon (2005), há muitos outros aspectos linguísticos-discursivos que poderiam se reportar a aspectos de práticas orais e letradas e poderiam ser abordados na análise das segmentações não-convencionais de palavras. A escolha pela análise de certas características das segmentações de palavras é feita por uma motivação metodológica, que busca observar mais atentamente a atuação da prosódia e da aquisição da convenção ortográfica, o que não significa que esses autores estejam desconsiderando outros aspectos possíveis de análise.

Diante do exposto, reafirmamos nossa escolha em abordar as segmentações não-convencionais de palavra à luz de trabalhos como os de Capristano (2003), Chacon (2004, 2005) e (2010, 2011b). Dessa maneira, esta investigação também toma como escopo a possível atuação da dimensão prosódica e ortográfica na segmentação de palavra.

¹² Todos os trabalhos a que nos referiremos que relacionaram as segmentações não-convencionais de palavras com os constituintes prosódicos, tomaram por base a descrição do modelo de fonologia prosódica de Nespor e Vogel (1986) na identificação de tais constituintes.

Dentre as pesquisas que seguem essa abordagem na análise das segmentações não-convencionais de palavra, vale retomar mais detalhadamente a de Capristano (2003), por esta demonstrar que as ocorrências de segmentação não-convencional na escrita constituem um tipo de marca que permitem detectar traços de um imaginário infantil sobre a escrita, vinculado, essencialmente, ao imaginário presente nas práticas sociais orais e letradas nas quais as crianças estariam imersas.

Para a realização de seu trabalho, Capristano (2003) tomou como material de investigação a escrita de crianças de primeira série do Ensino Fundamental e propôs a classificação das marcas de segmentação não-convencional em quatro “tipos de funcionamentos”: 1) segmentações não-convencionais resultantes de tentativas de escrita alfabética; 2) segmentações não-convencionais resultantes da oscilação entre diferentes trânsitos por constituintes prosódicos e informações sobre o código escrito institucionalizado;¹³ 3) segmentações não-convencionais resultantes da oscilação entre constituintes abaixo do domínio da palavra fonológica da hierarquia prosódica (sílabas e pé) e informações sobre o código escrito institucionalizado; e, por último, 4) segmentações não-convencionais resultantes de maior percepção de constituintes acima da palavra fonológica na hierarquia prosódica e, talvez, em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado.

Desses quatro funcionamentos, Capristano (2003) analisou mais detidamente o último, por se tratar do tipo que correspondeu ao maior número de dados. Trata-se, segundo a autora, de segmentações não-convencionais nas quais a localização dos espaços em branco permitem pensar que são sempre resultado de uma ação simultânea entre fatores de práticas sociais orais e letradas, nas quais as crianças se inseririam. Com base nos resultados de sua pesquisa, Capristano sugere a existência de dois fatores que pareceram atravessar as estruturas das

¹³ O conceito de *código escrito institucionalizado* é retirado de Corrêa (2004).

segmentações não-convencionais. O primeiro estaria mais ligado aos aspectos prosódicos; já o segundo estaria mais ligado àquilo que a autora considera como código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2004), que resultaria da imagem que as crianças teriam do que são as estruturas próprias da escrita.

Em concordância com o trabalho de Capristano (2003), Chacon (2004) expôs suas considerações a partir do terceiro tipo de funcionamento proposto pela autora. Especificamente, o autor buscou analisar “marcas de segmentação não-convencional que não parecem reproduzir diretamente padrões rítmico-entonacionais da oralidade e/ou que não se explicam com base em algoritmos como aqueles que definem constituintes da hierarquia prosódica, tal como proposta por Nespor e Vogel (1986)” (CHACON, 2004, p.225).

Para sua análise, Chacon (2004) selecionou marcas de segmentações não-convencionais produzidas por três crianças de uma primeira série (as mesmas utilizadas por Capristano (2003)), e as organizou segundo suas similaridades estruturais e regularidades de funcionamento. O autor, no desenvolvimento de seu trabalho, mostra ter encontrado estruturas bastante diferentes entre si e também em relação às convenções ortográficas. Foi observado que, poucas dessas estruturas se assemelhavam a hipossegmentações, e não coincidiam com constituintes prosódicos. Para o autor, não se deve pensar em um funcionamento hierárquico de constituintes, mas, antes, em um movimento simultâneo de alguns deles (nos exemplos desse trabalho, entre frase fonológica e pé métrico). Por hipótese, esse funcionamento seria desencadeado, segundo Chacon: (i) por uma não-sincronização entre limites de constituintes e de proeminência em constituintes; (ii) por uma ação mais forte do ritmo (evidenciado em seus dados pela ação do pé métrico) e menor de outros fatores prosódicos, pois, como o próprio autor já havia defendido, em trabalho anterior (CHACON, 1998), toda a linguagem é organizada pelo ritmo; (iii) por uma discrepância entre os dados de linguagem (as segmentações não-convencionais de palavra, no caso de seu trabalho) e os padrões dos

modelos de análise; e/ou, ainda, (iv) por correspondências gráficas e sonoras que possam estar relacionadas com palavras escritas da língua, pela ação do letramento sobre os sujeitos. Chacon (2004) termina reiterando seu posicionamento a favor da vertente teórica da heterogeneidade da escrita, por ver nessa concepção um modo mais abrangente de compreender o complexo funcionamento dessas marcas na escrita.

Em outro trabalho, Chacon (2005) propõe a análise de grafias de palavras trissílabas hipersegmentadas, objetivando demonstrar que estas seriam, verdadeiramente, produtos de um modo heterogêneo de constituição da escrita. Apoiado em um corpus formado por produções textuais de crianças de uma primeira série do EF, o autor opta pelas hipersegmentações em trissílabos por acreditar serem estas mais interessantes para a observação da ação prosódica. Chacon (2005), em sua análise, conduz sua interpretação de modo a argumentar que as rupturas ocorreram em pontos de delimitação de constituintes prosódicos como a sílaba e o pé (em suas diferentes estruturas rítmicas), indiciando, na heterogeneidade da escrita infantil, o trânsito das crianças por práticas de oralidade. O autor, ainda, acrescenta que:

nesses momentos, as crianças parecem tentar plasmar em sua escrita contrastes rítmicos que certamente detectam, sobretudo, a partir do relevo prosódico do acento na oralidade e que, por sua recorrência, padronizam-se sob forma de constituintes prosódicos da própria língua (CHACON, 2005, p.82).

Dando continuidade à sua exposição, Chacon (2005) salienta a importância de se abordarem as características das hipersegmentações que indiciam a circulação da criança por práticas letradas/escritas, pois, de acordo com o autor, se deixaria de “contemplar a complexidade desses dados de escrita infantil se nos ativéssemos apenas ao trânsito das crianças por práticas orais” (p.82). Nesse ponto, o autor destaca que, ao realizarem as rupturas dos trissílabos em um dos pontos descritos (nos limites de sílaba ou de pé) as crianças deixam

pistas de que uma parte da palavra pode ter sido reconhecida como um monossílabo da língua e, vários pés, como dissílabos.

Chacon (2005) conclui sua exposição afirmando ser impossível dissociar das hipersegmentações analisadas os vínculos com informações orais/faladas e letradas/escritas, uma vez que “por qualquer lado que se olhe para as segmentações não-convencionais (tanto a partir de seu vínculo com práticas de oralidade quanto com práticas de letramento), sempre a sua outra contraparte imediatamente se mostra” (p. 84).

Seguindo o mesmo eixo de reflexão de Capristano (2003) e Chacon (2004, 2005) acerca da abordagem da heterogeneidade constitutiva da escrita para analisar os dados de segmentação não-convencional de palavras, Tenani (2010, 2011b) pioneiramente propõe a análise de produções escritas produzidas por alunos das séries finais do Ensino Fundamental, buscando demonstrar que a dificuldade em se identificarem os limites de palavra na escrita não se limita aos escreventes em início de aquisição da escrita. Em suas pesquisas, a autora tem buscado investigar de quais soluções linguísticas os escreventes têm se valido em suas propostas de delimitação de palavras. A partir desta questão maior, Tenani vem procurando observar de quais características prosódicas e de quais aspectos da escrita se tem mais evidências nos dados de segmentações não-convencionais produzidas por escreventes do EF II, a fim de compará-los aos dados de início de aquisição da escrita.

Em relação à prosódia, Tenani (2010, 2011b) argumenta a favor da relevância dos constituintes prosódicos grupo clítico, palavra fonológica, pé métrico e sílaba para descrever e interpretar os casos de segmentação não-convencional.

Em estudo sobre segmentações não-convencionais em produções escritas de alunos de 5ª e 6ª séries, Tenani (2010), observou que, no que diz respeito a possíveis relações com os enunciados falados, esse tipo de dado parece mobilizar, predominantemente, informações sobre a organização de sílabas átonas ou como sílabas pretônicas/postônicas pertencentes a

uma palavra fonológica/prosódica ou como elementos clíticos que integram um constituinte prosódico superior à palavra. Já no que diz respeito a relações com características dos enunciados escritos, os dados parecem mobilizar, simultaneamente, informações de natureza letrada quanto à escolha de letras segundo as regras ortográficas.

Em Tenani (2011b), com uma análise transversal de dados de segmentação não-convencional em texto do ciclo II do EF, a autora verificou que, mais especificamente nas hipersegmentações, há evidências do pé troqueu dissilábico – a construção rítmica preferencial do português, como apontado por Bisol (1996), algo já observado em dados de escrita infantil por Abaurre (1991); e, nas hipossegmentações, há evidências do grupo clítico (com o predomínio de próclise).

Além de registros de proeminências dos enunciados falados, Tenani (2011b) destaca que as hipersegmentações, como “disse deram”, “dele gato”, “tarde sinha” e “cala frio”, também apresentam motivação ancorada em critérios semânticos, como observado por Abaurre (1991) em dados de escrita infantil.

Por fim, Tenani (2011b) apresenta argumentos que diferenciam as características prosódicas que se mostram relevantes no EF II daquelas relevantes para os dados do início do EF. Segundo a autora, como demonstrado nos estudos de Capristano (2003), é possível identificar todos os domínios prosódicos (U, I, ϕ , C, ω , Σ , σ)¹⁴ atuando sobre as segmentações não-convencionais produzidas por crianças. Chacon (2004) também demonstrou ser possível ver mesclas entre domínios, nos dados de crianças. No entanto, Tenani (2010, 2011b), com a análise de dados do EF II, demonstrou que as segmentações não-convencionais foram motivadas apenas por fronteiras de constituintes menores (C, ω , Σ , σ); como também, não houve ocorrências de mesclas entre domínios no conjunto de dados analisado pela autora.

¹⁴ U: enunciado fonológico, I: frase entoacional, ϕ : frase fonológica, C: grupo clítico, ω : palavra fonológica, Σ : pé métrico, σ : sílaba.

Tenani (2011b), levando em consideração informações de natureza letrada, apresenta mais diferenças possíveis de serem observadas entre o EF I e o EF II, no que se refere à segmentação não-convencional de palavras. Ao comparar dados do EF I e do EF II, a autora observa não somente os tipos de categorias gramaticais com as quais os alunos do EF II têm mais dificuldades, mas também uma diferença qualitativa entre esses dados e os produzidos por crianças em fase inicial de aquisição da escrita.

Ao analisar segmentações não-convencionais de palavra produzidas por escreventes do EF II, Tenani atenta para um fato novo, ainda não discutido nos trabalhos especializados na análise de dados de segmentação não-convencional, isto é, a recorrência de dados que envolvem a colocação do sinal gráfico hífen. Por ora, não apresentaremos considerações mais profundas a respeito do uso combinado do espaço em branco e de hífen, pois essas serão feitas nas seções 2 e 3 deste trabalho. Apenas nos restringiremos a apresentar os resultados do trabalho de Tenani (2011b) quanto aos dados que envolvem o uso do hífen.

A respeito de tais dados, Tenani (2011b) observou que os contextos que mais envolvem esse tipo de segmentação não-convencional foram: (1) casos de hipossegmentações (a maioria dos dados encontrados), ocorrências em estruturas *verbo+clítico*, como em “despistalos” (“despistá-los”); (2) casos de hipersegmentações, nos quais dois momentos pareceram mais propícios: o primeiro relacionado a (supostas) estruturas de *palavras compostas*, como, por exemplo, “mau-humor”, e o segundo relacionado, com (supostas) estruturas *verbo+clítico*, como em “estava-mos” (“estavámos”). Tenani atribui o uso do hífen ao processo de letramento dos escreventes, uma vez que a autora compreende que todos os contextos em que esse recurso gráfico apareceu de maneira não-convencional aludem a estruturas fortemente ligadas às atividades de escrita. Dessa forma, o escrevente estaria tentando alçar estruturas típicas de enunciados escritos valorizados socialmente.

Encerrando a apresentação dos trabalhos que servirão como subsídios teóricos da nossa pesquisa, passemos à próxima seção, em que apresentaremos reflexões a respeito da noção de palavra. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, deparamo-nos com a necessidade de apresentar reflexões teóricas referentes à concepção de escrita como sendo constitutivamente heterogênea, como também reflexões referentes à noção de palavra, uma vez que acreditamos que as segmentações não-convencionais de palavras sinalizam a instabilidade da unidade linguística “palavra”, isto é, sinalizam, em certa medida, as diversas formas de palavra (a saber, palavra fonológica, palavra morfológica e clítico fonológico).

1.3 Diferentes noções de palavra

Se considerado o meio gráfico, a delimitação de palavra parece ser relativamente de fácil aprendizado, mas identificar e definir o que é palavra não é tarefa das mais simples, dada a complexidade linguística desta unidade básica da escrita alfabética. Bisol (2004), por exemplo, explicita que a palavra pode ser entendida como uma unidade morfológica ou fonológica. De acordo com a autora:

A primeira [morfológica] compreende *palavras lexicais*, como *nome*, *adjetivos* e *verbos*, *classes abertas*, e *palavras funcionais* como *preposições*, *conjunção* e *determinativos*, *classes fechadas*. A segunda [fonológica] distingue palavras com acento e sem acento respectivamente *palavras fonológicas* e *clíticos* (BISOL, 2004, p. 59, grifos nossos)

Refletindo sobre as palavras da autora, iniciamos nossa discussão a partir de um “lugar” considerado problemático na definição de palavra, isto é, o comportamento de determinados afixos que demonstram a falta de isomorfismo entre os componentes fonológico e morfológico da língua. Em geral, palavras derivadas, como “beleza”, apresentam

correspondência entre palavra fonológica e palavra morfológica, já que, ao atribuir o sufixo -eza à base *belo*, a sílaba *be* perde seu acento e se torna uma sílaba pretônica. Entretanto, nem sempre a adição de um afixo a uma base resultará na perda do acento da base.

Schwindt e Quadros (2008) demonstram que palavras derivadas de afixos acentuados, como “belamente”, ao contrário da tendência geral observada para os sufixos, continuam a preservar o acento da base, evidenciando a existência de duas palavras fonológicas e, correspondendo a uma palavra morfológica.

Segundo Schwindt (2001), o mesmo problema se estenderia aos prefixos acentuados, pois, para o autor, há um comportamento ambíguo dos prefixos em PB, já que haveria aqueles que se comportariam como uma palavra fonológica independente e aqueles que se comportariam como uma sílaba átona que se afixa à esquerda de uma base. Nesse estudo, o autor propõe uma análise morfofonológica do comportamento dos prefixos do PB, procurando, dentre outros objetivos, categorizá-los quanto ao seu comportamento fonológico.

Quanto a essa categorização, Schwindt (2001), a fim de definir o *status* prosódico dos prefixos, separa-os em dois grupos: (i) prefixos composicionais (PCs); e (ii) prefixos legítimos (PLs). Aos primeiros, inserem-se os prefixos dissilábicos e os monossilábicos portadores de acento, e aos segundos inserem-se os prefixos monossilábicos desprovidos de acentos. De acordo com o pesquisador, os prefixos dissilábicos e os monossilábicos portadores de acento próprio são caracterizados como palavras fonológicas independentes (ω), ao passo que os desprovidos de acento se configuram como *sílabas átonas* (σ) ajuntas ou incorporadas à esquerda da base.

Para sustentar sua hipótese de classificação dos prefixos de acordo com o seu *status* prosódico, Schwindt (2001) os submete a três critérios de análise: (i) presença/ausência do acento, (ii) oposição entre forma livre/ forma presa, e (iii) processos fonológicos a que estiveram propensos. O autor observou que os prefixos composicionais (PCs), à semelhança

de palavras, como substantivos, adjetivos e verbos, (i) podem receber acento, (ii) são caracteristicamente formas livres¹⁵, pois podem ocorrer separadamente de uma base na estrutura sintática, funcionando como um vocábulo (como em: “João decidiu fazer uma pós.”, em que *pós* está para *pós-graduação*), e (iii) sofrem processos fonológicos típicos de palavras, como o sândi externo e a neutralização da átona final. Já os prefixos legítimos (PLs) (i) não recebem acento, portanto, caracterizam-se como sílabas átonas afixadas à esquerda de uma base, (ii) não se sustentam sozinhos na sentença, igualando-se a formas presas e, por fim, (iii) sofrem processos que ocorrem no interior da palavra, como a neutralização da pretônica, a harmonização vocálica e a assimilação da nasal. Retomaremos a forma como essas questões se revelaram nos dados de segmentação não-convencional de palavras na seção de análise dos dados.

Retomando a citação de Bisol (2004) exposta no início desta subseção, passemos a abordar um segundo “lugar” considerado problemático ao tratarmos da noção de palavra, ou seja, os clíticos, que diferem de palavras fonológicas por não portarem acento. Além da atonicidade, Bisol (2005, p.164), apresenta mais duas propriedades dadas aos clíticos: (i) são formas dependentes¹⁶ e (ii) pertencem a diferentes classes morfológicas. Quanto à primeira propriedade, fonologicamente, os clíticos são considerados dependentes em função de não serem candidatos a portarem acento, precisando apoiar-se no acento de uma palavra vizinha, do ponto de vista sintático; são sempre dependentes de palavras lexicais que irão determinar sua função em um enunciado. Em relação à segunda propriedade, os clíticos podem ser considerados palavras funcionais; no entanto, nem toda palavra funcional é um clítico, visto que há palavras funcionais acentuadas, como, por exemplo, “sobre”.

¹⁵ De acordo com Câmara Jr (1967), a forma livre é capaz de se constituir por si uma frase, enquanto que a forma presa somente aparece ligada a outra ou outras num vocábulo.

¹⁶ Para Câmara Jr. (1967), formas dependentes são formas que não são livres, pois não podem ocorrer isoladamente, e também não são formas presas, pois podem desprender-se da forma livre a que estão ligadas.

Entretanto, apesar dessas características universais, há trabalhos que discutem a natureza dos clíticos e tecem considerações sobre o *status* prosódico desse elemento, discutindo se formam ou não grupo clítico. Segundo Nespor e Vogel (1986, p.145), os clíticos são elementos que apresentariam: (i) comportamento de palavra independente; (ii) comportamento de sílaba; e (iii) comportamento específico. Considerando tais comportamentos, os clíticos poderiam ser integrados, respectivamente, aos seguintes planos da hierarquia prosódica proposta pelas autoras: (i) frase fonológica (ϕ), (ii) palavra fonológica (ω); e (iii) grupo clítico (C)¹⁷. Dentre os estudos que discutem o *status* prosódico do clítico, abordaremos os trabalhos de Bisol (2000, 2005) e Simioni (2008), por serem estudos que discutem dados do PB, mas que apresentam posicionamentos teóricos diferentes a respeito do clítico e seu lugar na estrutura prosódica.

Bisol (2000, 2005) defende a ideia de que o “clítico é prosodizado no pós-léxico junto à palavra fonológica” (BISOL, 2005, p.164), formando um constituinte prosódico, grupo clítico ou o que a pesquisadora denominou como palavra fonológica pós-lexical. De acordo com Bisol (2000), essa palavra fonológica pós-lexical seria o menor elemento pós-lexical dentro da escala prosódica:

[...] os clíticos anexam-se a uma palavra fonológica pronta, sem integrá-la, emergindo daí o primeiro constituinte pós-lexical. [...] Trata-se, independentemente do rótulo, grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical, do menor constituinte prosódico pós-lexical. (BISOL, 2000, p.19)

Ainda segundo Bisol (2000, 2005), apesar de, no nível pós-lexical, o grupo clítico apresentar um só acento, semelhantemente à palavra fonológica, isso não faz com que sua prosodização seja considerada no mesmo nível da palavra fonológica, pois, de acordo com a

¹⁷ Não é consensual a existência do grupo clítico na hierarquia prosódica. Limitamos-nos, aqui, a apresentar trabalhos que se colocam a favor de sua existência, pois uma discussão sobre sua existência ou não como constituinte prosódico extrapolaria os limites de nossa pesquisa.

autora, o grupo clítico está sujeito somente a regras pós-lexicais, enquanto que a palavra fonológica está sujeita tanto a regras lexicais quanto a pós-lexicais:

[...] clíticos isentos de propriedades lexicais e das regras que levam esse nome, mas sujeitos a regras pós-lexicais cujo contexto venham a satisfazer, são prosodizados junto a um hospedeiro no pós-léxico, formando um constituinte que, como a palavra fonológica, identifica-se pela presença de um só acento. (BISOL, 2005, p.171)

Diante de sua posição, Bisol (2000, 2005) considera que, para atingir seu *status* prosódico de grupo clítico, os clíticos devem estar sujeitos a regras pós-lexicais como: neutralização da átona final, nasalização, sonorização da fricativa, palatalização de /t/ e /d/ perante /i/. No entanto, é por meio de regras de sândi, no estudo da degeminação e da elisão, que a autora encontra o “argumento decisivo” para sua consideração (BISOL, 2000, p.25). A autora observa que a elisão, no PB, não ocorre no interior de uma palavra, porém se aplica entre o clítico e a palavra lexical:

A elisão, diferentemente da degeminação, abrange todos os domínios do pós-léxico, do menor ao maior, mas nenhum do léxico, manifestando-se exclusivamente como sândi externo. Eis um argumento seguro para sustentar a hipótese da prosodização do clítico em nível pós-lexical. (BISOL, 2000, p.28)

Apesar de os argumentos de Bisol (2000, 2005) corroborarem a hipótese da prosodização do clítico em nível pós-lexical, justificando, assim, a existência do grupo clítico no interior da escala prosódica, há trabalhos, como o de Simioni (2008), que refutam a existência de um constituinte prosódico como o grupo clítico. De acordo com Simioni (2008), as evidências apontam para a prosodização do clítico como anexado a uma frase fonológica, isto é, o clítico não se incorporaria ou se adjungiria a uma palavra fonológica, no PB. Para chegar a essa posição, a autora valeu-se de um arcabouço teórico baseado em restrições de

Dominância Prosódica (Layeredness; Headedness; Exaustividade; Não-recursividade)¹⁸ e Restrições de Alinhamento¹⁹ – (cf. SIMIONI, 2008, p. 439 e 441). Em favor a sua proposta, Simioni (2008, p.440) apresenta e discute quatro possibilidades de inserção prosódica dos clíticos, que são as dadas em (1):

- (1) (i) (cl (lex) ω) ϕ ;²⁰
 (ii) ((cl (lex) ω) ω) ϕ ;
 (iii) ((cl lex) ω) ϕ ;
 (iv) ((cl) ω (lex) ω) ϕ .

A autora defende a possibilidade de integração representada em (1.i), de acordo com a qual o clítico é anexado a uma frase fonológica, pois seria a estrutura que viola menor número

¹⁸ Para definir as restrições responsáveis pela organização das estruturas prosódicas, Simioni (2008, p.439) baseia-se em Selkirk (2004, p.466-467). Apresentamos a definição dessas restrições em (1), onde “C” representa uma categoria prosódica.

(1)

- (i) *Layeredness* Nenhum C^i domina um C^j , $j > i$, por exemplo, “nenhuma sílaba domina um pé”.
 (ii) *Headedness* Qualquer C^i deve dominar um C^{i-1} (exceto se $C^i = \sigma$), por exemplo, “uma palavra prosódica deve dominar um pé”.
 (iii) *Exaustividade* Nenhum C^i domina imediatamente um constituinte C^j , $j < i-1$, por exemplo, “nenhuma palavra prosódica domina imediatamente uma sílaba”.
 (iv) *Não-recursividade* Nenhum C^i domina C^j , $j = i$, por exemplo, “nenhum pé domina um pé”.

Segundo Selkirk (2004), essas restrições são derivadas a partir da *Strict Layer Hypothesis* que é formada por princípios conforme propõem Nespor & Vogel (1986, pág. 7).

Princípio 1: Uma unidade não-terminal da estrutura hierárquica, X^P , compõe-se de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior, X^{P-1} .

[...]

Princípio 2: Uma unidade pertencente a um nível da hierarquia deve estar exaustivamente incluída em uma unidade superior da qual faça parte.

¹⁹ Baseada em Selkirk (2004, p.468-469), Simioni (2008, p.441) apresenta as restrições de alinhamento de palavra morfológica (2) e palavra prosódica (3), onde “E” e “D” representam uma fronteira à esquerda e à direita.

(2)

(i) *Align (Lex, E; ω , E)*

A fronteira esquerda de uma palavra lexical deve coincidir com a fronteira esquerda de uma palavra prosódica.

(ii) *Align (Lex, D; ω , D)*

A fronteira direita de uma palavra lexical deve coincidir com a fronteira direita de uma palavra prosódica.

(3)

(i) *Align (ω , E; Lex, E)*

A fronteira esquerda de uma palavra prosódica deve coincidir com a fronteira esquerda de uma palavra lexical.

(ii) *Align (ω , D; Lex, D)*

A fronteira direita de uma palavra prosódica deve coincidir com a fronteira direita de uma palavra lexical.

²⁰ De acordo com Simioni (2008) cl= clítico, lex= palavra lexical, ω = palavra prosódica, ϕ = frase fonológica.

de restrições, isto é, a única restrição violada é Exaustividade, enquanto que não há violação de Alinhamento. Seria, portanto, para Simioni, a representação ótima do clítico na estrutura prosódica. Refutando as demais possibilidades, Simioni apresenta os seguintes argumentos:

1) a representação em (1.ii) violaria restrições de Não-recursividade, já que apresenta uma palavra prosódica recursiva e Exaustividade, “uma vez que uma palavra prosódica domina diretamente o clítico, ou seja, não domina um pé, tendo em vista que o clítico não é portador de relações de proeminência” (SIMIONI, 2008, p.440). Ainda mais, essa representação violaria uma restrição de alinhamento *Align* (ω , E; Lex, E), pois “à esquerda da palavra prosódica maior não há uma palavra lexical” (SIMIONI, 2008, p.441);

2) a representação em (1.iii) também violaria a restrição de Exaustividade, segundo a qual uma palavra prosódica domina um clítico. Em se tratando das restrições de alinhamento, essa representação violaria *Align* (Lex, E; ω , E), pois a fronteira esquerda da palavra lexical não está alinhada à fronteira esquerda da palavra prosódica, e *Align* (ω , E; Lex, E), pois à esquerda da palavra prosódica não há uma palavra lexical;

3) na representação em (1.iv) há uma violação a Headedness, uma vez que a primeira palavra prosódica não domina nenhum pé, tendo em vista que os clíticos são elementos não-acentuados. Essa representação também violaria as restrições de alinhamento *Align* (ω , E; Lex, E) e *Align* (ω , D; Lex, D), já que, considerando que o clítico forme uma palavra prosódica independente, não haverá nenhuma palavra lexical com a qual ele possa se alinhar.

Como observado, Bisol (2000, 2005) e Simioni (2008), baseadas em abordagens teóricas distintas, apresentam diferentes propostas de representação do clítico em PB na estrutura prosódica. Bisol (2000, 2005) defende a existência de fatos no PB que garantem evidências de o clítico constituir, com a palavra de conteúdo com que se relaciona, um constituinte prosódico pós-lexical, o grupo clítico, nos moldes de Nespor e Vogel (1986). Por

sua vez, apoiada em uma hierarquia de restrições²¹, Simioni acredita que o clítico é anexado a um domínio superior ao da palavra, ou seja, à frase fonológica, colocando-se, assim, contrária à necessidade de um constituinte prosódico que abrigue o clítico e seu hospedeiro. Esse cenário mostra que, apesar de visões distintas a respeito do domínio em que o clítico é anexado à estrutura prosódica, os clíticos no PB são interpretados seguindo uma mesma tendência, ou seja, os clíticos parecem ter *status* autônomo em relação à palavra hospedeira. Nos dados de segmentação não-convencional, observaremos que, nos casos de hipersegmentação, a presença do espaço em branco seria indício dessa autonomia prosódica de elementos clíticos na escrita. Retomaremos esse assunto na análise dos dados, na seção 3 deste trabalho.

1.4 Fonologia prosódica

Nesta subseção, apresentamos a teoria que embasa a perspectiva adotada na concepção da organização linguística da prosódia. Antes, porém, explicitamos em que medida essa perspectiva teórica sobre a prosódia está articulada, neste trabalho, à perspectiva de escrita adotada.

Ao assumirmos a concepção de escrita defendida por Corrêa (2004), acreditamos que, devido à circulação que o escrevente faz pelo imaginário sobre a constituição da (sua) escrita, em alguns momentos “ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade em que tende a igualar esses dois modos de

²¹ Com o objetivo de analisar a prosodização dos clíticos em Português Brasileiro, Simioni (2008) toma como referencial teórico a Teoria da Otimidade (McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. L. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.; PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. New Brunswick: Rutgers University: University of Colorado-Boulder, 1993).

realização da linguagem verbal” (CORRÊA, 2004, p.10), correspondendo ao que esse autor chamou de *representação da gênese da escrita pelo escrevente*.

Assim, partimos da hipótese de que os escreventes, ao formularem seus enunciados escritos, acabam se baseando, dentre outros aspectos, em componentes prosódicos da língua (cf. ABAURRE, 1991), ou seja, acabam, em grande medida, obedecendo a princípios que regem a organização de enunciados falados. Acreditamos que a intuição dos constituintes prosódicos pode estar servindo como critério para os escreventes do EF II segmentarem seus enunciados escritos, pois concebemos a prosódia como não-exclusiva dos enunciados falados, e afirmamos, juntamente com Corrêa (2004), ser possível recuperá-la nos enunciados escritos. Dito de outro modo, acreditamos ser possível observar a marcação de fatos prosódicos pela presença ou ausência de uma fronteira gráfica de palavra: o branco ou o hífen.

Antes de adentrarmos na explicitação da teoria prosódica, faz-se necessário explicitar que, segundo Scarpa (1999, p.8), o termo prosódia²² recobre, no interior dos estudos linguísticos, “uma gama variada de fenômenos que abarcam parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento, ritmo das línguas naturais”. A autora sugere, ainda, a existência de dois grandes polos de interesse no que se tem chamado de estudos prosódicos. O primeiro polo se interessaria por estudos voltados para o tratamento acústico, mensurável, instrumental de altura, intensidade e quantidade, correlatos perceptuais de frequência, volume e duração. De outro lado, existiria o interesse pelos estudos voltados para a consideração fonológica das organizações e representações dos sistemas de acento, ritmo, entoação nas línguas e suas interfaces com os demais componentes linguísticos.

²² O emprego de diferentes termos indiciam perspectivas teóricas diferentes. De acordo com Scarpa (1999, p.8) “a preferência ao termo prosódia voltou à tona pela pressão das teorias fonológicas não-lineares”, sendo “a base da argumentação em favor do uso do termo prosódia em vez de supra-segmento [...] a certeza de que os fatos fônicos segmentais e os prosódicos não são independentes.”

No interior do segundo polo definido por Scarpa (1999), podem ser incluídos os estudos que se baseiam na noção de que a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos. Nestes estudos – cf., por exemplo, Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986) – são propostos diferentes modelos de análise do componente prosódico das línguas. Em cada um dos modelos há determinadas hierarquias prosódicas constituídas por domínios prosódicos, sendo o número de domínios diferente em cada hierarquia, em decorrência do modelo adotado. Para Selkirk (1984), por exemplo, o componente prosódico da língua se organizaria em cinco domínios, enquanto que, para Nespor e Vogel (1986), a hierarquia prosódica estaria disposta em pelo menos sete domínios. Neste trabalho, adotamos o modelo desenvolvido por Nespor e Vogel (1986).

Essas autoras propuseram um modelo teórico que possibilitasse a organização da prosódia de forma hierarquicamente organizada em componentes fonológicos. Buscaram, por meio do referido modelo, demonstrar evidências de que a fala, em diferentes línguas, organiza-se hierarquicamente em constituintes prosódicos, sendo, no entanto, essa organização baseada não apenas em informações advindas do componente fonológico, mas, também, de outros subsistemas gramaticais, como o morfológico, o sintático e o semântico. No entanto, os constituintes prosódicos apresentam regras e princípios próprios, sem o compromisso de isomorfia entre as informações fonológicas e as não-fonológicas (morfológicas, sintáticas e semânticas).

Com o objetivo de caracterizar os constituintes prosódicos, Nespor e Vogel (1986) os concebem como definidos com base no mapeamento de regras de incorporação de vários componentes gramaticais e agrupados em uma estrutura hierárquica, ou arbórea, em concordância com os seguintes princípios: (i) cada unidade da hierarquia prosódica é constituída por uma das unidades da categoria imediatamente mais baixa; (ii) cada unidade consta exhaustivamente na unidade imediatamente superior da qual faz parte; (iii) os

constituintes são estruturas n-árias; e, por fim, (iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que apenas a um dos nós se atribui o valor de forte (s) e a todos os demais o valor de fraco (w) (NESPOR e VOGEL, 1986, p.7).

De acordo com esses princípios, o modelo formaliza o componente prosódico em sete constituintes, a saber (do menor para o maior): sílaba (σ), pé métrico (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U). A seguir, caracterizamos cada um desses constituintes²³:

- sílaba (σ): menor categoria prosódica. Como todo constituinte, tem um elemento dominante, ou seja, um elemento de maior sonoridade – que em Português é sempre uma vogal – e seus dominados – as consoantes ou glides que o cercam. No modelo de Nespor e Vogel (1986), a sílaba é a categoria basilar da hierarquia prosódica, sendo seu domínio a palavra fonológica, ainda que intermediada pelo pé métrico;
- pé métrico (Σ): estrutura hierárquica menor ou igual à palavra que se define pela relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas. Basicamente, é constituído por uma sequência de uma sílaba forte e certo número de sílabas relativamente fracas. Segundo Bisol (1996), o Português Brasileiro é uma língua que constrói pés binários de cabeça (acento) à esquerda, o que caracteriza um pé troqueu. Porém, há também pés binários de cabeça à direita, os pés iambo, como os pés formados por uma sequência de duas sílabas longas (a primeira em virtude do acento; a segunda, em virtude da consoante final), os chamados pés espondeus. Ainda, de acordo com Bisol (1996), a língua portuguesa, no caso das proparoxítonas, admite a existência de pés ternários, os pés dátilos, formados pela sequência de uma sílaba forte e duas fracas;

- palavra fonológica (ω): categoria que domina imediatamente o pé. Por ser um constituinte n-ário, tem um só elemento proeminente, desta forma a palavra fonológica ou

²³ As considerações que teceremos sobre cada um dos constituintes prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986) têm por base, também, reflexões feitas por Bisol (1996).

prosódica não pode ter mais do que um acento primário. É o constituinte em que ocorre a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática. No entanto, vale ressaltar, mais uma vez, que não há isomorfia entre a palavra fonológica e/ou prosódica e a palavra morfológica. Para exemplificar, citamos a palavra morfológica “guarda-roupa”, que se constitui por duas palavras fonológicas [guarda]ω [roupa]ω. No modelo de Nespor e Vogel (1986), a palavra fonológica e/ou prosódica é uma unidade prosódica dominada pelo grupo clítico e composta por um ou mais pés;

- grupo clítico (C): unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica e/ou prosódica e contém um ou mais clíticos (morfologicamente, palavras funcionais e pronomes átonos) e uma só palavra de conteúdo. Este nível hierárquico não existe em outros modelos de análise prosódica, como de Selkirk (1984), pois segundo Bisol (1996, p.251) “é comum considerar-se o clítico como elemento da palavra fonológica”. Ainda segundo Bisol (1996, p.252), os clíticos (enclíticos e proclíticos) do PB “mostram propriedades de dependência em relação à palavra seguinte ao mesmo tempo em que revelam certa independência.” Com a citação de exemplos que considera como representativos do PB, a autora chega à conclusão de que “o clítico se comporta com certa independência em relação ao vocábulo adjacente” (BISOL, 1996, p.252). Como outra evidência para a sustentação da proposta sobre a existência do grupo clítico como domínio prosódico relevante para o PB, Bisol (1996) apresenta o aparecimento neste nível hierárquico de processos de sândi. Entretanto, Bisol (1996, p.254) salienta que “tomar o clítico junto à palavra adjacente por locução [...] para exemplificar o grupo clítico como constituinte prosódico, ou tomá-lo como parte da palavra fonológica é ainda uma questão em aberto”;

- frase fonológica (φ): constituinte composto por um ou mais grupos clíticos, ou seja, “o grupo clítico propriamente dito e a palavra fonológica” (BISOL, 1996, p.254). O domínio da frase fonológica é a frase entoacional;

- frase entoacional (I): categoria prosódica definida como conjunto de frases fonológicas ou apenas uma frase fonológica que porte uma linha entoacional, delimitada por pontos em que pausas possam ocorrer;
- enunciado fonológico (U): constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Constituído por uma ou mais frases entoacionais que corresponde ao nível da sentença ou do período, ou seja, sua delimitação é feita pelo começo e fim de um constituinte oracional de natureza sintático-semântica e pelas pausas características da delimitação dessas fronteiras.

O modelo de análise prosódica servirá como uma das bases para a organização e a discussão que faremos de dados de segmentação não-convencional de palavra encontrados no material que privilegiamos para análise, já que, muitas vezes, a presença ou ausência de uma fronteira gráfica de palavra encontra-se relacionada a momentos em que o escrevente parece mostrar-se sensível a limites de constituintes prosódicos da língua, o que ratifica a afirmação de Corrêa (2004, p.116) de que a prosódia “é recuperável em diferentes pistas linguísticas que os escreventes deixam em seus enunciados escritos. Portanto, embora não seja passível de uma representação segmental, é pela articulação com outras dimensões da linguagem, recuperável nos enunciados escritos”.

1.5 Observações finais

Nesta seção, buscamos mostrar que os dados de segmentação não-convencional de palavras têm servido para argumentar sobre fatos acerca de: (i) organização prosódica em torno de constituintes, (ii) relação constitutiva entre fala e escrita e oralidade e letramento, e (iii) formulações construídas pelos escreventes sobre os limites gráficos de palavra. Para tanto, apresentamos a concepção de escrita na qual nos ancoramos, a qual vê as segmentações

não-convencionais de palavra não como erros originados da fala na escrita, ou como indício de transtorno de aprendizagem, mas, sim, como registros do modo como os escreventes deixam na (sua) escrita marcas de seu trânsito pelas práticas sociais de linguagem orais/faladas e letradas/escritas em que se inserem (CORRÊA, 2004).

Buscamos, ainda, expor o tratamento que alguns estudiosos têm fornecido aos dados referentes à presença e à ausência de espaço em branco em locais não-previstos pela ortografia, como, também, expor considerações a respeito da noção de palavra, uma vez que as segmentações não-convencionais de palavra indiciam hipóteses (gerais e singulares) com as quais os escreventes lidam durante a escrita com o do estatuto de palavra convencional. Por fim, apresentamos o modelo de fonologia prosódica de Nespor e Vogel (1986) para caracterizar os constituintes prosódicos que servirão como uma das bases para a organização e a discussão que realizaremos a respeito dos dados de segmentação não-convencional de palavras encontrados no material em análise, já que, como anunciado, acreditamos na possibilidade de atuação de domínios prosódicos, como os propostos no modelo em questão, nas hipóteses dos sujeitos/escreventes do EF II quanto à delimitação das fronteiras gráficas de palavras na escrita.

2. MATERIAL E METODOLOGIA

Nesta seção, buscaremos caracterizar o material escolhido para análise e explicitar o modo adotado para discussão dos dados selecionados. Para tanto, na subseção 2.1, apresentaremos as características do Banco de Dados resultante do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Texto no Ensino Fundamental” e a caracterização do corpus selecionado. Na subseção subsequente, serão definidos os critérios utilizados para identificação de dados de segmentação não-convencional de palavras nos textos analisados, como também será problematizada a tipologia dessas ocorrências. Na subseção 2.3, esboçaremos o modo como analisaremos os dados de segmentação não-convencional de palavra. Por fim, na subseção 2.4, apresentamos um resumo das questões tratadas nesta seção.

2.1 Caracterização do banco de dados e constituição do corpus

As ocorrências de segmentação não-convencional investigadas neste trabalho foram extraídas de textos coletados durante a execução do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Texto no Ensino Fundamental”²⁴. Por meio desse projeto, estudantes dos cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UNESP de São José do Rio Preto, desenvolveram oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção de textos de

²⁴ Esse projeto foi coordenado pelas professoras Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin e está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (GPEL/CNPq) – coordenado pelo professor Dr. Lourenço Chacon – e à linha de pesquisa “Oralidade e Letramento” do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP.

diferentes gêneros²⁵ para alunos de quinta (5ª) a oitava (8ª) séries do Ensino Fundamental em uma escola estadual dessa mesma cidade.

O projeto de extensão foi desenvolvido de 2008 a 2011 e objetivou a constituição de um banco de dados transversal e outro longitudinal. Durante o primeiro ano do projeto, foram coletados 2.752 textos de estudantes das quatro séries do Ensino Fundamental oferecidas pela escola, constituindo, desta forma, o banco de dados transversal. A partir do ano seguinte, os alunos que, em 2008, cursaram a quinta série continuaram a ter seus textos coletados, constituindo o banco longitudinal, ao longo dos ciclos III e IV do Ensino Fundamental. Dessa maneira, ao final de 2011, foi possível compilar um conjunto de textos produzidos pelos mesmos estudantes ao longo das quatro últimas séries do Ensino Fundamental. Os textos que compõem o material de análise desta dissertação constituem parte da amostra longitudinal, na medida em que foram produzidos por alunos que, à época das coletas, cursavam, em 2008, a quinta série, em 2009, a sexta série, em 2010, a sétima série, e, em 2011, a oitava série do Ensino Fundamental.

Em se tratando das oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção de textos, essas foram realizadas em aulas de Língua Portuguesa em dias previamente combinados com os professores das turmas. As oficinas aconteciam aproximadamente uma vez ao mês, e se realizavam em uma aula de cinquenta minutos. Durante essas oficinas, os pesquisadores do projeto apresentavam as propostas textuais por meio da leitura e da discussão dos textos que constituíam as coletâneas das propostas e, em seguida, os alunos eram orientados a redigirem

²⁵ As noções de gênero e tipo textual não são foco de análise e discussão desta pesquisa, pois – embora seja uma discussão pertinente – demandariam a ampliação do tema e dos objetivos definidos na pesquisa. Limita-se esta pesquisa a assumir a classificação quanto à tipologia e ao gênero previstos na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, uma vez que as oficinas de leitura, interpretação e produção textual desenvolvidas na escola para a coleta de dados atenderam a uma exigência da coordenação da escola: considerar o conteúdo trabalhado em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa, os quais, por sua vez, seguiam a Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Para exemplificar, durante o ano letivo de 2008, nas quintas séries, foram propostas produções textuais de gêneros como conto, relato de experiência, carta, principalmente.

seus textos. Quanto às orientações formais, foi solicitado aos alunos que escrevessem seus textos usando caneta esferográfica, de tinta preta ou azul, sem haver a possibilidade de fazer rascunhos a lápis. Dessa forma, os alunos realizavam uma única versão do texto, escrito diretamente na folha que, posteriormente, era entregue para o pesquisador ao final da oficina. A não-possibilidade de reescrita, ou elaboração de rascunho, é uma característica importante, pois permite, por hipótese, flagrar, no produto escrito, marcas do processo de produção escrita, possibilitando analisar a relação sujeito/linguagem.

A respeito do perfil da escola em que o projeto de extensão ocorreu, salientamos que, geograficamente, é localizada na zona sul de São José do Rio Preto, em área residencial e periférica da cidade. Recebe alunos dos bairros em seu entorno, como também de condomínios populares e bairros rurais da cidade. Desta forma, o perfil de aluno dessa escola é bem diversificado em aspectos sociais, culturais, familiares e/ou econômicos.

Passemos à caracterização do *cópus* desta pesquisa.

Conforme mencionado, foram selecionados, para a análise, os textos de alguns dos sujeitos que participaram da pesquisa, constituintes da amostra longitudinal do banco de dados em questão. Em termos quantitativos, há 3.614 textos disponíveis para estudos longitudinais. Em relação à amostra longitudinal, 124 estudantes (68 do sexo feminino e 56 do sexo masculino) foram os que participaram integralmente do projeto de extensão. Desse total, 119 alunos redigiram textos em todas as séries, chegando à somatória final de 2.495 produções de textos, sendo 611 textos redigidos na quinta série; 726 na sexta série; 477 na sétima série; e 682 na oitava série. Sendo este um estudo longitudinal, *a priori* já tínhamos um recorte do Banco de Dados para a composição do material, uma vez que, dentre todos os textos disponíveis no banco, 2.495 dizem respeito à produção de estudantes que realizaram as produções textuais nas quatro séries do ciclo II do EF.

Entretanto, o grande número de textos e de sujeitos do Banco de Dados, de certa forma, inviabilizaria um estudo com todos os sujeitos durante as quatro séries do EF II, devido às muitas e possíveis dificuldades de organização e sistematização dos dados. Foi necessário, portanto, o estabelecimento de um recorte que contemplasse, concomitantemente, um conjunto relevante tanto em termos quantitativos, na busca por possíveis regularidades dos dados, quanto em termos qualitativos, que abrigasse na análise a trajetória de cada um dos escreventes em direção (ou não) à palavra escrita convencional no decorrer do EF II.

Logo, para a eleição do número de sujeitos e de textos para fazerem parte do *corpus* desta pesquisa, tomamos como ponto de partida os dados levantados na pesquisa de iniciação científica de Paranhos (2010) (FAPESP/Proc. 2009/14491-0), em que foram utilizados 608 textos produzidos por 107 alunos, que à época da coleta cursavam a quinta série do EF II. Os 107 alunos estudados por Paranhos (2010) foram selecionados de um total de 192 alunos matriculados, no ano de 2008, em cinco turmas de quinta série, pois atenderam aos dois critérios de seleção estabelecidos naquela pesquisa, a saber: (i) alunos que fizeram a primeira e a última proposta (P1 e P6); ii) alunos que tiveram entre 100% e 85% de frequência nas oficinas oferecidas pelo projeto de extensão. Dentre os 107 alunos da pesquisa de Paranhos (2010), foram selecionados como possíveis integrantes desta pesquisa somente (i) os escreventes que produziram textos da quinta à oitava séries e (ii) escreventes que tiveram de 65% a 100% de suas produções textuais durante a quinta série com algum tipo de dado de segmentação não-convencional de palavra, ou seja, somente os alunos que apresentaram segmentações não-convencionais de palavras em quatro ou mais das seis produções textuais coletadas em 2008. Vale salientar que, para a seleção dos sujeitos para integrar o *corpus* desta pesquisa, não levamos em conta o gênero (feminino ou masculino), pois o critério que adotamos para selecionar o sujeito foi o de este ter produzido segmentações não-

convencionais em quatro ou mais textos durante o ano letivo de 2008²⁶. Por meio desse recorte, chegamos ao número de 13 alunos, como podemos observar no Quadro 1. Dentre esses 13 alunos, somente aqueles que iniciaram e terminaram o EF II na escola em questão foram selecionados. Desta forma, chegamos ao número de sete alunos para compor o corpus deste estudo, conforme visualizamos no Quadro 1 (onde “X” indica haver produção escrita do aluno).

Alunos	2008	2009	2010	2011
Z08_5A_06F	X	X	-	-
Z08_5A_15M	X	-	-	-
Z08_5A_31F	X	X	X	-
Z08_5B_15F ²⁷	X	X	X	X
Z08_5B_16F ²⁸	X	X	X	X
Z08_5B_31F ²⁹	X	X	X	X
Z08_5C_09M ³⁰	X	X	X	X
Z08_5C_13F ³¹	X	X	X	X
Z08_5C_39F ³²	X	X	X	X
Z08_5E_06F	X	X	-	-
Z08_5E_26M	X	X	-	-
Z08_5E_31F ³³	X	X	X	X
Z08_5E_33M	X	X	-	-

Quadro 1: Alunos selecionados para compor o corpus³⁴

Ao selecionarmos esses sete alunos, chegamos a um total de **163** textos para constituir o material desta pesquisa. A Tabela 1 mostra o total de textos produzidos por cada um dos sujeitos selecionados, nas diferentes séries cursadas, juntamente com o total geral de textos. Desse modo, obtivemos um corpus em que os textos são distribuídos de modo relativamente homogêneo entre as séries para cada aluno.

²⁶ Nos anos de 2008 e 2010 (quinta e sétima séries, respectivamente) foram aplicadas, em cada um dos anos letivos, seis propostas textuais. Já nos anos de 2009 e 2011 (sexta e oitava séries), foram aplicadas pelo projeto sete propostas textuais. No total, foram aplicadas durante os anos letivos de 2008 a 2011, 26 propostas temáticas. Em anexo, apresentamos as propostas textuais que foram aplicadas durante os anos letivos estudados.

²⁷ O sujeito Z08_5B_15F passará a ser identificado como S1.

²⁸ O sujeito Z08_5B_16F passará a ser identificado como S2.

²⁹ O sujeito Z08_5B_31F passará a ser identificado como S3.

³⁰ O sujeito Z08_5C_09M passará a ser identificado como S4.

³¹ O sujeito Z08_5C_13F passará a ser identificado como S5.

³² O sujeito Z08_5C_39F passará a ser identificado como S6.

³³ O sujeito Z08_5E_31F passará a ser identificado como S7.

³⁴ As linhas da tabela em destaque correspondem aos alunos selecionados para integrar o corpus desta pesquisa.

Tabela 1: Número de textos produzidos por sujeito que integra o corpus

Sujeito	Nº de produções textuais por série				Total
	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série	
S1	6	7	6	7	26
S2	5	6	4	6	21
S3	5	6	5	6	22
S4	6	4	4	6	20
S5	6	5	6	6	23
S6	6	7	6	7	26
S7	6	7	5	7	25
Total	40	42	36	45	163

Vale salientar, ainda, que, com o intuito de preservar a identidade dos alunos, bem como facilitar as citações no corpo deste trabalho, lhes atribuímos uma sigla seguida de um número. Desta forma, designamos a sigla **S** seguida de uma numeração que obedeceu à ordem em que as salas de quinta série estavam organizadas e o número de chamada que cada aluno recebeu naquela série. Assim, os sete sujeitos foram organizados em S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7. Pontuamos, também, que o corpus desta pesquisa, como já afirmado, possui 163 (cento e sessenta e três) textos, produzidos em 26 (vinte e seis) diferentes propostas temáticas. Para melhor organização desse conjunto, apresentamos nos anexos as propostas de produção textual, sendo que : de 01 a 06 são as referentes à quinta série; de 07 a 13, as referentes à sexta série; de 14 a 19, as referentes à sétima série; e de 20 a 26, as referentes à oitava série.

Após descrevermos os critérios de seleção e de organização do material utilizado nesta pesquisa, passemos à apresentação dos critérios utilizados para identificação de ocorrências de segmentação não-convencional de palavras nos textos analisados e à problematização da tipologia das ocorrências de segmentação não-convencional observadas em textos do EF II.

2.2 Caracterização dos dados

2.2.1 Discussão da tipologia

De acordo com a literatura a respeito das segmentações não-convencionais de palavras (por exemplo: Capristano, 2003; Cunha, 2004; Chacon, 2006), esse tipo de dado de escrita é classificado em **hipossegmentação**, quando há ausência do espaço em branco em locais previstos pela ortografia, como “derrepente”, ou em **hipersegmentação**, quando há a presença do espaço em branco em locais não-previstos pela ortografia, como “na quele”. Há ainda um terceiro tipo de dado que tem sido nomeado como **mescla** (CHACON, 2006) ou **híbrido** (CUNHA, 2004).

Em nossos dados, apenas uma ocorrência foi identificada como sendo do tipo mescla/híbrido, a saber: “a olado” (“ao lado”) – produzida por um aluno de sétima série. Esse dado se caracteriza por apresentar uma hiper e uma hipossegmentação, respectivamente, ou seja: primeiramente há uma ruptura dos dois clíticos “a” e “o”, posteriormente uma juntura do artigo à palavra hospedeira, que parece ser o movimento mais primeiro, pois se ancora em outros dados do mesmo sujeito. Outra explicação possível seria que esse dado se caracterizaria como sendo, primeiramente, uma hipossegmentação de “ao+lado” e, posteriormente, uma hipersegmentação do “a”, considerado como um clítico isolado³⁵. Antecipamos que esse resultado nos leva a observar que a baixa frequência desse tipo de dado parece ser um traço característico dos textos do EF II, quando comparados aos textos produzidos no EF I, como já observado anteriormente por Tenani (2011b).

Os três tipos de segmentação não-convencional ora descritos, a saber, hipossegmentação, hipersegmentação e mescla/híbridos, têm em comum o critério básico do

³⁵ Agradeço as orientações da Profa. Dra. Ana Paula Nobre da Cunha, em exame de qualificação, quanto às orientações sobre as possíveis análises desse dado.

uso não-convencional do espaço em branco em fronteira de palavra escrita. No entanto, na análise dos dados de alunos de quinta a oitava séries, encontramos ocorrências que envolvem características linguísticas e ortográficas que nos fazem refletir e assumir, juntamente com Tenani (2011b), a pertinência em considerá-las como um tipo distinto em relação aos demais tipos já estabelecidos na literatura com base no critério básico do uso do espaço em branco que define uma segmentação não-convencional. São recorrentes, no corpus constitutivo desta pesquisa, dados que envolvem a colocação não-convencional do hífen. Fez-se necessário, em nossa análise, a criação de um subtipo de hipo e hipersegmentações que abrangesse as segmentações que, além do uso não-convencional do espaço em branco, também envolvem o uso não-convencional do hífen, seja por presença ou ausência. De acordo com Tenani (2011b), a análise separada desse tipo de dado dos demais dados de hipo e de hipersegmentação é relevante, pois, nessas grafias não-convencionais de emprego discordante do hífen, estão em jogo características morfossintáticas e morfossemânticas que carecem de uma análise mais detalhada e separada das demais ocorrências.

A justificativa que nos leva a não descartar essas ocorrências de usos não-convencionais do hífen, ao menos das análises qualitativas, e a propor uma tipologia que não seja apenas definida pela presença/ausência do espaço em branco, ancora-se no fato de as ocorrências não-convencionais de emprego do hífen se apresentarem como indícios de que o escrevente tem dúvidas quanto às possibilidades de registro dos pronomes enclíticos ao verbo.

Apresentada a proposta de uma tipologia das segmentações não-convencionais que abrange não só o uso não-convencional do espaço em branco, mas, também, o uso não-convencional do hífen, fomos levados a refletir sobre uma questão metodológica importante, que diz respeito à identificação dos recursos gráficos em discordância com a convenção. Em outras palavras, fomos levados a refletir quando a presença/ausência de um recurso gráfico pode ser interpretada como uma hipossegmentação ou uma hipersegmentação.

Passemos ao item 2.2.2, no qual discutimos a interpretação dos recursos gráficos como segmentações não-convencionais de palavra.

2.2.2 Aspectos gráficos das segmentações não-convencionais

Como apresentado, Tenani (2011b) propõe-se a discutir os critérios gráficos de delimitação de palavra para o estabelecimento da tipologia de segmentações não-convencionais de palavras, em que seja somado, ao critério presença/ausência do espaço em branco, também a presença/ausência do hífen. Tendo em consideração essas observações no levantamento dos dados do corpus, nos deparamos com uma questão metodológica importante relacionada a textos manuscritos, isto é, identificar quando um recurso gráfico pode ser interpretado como uma hipossegmentação ou como uma hipersegmentação.

Em um primeiro momento, tratamos da categorização do espaço em branco, como o faz Tenani (2011b), e constatamos dois tipos de problema relacionados à identificação dos dados de hipo e hipersegmentação, a saber, dificuldade na interpretação de grafias e casos de translineação. Sobre o primeiro problema, foi necessário que voltássemos nosso olhar para os indícios da organização gráfica do texto. Mais uma vez, ancoramos nosso procedimento na proposta de Tenani (2011b) para que, ao observarmos atentamente as produções textuais das crianças, pudéssemos tomar decisões como explicitadas em (i) e (ii), a seguir:

(i) comparar a distribuição dos espaços em branco entre as palavras que se repetem ao longo do texto, para assim verificar se há diferença significativa entre seus espaços a ponto de considerar uma delas hipo ou hipersegmentada. Exemplos são dados por meio das Figuras 1 e 2:

A maioria dos pais quer que o filho
 faça uma faculdade que o filho não quer seguir,
 e o adolescente acaba fazendo **o que** não quer e
 não trabalha com **o que** fez.
 Com o mundo de hoje, o adolescente, acaba
 não sabendo **o que** fez, e acaba entrando em um
 mundo errado ~~em~~ um mundo de drogas e acaba
 sendo um bandido.

Figura 1: S5 (Z11_8A_10F_07)

— Oi o meu nome é Diego eu vou com a
 mãe sendo eu, **Queria** i para ~~a~~ pequim eu
que sua ~~ela~~ eu jogar olimpico, de la com a
 o ~~caida~~ eu jogar eu vou imbrar de pequim
 dela eu **Queria** i para ~~o~~ paraguai compra
 uma bike um pc o mais.

Figura 2: S4 (Z08_5C_09M_03)

(ii) fazer a comparação da grafia do contexto relevante com as demais grafias com contexto segmental semelhante que permanecem não-categorizáveis quanto à presença/ausência de espaço em branco em relação à convenção ortográfica, para se chegar à conclusão de que se trata, ou não, de uma segmentação não-convencional de palavra. Por exemplo, na Figura 3, na grafia de “minha”, observa-se um espaçamento entre “mi” e “nha” que poderia ser considerada como um possível dado de segmentação não-convencional de palavra. Entretanto, ao compararmos as grafias de <i> ao longo do texto, constatamos que o escrevente as produz de tal modo que, por vezes, há algum espaçamento que foge ao esperado para o traçado dessa letra. Por isso, em casos como esses, para definir se essa seria ou não uma ocorrência de segmentação não-convencional de palavra, foi tomado como critério a comparação dos traçados da letra. No caso exemplificado de <i>, observou-se, ao longo do texto, a distribuição do espaço em branco entre as demais palavras do texto. Feita essa

comparação, pode-se definir que essa não é uma ocorrência de segmentação não-convencional de palavra.

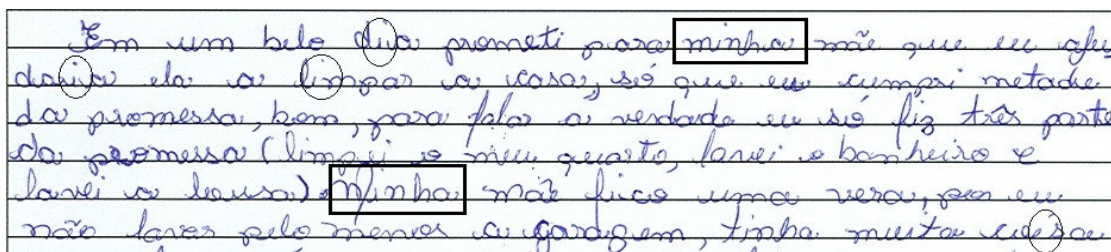


Figura 3: S6 (Z09_6A_05F_01)

Em se tratando do segundo problema relacionado aos dados de segmentação não-convencional de palavras, temos os dados envolvendo translineação, como apontou Tenani (2011b). Nos textos escritos, a translineação ocorre devido à necessidade de se dividir uma palavra em duas linhas, de maneira que parte da palavra fica no final de uma linha e o restante da palavra no início da linha seguinte. Ortograficamente, o hífen é usado para marcar a translineação logo após à primeira divisão da palavra. No corpus, observamos casos como o da Figura 4, em que há grafias com a característica da translineação, as quais, porém não foram sinalizadas com a inserção do hífen. Optamos por desconsiderá-las como ocorrências de segmentação não-convencional de palavras, por serem interpretadas como questão de translineação e não de dúvida de segmentação de palavra.

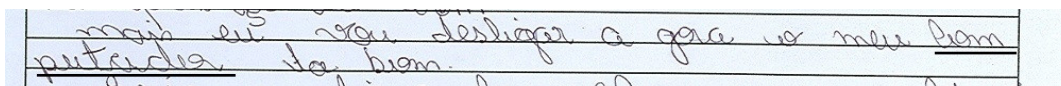


Figura 4: S3 (Z08_5B_31F_04)

Em relação ao emprego do hífen, observamos, durante o levantamento dos dados, quatro tipos de uso não-convencional desse recurso gráfico, como podemos observar no

Quadro 2 (a partir de Tenani (2011b)), dos quais dois foram excluídos de nossa análise³⁶. Os usos excluídos referem-se às grafias como “montanha russa”, em que há ausência do hífen em uma palavra composta, e as grafias como “pra-la” e “por-isso”, em que a presença não-convencional do hífen gera uma suposta relação morfossintática entre palavras:

CARACTERÍSTICA	DADO	OBSERVAÇÕES
Ausência do branco e ausência de hífen	pegala (5ª)	Caso de hipossegmentação
Presença de branco e ausência de hífen	montanha russa (5ª)	Não é segmentação não-convencional
Presença de hífen dentro da palavra	aparese-se (5ª), vira-se (7ª)	Caso de hipersegmentação
Presença do hífen nos demais contextos	pra-la (5ª), por-isso (7ª)	Não é segmentação não-convencional

Quadro 2: Segmentação não-convencional de palavra e uso de hífen

As características listadas para os dados que envolvem os usos não-convencionais de hífen nos fazem retomar a definição do que seja hífen, por um lado, e do que seja segmentação não-convencional de palavra, por outro lado, como faz Tenani (2011b). De acordo com a literatura, a segmentação não-convencional de palavra pode ser definida como usos do espaço em branco que sinalizam fronteiras de palavras escritas que não atendem às convenções ortográficas. Segundo Tenani (2011b), esse tipo de definição privilegiaria:

apenas o aspecto funcional que o ‘branco’ tem de delimitar fronteiras de palavra e não abarca o fato de haver usos não-convencionais do hífen o qual, em seu aspecto gráfico, é definido por um traço e, em seu aspecto funcional, por uma natureza ‘dupla’, pois sinaliza certos tipos de relações entre palavras de modo que as delimita e as une. (p. 9, grifos da autora)

Ainda, segundo a autora, a natureza dupla do hífen está na sua própria definição registrada em dicionários, como podemos observar nos exemplos a seguir:

³⁶ Para esse estudo, optamos por analisar dados de uso não-convencional de hífen em que se encontram envolvidos, em especial, pronomes átonos. A análise e discussão de dados como “montanha russa” e “por-isso”, que demandariam a criação de categorias que envolvem dados de hífen, nos propomos realizar em estudos futuros.

“Sinal diacrítico (-) usado para ligar os elementos de palavras compostas (couve-flor; ex-presidente), para unir pronomes átonos a verbos (ofereceram-me; vê-lo-ei) e para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes (ca-/sa; compa-/nheiro).” (Dicionário Aurélio)³⁷

“Sinal gráfico que une: elementos de um composto, um verbo a pronomes oblíquos enclíticos e mesoclíticos; e indica partição de sílabas de um vocábulo; traço de união” (Dicionário Michaelis on line)³⁸

“Sinal em forma de um pequeno traço horizontal (-), us. para unir os elementos de palavras compostas, separar sílabas em final de linha e marcar ligações enclíticas e mesoclíticas (p.ex., em guarda-chuva, aboli-/ção, telefonaram-lhe, fá-lo-ei); risca de união, traço de união, tirete” (Dicionário Houaiss)³⁹

Diante desse quadro, defendemos, junto com Tenani (2011a, b), ser relevante analisar os usos combinados de espaço em branco e de hífen separadamente, pois esse tipo de dado pode nos mostrar, de modo privilegiado, evidências sobre a mobilização de informações letradas a respeito dos limites de palavras na língua, ao passo que, hipoteticamente, as grafias não-convencionais de palavras em textos do EF II trazem pistas da noção de palavra com que os escreventes estão lidando quando imersos em práticas orais/faladas e letradas/escritas.

Após a descrição de como os recursos gráficos foram interpretados como limites de segmentações não-convencionais de palavras, passemos a nos referir aos procedimentos utilizados na análise dos dados.

2.3. Forma de análise dos resultados

Na seção anterior, explicitamos as escolhas teórico-metodológicas que guiarão nossa análise por uma abordagem qualitativa e que permitirá cotejar o funcionamento das segmentações não-convencionais de palavras produzidas por alunos do EF II. No entanto, vale ressaltar que não deixaremos de buscar regularidades, por meio de um levantamento

³⁷ Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.11a.

³⁸ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=hífen>.

³⁹ Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 3.0.

quantitativo das ocorrências. Dessa maneira, nosso olhar estará voltado, de um lado, para a análise de ocorrências singulares ou únicas da escrita dos escreventes, e de outro, para aspectos que auxiliam no apontamento de regularidades linguísticas que possibilitem estabelecer generalizações.

Para tanto, depois de realizada a delimitação e a definição das fronteiras das marcas linguísticas consideradas como ocorrências de segmentação não-convencional de palavra no corpus considerado, levantamos as ocorrências de hipossegmentação e hipersegmentação nas 163 (cento e sessenta e três) produções textuais do corpus. Identificadas as ocorrências de segmentação não-convencional de palavra, fizemos (como se verá na exposição dos resultados) uma análise quantitativa desses dados, visando à observação das possíveis oscilações e tendências de ocorrência do dado no decorrer do período analisado (as quatro últimas séries do EF), como também observar a oscilação entre os sujeitos no interior de cada série e a variação de um mesmo sujeito em diferentes séries. Vale ressaltar que, nesta etapa do trabalho, estarão envolvidas mais fortemente duas vertentes dos estudos linguísticos: (1) as pesquisas sobre o componente fonético-fonológico da linguagem, sobretudo aquelas voltadas para uma organização do componente prosódico da linguagem em categorias prosódicas; (2) as pesquisas que abordam aspectos sobre letramento.

Reunidas essas marcas, destacaremos, com o objetivo de realizar uma última discussão dos resultados, algumas dessas marcas da escrita de escreventes do EF II na tentativa de observá-las a partir de dois eixos que nos parecem ser os mais visitados pelos escreventes em sua tarefa de segmentar os enunciados de suas produções textuais.

Essa etapa de análise dos resultados será baseada na metodologia de trabalho proposta por Corrêa (2004). Como já explicitado na seção 1.1, Corrêa (2004), ao propor uma abordagem que considera o trânsito do sujeito por práticas orais e letradas, cria um espaço de observação em que postula a circulação do escrevente por três eixos de representação da

escrita: (1) o da imagem que o escrevente faz da gênese da escrita; (2) o da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado; e (3) o da representação que o escrevente faz da escrita em sua dialogia com o já falado/escrito e com o já ouvido/lido. Para esse autor, esses três eixos constituem lugares privilegiados de observação e de reconhecimento da circulação dialógica do escrevente na produção de um modo heterogêneo de constituição da escrita, isto é, constituem lugares de observação do encontro entre práticas sociais orais e letradas.

Vale salientar que, nesta pesquisa, embora tenhamos optado por lidar com os dois primeiros eixos, não estamos negando a atuação do terceiro eixo na escrita dos escreventes do EF II. O terceiro eixo, como bem coloca Corrêa, tem a particularidade de funcionar como móvel de toda circulação do escrevente (cf. CORRÊA, 2001, p.153), ou seja, esse eixo mobiliza a articulação entre os dois primeiros eixos de circulação imaginária do escrevente.

2.4 Observações finais

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, uma breve descrição do Banco de Dados de onde provém o material selecionado, como também demonstramos os passos seguidos para a seleção do corpus utilizado na pesquisa. Ainda mais, trouxemos para caracterização do material utilizado a discussão sobre o estabelecimento de tipologia aos dados de segmentação não-convencional, uma vez que, ao nos debruçarmos sobre os dados de escreventes do EF II, notamos que a notação ausência/presença de espaço em branco não dava conta de um tipo de dado presente nos textos dos alunos estudados, ou seja, dados que envolvem a presença/ausência de hífen associada ao espaço em branco não-convencionalmente.

Ainda mais, explicitamos o modo como iremos proceder, na seção seguinte, na discussão dos dados de segmentação não-convencional de palavra. Por meio da descrição da forma de análise dos dados, demos destaque, baseados em Corrêa (2004), à assunção de que, ao produzirem seus textos, os escreventes estão circulando por um imaginário em torno da (sua) escrita, imaginário que buscaremos observar através da circulação dos escreventes por dois eixos de representação da escrita: (1) o da imagem que o escrevente faz da gênese da (sua) escrita; e (2) o da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado.

Na seção seguinte, com base nos pressupostos teóricos sobre, e principalmente, no modo privilegiado por Corrêa (2004) para observação do trânsito do escrevente pelo imaginário em torno da escrita, buscaremos realizar uma discussão dos resultados obtidos.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, faremos a apresentação e a discussão dos resultados. Para tanto, inicialmente (subseção 3.1), apresentaremos uma descrição geral das marcas linguísticas de segmentação não-convencional de palavras na escrita dos escreventes do EF II, bem como indicaremos os possíveis critérios prosódicos envolvidos nas segmentações de palavra na escrita. Logo em seguida, na subseção 3.2, buscaremos, baseados na observação de tais dados, promover uma discussão apoiada em dois eixos de circulação dialógica do escrevente por um imaginário em torno da escrita, conforme expusemos na seção 1. Na subseção 3.3, nos dedicaremos a tecer observações finais.

3.1 Apresentação dos resultados

Baseados nos procedimentos expostos na seção precedente, identificamos ocorrências de segmentação não-convencional de palavras nas 163 (cento e sessenta e três) produções textuais que compõem o corpus. Dessas produções, extraímos 238 ocorrências⁴⁰ de segmentação que se distanciam das convenções ortográficas. A Tabela 2, apresenta a distribuição do número de textos, número de palavras e o número de dados produzidos em cada série escolar em análise. Junto aos valores absolutos, segue uma correspondência percentual:

⁴⁰ A ocorrência “a olado”, produzida na 7ª série, é classificada de acordo com a literatura como dado híbrido, ou de mescla; por isso, foi contabilizada duas vezes, ou seja, como uma hiper e uma hipossegmentação.

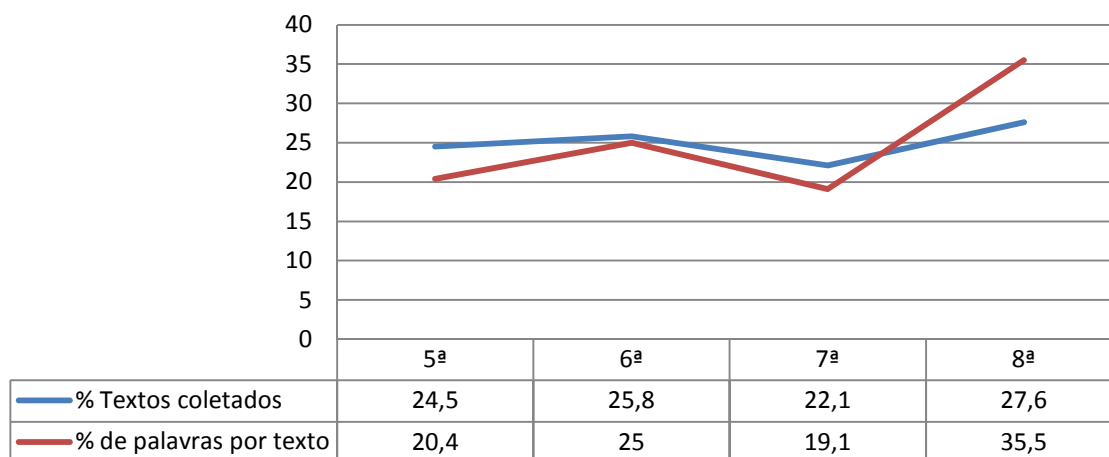
Tabela 2: Distribuição de textos, de palavras⁴¹ por texto e de segmentações não-convencionais nas séries escolares

Série	Textos coletados		Nº de palavras por texto		Nº de segmentações	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
5ª	40	24,5	5025	20,4	74	31,1
6ª	42	25,8	6173	25,0	59	24,8
7ª	36	22,1	4709	19,1	56	23,5
8ª	45	27,6	8776	35,5	49	20,6
TOTAIS	163	100	24.683	100	238	100

Da Tabela 2, podemos levantar dois pontos a serem discutidos a respeito dos dados produzidos em cada série escolar: (a) relação entre o número de textos e o número de palavras produzidas; (b) relação entre o número de palavras e o número de segmentações não-convencionais de palavras.

No que se refere ao primeiro ponto citado (relação entre o número de textos coletados e número de palavras produzidas em cada série escolar) apresentamos o Gráfico 1, que permite algumas considerações:

Gráfico 1: Relação percentual do número de textos e do número de palavras por série

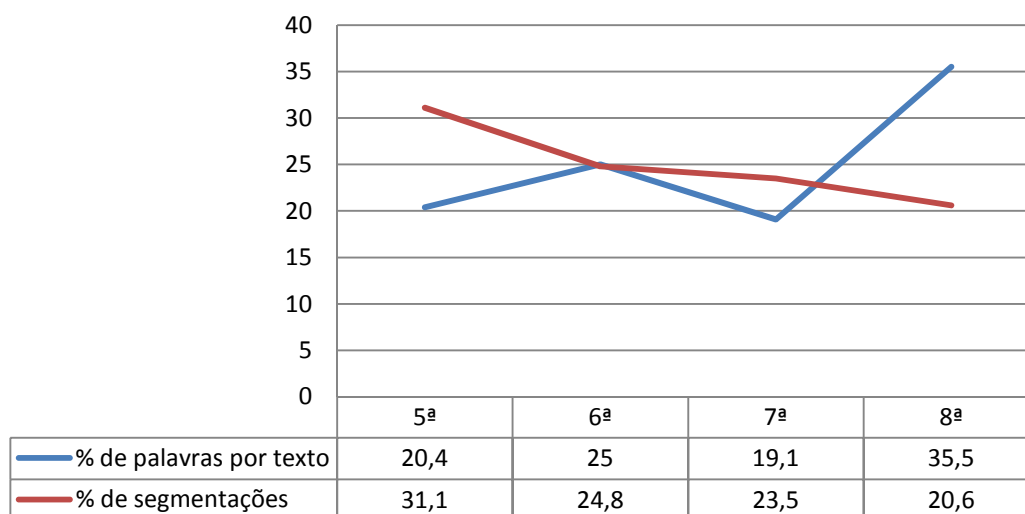


Por meio do Gráfico 1, verificamos ausência de correlação linear entre as linhas que representam o número de textos e número de palavras por texto nas séries em análise. Se

⁴¹ Para realização da contagem de palavras por texto, consideramos o número de palavras grafadas convencionalmente, totalizando, assim, o número de palavras gráficas que cada texto continha.

houvesse uma correlação entre essas linhas, esperar-se-ia que elas fossem ascendentes e paralelas; no entanto, não é o que se observa. Ao compararmos as duas linhas representantes das séries das extremidades (5ª e 8ª séries), ou seja, ao compararmos os percentuais de textos coletados e de número de palavras por texto, observamos que elas se comportam de formas distintas, pois: os alunos na 5ª série escrevem mais textos (24,5%) com menos palavras (20,4%), enquanto que na 8ª série essa relação se inverte, os alunos tendem a produzir menos textos (27,6%) com maior número de palavras (35,5%). Em relação às séries intermediárias (6ª e 7ª séries), na 6ª série há uma relação direta entre o número de textos (25,8%) e o número de palavras por texto (25%). Se todas as séries seguissem essa tendência, poderíamos dizer que haveria correlação linear entre número de textos e número de palavras por texto em comparação. Em se tratando da 7ª série, há uma queda no número de textos e no número de palavras que aproxima essa série das características observadas na quinta série. Acreditamos que o fato de a 7ª série apresentar os menores percentuais de textos e de palavras está relacionado ao fato de que nesta série alguns dos sujeitos selecionados se recusaram a realizar algumas das propostas textuais, uma vez que nas oficinas oferecidas os alunos eram convidados a realizar as produções textuais, não sendo obrigatória sua escrita.

Para discussão do segundo ponto levantado anteriormente – (b) relação entre o número de palavras e o número de segmentações não-convencionais de palavras, propomos o Gráfico 2, que nos permitirá traçar tendências entre número de palavras e número de segmentações nas séries analisadas:

Gráfico 2: Relação percentual de palavras e de segmentações por série

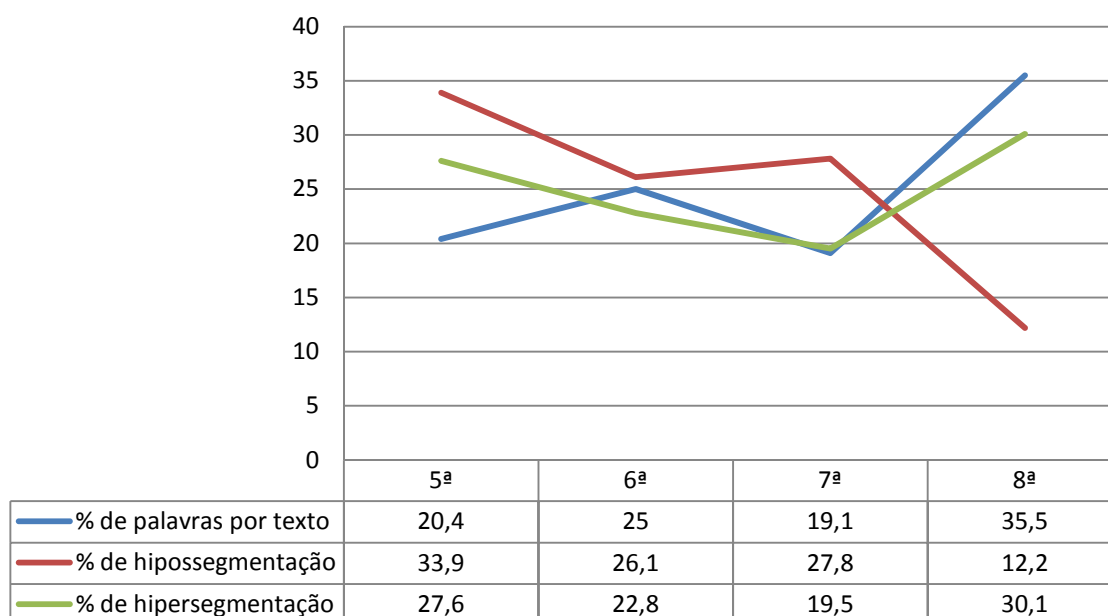
De modo geral, o Gráfico 2 nos permite afirmar que não há correlação linear entre as linhas representantes do número de palavras por texto e do número de segmentações não-convencionais de palavras, pois o percurso de ambas as linhas não se dá de forma proporcional.

Ao analisarmos as séries das extremidades (5ª e 8ª séries), observamos relações opostas, isto é, durante a 5ª série, os alunos apresentam número maior de segmentações não-convencionais de palavras (31,1%) em textos de menor extensão (20,4%), enquanto que, durante a 8ª série, apresentam textos com maior número de palavras (35,5%) e um menor número de segmentações não-convencionais de palavras (20,6%). Concluímos que, embora os alunos, durante a 5ª série, tendam a escrever menos apresentam mais erros de segmentação não-convencional de palavra, ao passo que, na 8ª série, escrevem mais e têm menos segmentações não-convencionais de palavra. O decréscimo no número de segmentações da 5ª para a 8ª também pode ser indício do maior contato desses sujeitos/alunos, no decorrer do tempo, com práticas letradas escritas, ou seja, com regras da escrita convencional, aprendidas por meio das atividades escolares, o que ocasiona uma *suposta* aproximação da escrita desses sujeitos/alunos às convenções ortográficas.

Em se tratando das curvas referentes às 6ª e 7ª séries, na 6ª série, as linhas tendem a se encontrar, o que indica que, durante essa série, além da relação proporcional já demonstrada no Gráfico 1, entre o número de textos coletados e o número de palavras, há relação proporcional entre o número de palavras (25%) e o número de segmentações não-convencionais (24,8%). Já em relação à 7ª série, quando comparada à série anterior, embora seja possível observar um decréscimo de 5,9 % no número de palavras por texto, de uma série para a outra, o mesmo não ocorre para o número de segmentações não-convencionais, que apresenta um decréscimo de apenas 1,3%. Essa relação mostra que os alunos, durante a 7ª série, embora escrevam textos com menos palavras, continuam apresentando segmentações não-convencionais de palavras em quantidade semelhante à da 6ª série. Essa semelhança possível de ser vista entre a 6ª e a 7ª demonstra que o passar de uma série para outra parece não ter auxiliado os sujeitos/alunos no estabelecimento da segmentação convencional de palavras. Esse resultado demonstra o quão complexa é o aprendizado da noção de palavra, que não tem seu desenvolvimento de maneira linear. E, ainda mais, revela a necessidade de olhar mais atento sobre o comportamento peculiar visto na 7ª série, uma vez que outros estudos a respeito desse mesmo objeto de investigação e etapa escolar (cf. TENANI, 2011b) também observaram comportamento especial nesta série.

Levando em conta os resultados mais gerais e os dois tipos de delimitação de fronteiras gráficas de palavras, ou seja, hipo e hipersegmentações, passemos à exposição de resultados que permitirão observar a distribuição das hipo e das hipersegmentações produzidas durante as séries escolares em análise. Essa distribuição permite argumentar a respeito do comportamento das hipo e das hipersegmentações em relação ao número total de palavras produzidas em cada série, além de comparar o comportamento das hipo e das hipersegmentações entre as séries:

Gráfico 3: Relação percentual entre o número de palavras e os números de hipo e hipersegmentações por série



Por meio do Gráfico 3, no que diz respeito à 5ª série, verificamos que os alunos, como afirmado anteriormente, produzem textos com poucas palavras (20,4%) e escrevem tanto com a ausência de fronteira gráfica entre palavras (33,9%), quanto com a presença de fronteira gráfica dentro de palavra (27,6%), demonstrando que iniciam o EF II sem domínio da delimitação das fronteiras gráficas de palavras.

Em se tratando da 6ª série, em comparação com a 5ª série, os alunos tendem a escrever textos com número maior de palavras e apresentam mais grafias não-convencionais que levam à junção de palavras do que à separação de palavras, ou seja, produzem um número maior de hipossegmentações (26,1%) do que hipersegmentações (22,8%).

Durante a 7ª série, apesar do decréscimo em 5,9% no número de palavras por texto da 6ª para a 7ª série, os alunos mantêm a preferência de registros pela ausência de fronteira gráfica entre palavras (27,8%) do que pela presença de fronteira gráfica dentro de palavra (19,5%).

No que tange à 8ª série, verificamos o estabelecimento de uma tendência ainda não vista nas séries anteriores, ao produzirem textos com maior número de palavras, os alunos apresentam mais registros não-convencionais referentes à presença de fronteira gráfica dentro de palavra (30,1%) do que ocorrências referentes à ausência de fronteira gráfica entre palavras (12,2%), o que sinalizaria uma tendência desses escreventes, ao terminarem o EF II, em identificar sílabas pretônicas como correspondendo a monossílabos não-acentuados, particularmente preposições (e contrações de preposição + artigo) pronomes e conjunções, que levariam às hipersegmentações na escrita. A seguir, elucidamos com exemplos trazidos por Tenani (2010) alguns monossílabos átonos que podem coincidir – em termos de cadeia fônica – com sílabas pretônicas de palavras.

Monossílabos átonos

me, se, de, da, em, na, com, por, a, e

Sílabas pretônicas de palavras

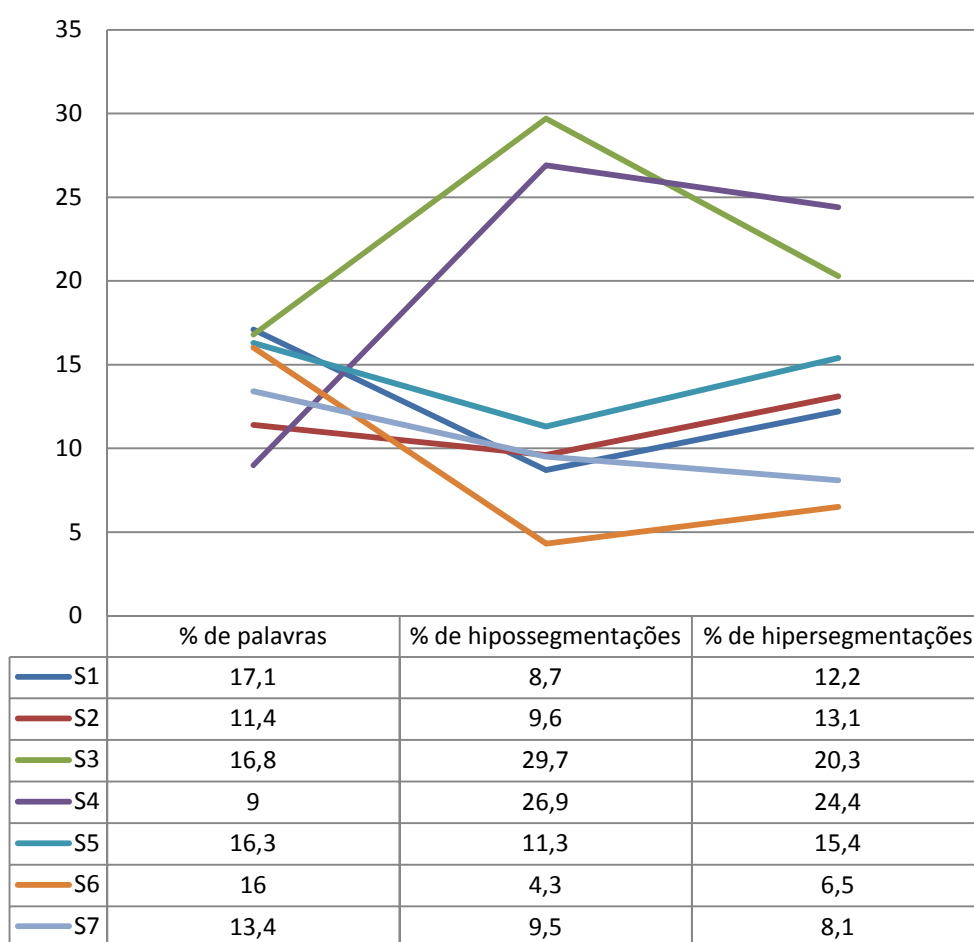
metade, serrado, devolver, daquela,
emprestar, naquela, compromisso, portanto,
 apanhou, etapa

Dado o propósito de estudo longitudinal desta dissertação, trazemos, na sequência, gráficos e tabelas que possibilitaram observar: (i) a variação na totalidade de segmentações não-convencionais (hipo e hipersegmentações) encontradas por sujeito; (ii) a variação entre os sujeitos, no interior de cada série em análise; e (iii) a variação de um mesmo sujeito em diferentes séries escolares. Vale salientar que os fatos descritos em (i), (ii) e (iii) podem ser explicados se considerarmos: (1) as diferentes histórias de inserção dos sujeitos em práticas sociais orais/letradas; e (2) os diferentes modos pelos quais os sujeitos circulam por um imaginário em torno da escrita em sua modalidade padrão.

Para discussão do primeiro fato, apresentamos o Gráfico 4 (cf. Anexo 1, Tabela A, onde se encontram os números de palavras gráficas e de hipo e de hipersegmentações produzidas por sujeitos, juntamente com suas correspondências percentuais, apresentadas no

gráfico), no qual constam informações que permitem visualizar as trajetórias dos sujeitos quanto aos registros de presença ou ausência de fronteira gráfica em sua escrita e observar a singularidade de dois sujeitos em relação aos demais; e demonstrar que a variação significativa na totalidade de segmentações não-convencionais parece não ser explicada pelas diferentes extensões (tamanhos) das produções textuais consideradas neste trabalho.

Gráfico 4: Distribuição do percentual de palavras e de hipo e de hipersegmentações por sujeito



Primeiramente, o Gráfico 4, permite afirmar que, em relação ao percentual de segmentações produzidas ao longo do EF II, relativamente os alunos produziram mais hipersegmentações do que hipossegmentações (S1, S2, S5 e S6), o que parece indicar que a

dúvida ortográfica leva à identificação de partes da palavra como correspondendo a palavras. Os sujeitos S3, S4 e S7 produziram mais hipossegmentações do que hipersegmentações, sendo os sujeitos S3 e S4 os que produzem os maiores índices de hipo e hipersegmentações quando comparados aos demais. É importante destacar que a elevada presença de dados nesses dois sujeitos pode ser interpretada como um indício de singularidade. Dito de outro modo, o fato de S3 e S4 se destacarem dos demais constitui um indício de singularidade destes sujeitos em sua relação com a escrita. Os sujeitos S3 e S4 parecem estar menos em contato com os funcionamentos mais convencionais da escrita privilegiada pela instituição escolar. Essa afirmação está ancorada, em certa medida, em Abaurre (1991), que considerou a tendência de crianças terem menos problemas de segmentação pelo fato de, frequentemente, estarem imersas em ambientes nos quais presenciariam ou participariam de práticas sociais nas quais a escrita em seu funcionamento convencional e privilegiado pela escola apareceria.

Ainda mais, a respeito do Gráfico 4, podemos comparar o total de palavras e o total de hipo e hipersegmentações produzidas por cada um dos sujeitos, a fim de observarmos se os resultados da totalidade de segmentações estão ou não vinculados ao total de palavras que cada sujeito produz. Ao fazermos essa comparação, chegamos à composição de cinco agrupamentos:

- (1) sujeito que produz elevado número de palavras e elevado número de hipo e hipersegmentações: S3;
- (2) sujeito que produz baixo número de palavras e elevado número de hipo e hipersegmentações: S4;
- (3) sujeitos que produzem elevado número de palavras e número intermediário de hipo e hipersegmentações: S1, S5;
- (4) sujeitos que produzem baixo número de palavras e número intermediário de hipo e hipersegmentações: S2 e S7.

- (5) sujeito que produz elevado número de palavras e baixo número de hipo e hipersegmentações: S6;

Com o estabelecimento desses agrupamentos, chegamos à conclusão de que a variação na totalidade de segmentações não-convencionais de palavra parece não ser explicada pelas diferentes extensões (número de palavras) das produções textuais dos sujeitos em análise. Ou seja, o fato de um sujeito ter produzido maior quantidade de segmentações não-convencionais de palavra parece não estar relacionado ao fato de ter escrito textos com maior número de palavras, ou vice-versa.

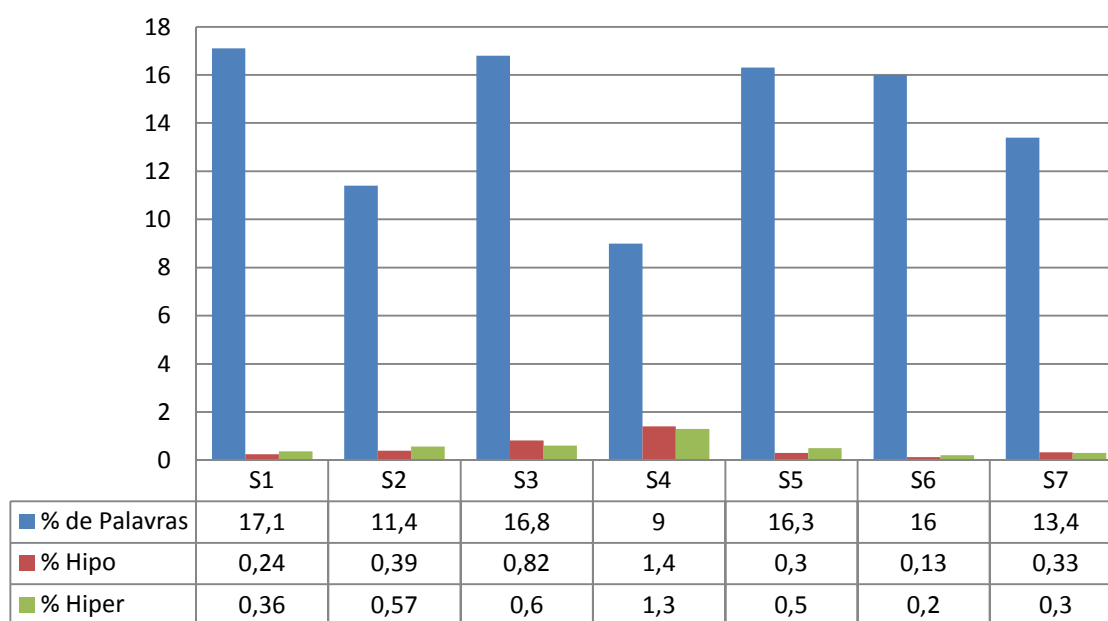
Veja, por exemplo, para os sujeitos S4 e S6, o número de palavras por texto e o número de segmentações não-convencionais que identificamos são bastante diferentes. Enquanto o sujeito S4 produz textos menores que totalizam 2.222 palavras (cf. Anexo 1, Tabela A) e 61 segmentações não-convencionais (32 hipo e 29 hiper); o sujeito S6 produz textos maiores, totalizando 3.938 palavras (cf. Anexo 1, Tabela A), com 13 segmentações não-convencionais de palavras (5 hipo e 8 hiper).

Esse resultado se mostra contrário aos resultados encontrados por Capristano (2003), que, na análise de dados de escreventes do início do processo de aquisição da escrita (a saber, dados de uma 1ª série do EF I), observou correlação entre o número de palavras e o número de segmentações não-convencionais de palavras por texto. Ou seja, essa autora, ao analisar dados de crianças no início do processo de aquisição da escrita, verificou que a variação na totalidade das segmentações não-convencionais por sujeito está correlacionada às diferentes extensões (tamanho, definido em termos de número de palavras) das produções textuais dos escreventes, variação que parece não seguir a mesma tendência, quando consideramos escreventes do ciclo II do EF, que já passaram por mais anos de escolarização.

Ademais, sobre a comparação entre o número de palavras e o número de segmentações, apresentamos o Gráfico 5 (cf. Anexo 1, Tabelas B e C), a fim de observamos

quanto as segmentações não-convencionais são expressivas na escrita dos sujeitos. Por meio deste gráfico, é possível verificar a relação das hipo e hipersegmentações no total de palavras escritas por cada sujeito:

Gráfico 5: Percentual de hipo e de hipersegmentações em relação ao percentual de palavras gráficas por sujeito



Analisando o Gráfico 5, identificamos três trajetórias que indiciam o quanto as segmentações não-convencionais são representativas na escrita dos sujeitos. A primeira é composta pelos sujeitos S1, S5, S6 e S7, cujas segmentações não-convencionais de palavras são relativamente poucas, considerados os sujeitos da pesquisa. A segunda trajetória é formada por um escrevente – S4 – que, quando comparado aos demais, apresenta maior número de segmentações não-convencionais de palavras em relação ao que escreve, o que acaba por dar um caráter singular a esse sujeito. A terceira trajetória é constituída pelos sujeitos S2 e S3, cujas segmentações não-convencionais de palavra em relação às suas produções escritas poderiam ser classificadas como intermediárias, quando comparadas à quantidade dessas mesmas ocorrências para os demais sujeitos.

A fim de observar (ii) a variação entre os sujeitos no interior de cada série em análise e (iii) a variação de um mesmo sujeito em diferentes séries escolares, vejamos, na sequência, como o total de hipo e de hipersegmentações se distribui no decorrer das quatro séries escolares do EF II.

Tabela 3: Número de hipossegmentações produzidas por cada sujeito em cada série escolar

Sujeito	HIPOSEGMENTAÇÃO							
	5 ^a		6 ^a		7 ^a		8 ^a	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
S1	5	4,3	4	3,5	0	0	1	0,9
S2	1	0,9	5	4,3	3	2,6	2	1,7
S3	5	4,3	9	7,8	16	13,9	4	3,5
S4	17	14,8	1	0,9	10	8,7	3	2,6
S5	6	5,2	5	4,3	1	0,9	1	0,9
S6	1	0,9	2	1,7	1	0,9	1	0,9
S7	4	3,5	4	3,5	1	0,9	2	1,7
Totais	39	33,9	30	26	32	27,9	14	12,2

Tabela 4: Número de hipersegmentações produzidas por cada sujeito em cada série escolar

Sujeito	HIPERSEGMENTAÇÃO							
	5 ^a		6 ^a		7 ^a		8 ^a	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
S1	3	2,4	2	1,6	1	0,8	9	7,3
S2	5	4,1	7	5,8	1	0,8	3	2,4
S3	6	4,9	9	7,3	5	4,1	5	4,1
S4	13	10,6	3	2,4	6	4,9	8	6,5
S5	2	1,6	6	4,9	6	4,9	5	4,1
S6	3	2,4	1	0,8	2	1,6	2	1,6
S7	2	1,6	0	0	3	2,4	5	4,1
Totais	34	27,6	28	22,8	24	19,5	37	30,1

As Tabelas 3 e 4 permitem estabelecer três tendências de hipo e hipersegmentações realizadas pelos sujeitos. A primeira tendência é composta por sujeitos que produzem altos números, tanto de hipo, quanto de hipersegmentação. A segunda é formada por sujeitos que não apresentam ocorrências ou produzem relativamente poucas ocorrências de hipo ou de hipersegmentação. E a terceira tendência é formada por sujeitos que produzem um número relativamente intermediário de hipo ou hipersegmentação.

Estabelecidas essas tendências, tecemos nossas considerações a respeito do fato (ii), observando, primeiramente, as produções de hipossegmentação dos sujeitos no interior de cada série. Na quinta série, verificamos que os sujeitos se encaixam nas três tendências, sendo que, apenas um sujeito (S4) se enquadra na primeira tendência, dois sujeitos (S2 e S6) se enquadram na segunda, e quatro sujeitos (S1, S3, S5 e S7) se enquadram na terceira tendência. Em se tratando da sexta série, também verificamos sujeitos nas três tendências, isto é, um sujeito (S3) na primeira tendência, dois sujeitos (S4 e S6) na segunda tendência, e quatro sujeitos (S1, S2, S5 e S7) na terceira tendência. Durante a sétima série, observamos que não há sujeitos que se encaixam na terceira tendência, havendo apenas dois sujeitos que produzem altos números de hipossegmentação (S3 e S4), quatro sujeitos que não produzem ou produzem poucas hipossegmentações (S2, S5, S6 e S7) e um sujeito (S1) que não produz hipossegmentação. Na oitava série, não observamos sujeitos com altos números de hipossegmentação. Temos seis sujeitos (S1, S2, S4, S5, S6 e S7) com baixos números de hipossegmentação e apenas um sujeito (S3) com uma produção de hipossegmentação considerada como intermediária. Os resultados observados na oitava série nos levam a supor que os sujeitos, ao terminarem o EF II, apesar de não terem cessado de produzir hipossegmentação, parecem não ter tantas dúvidas quanto ao registro convencional de fronteira gráfica entre de palavra.

Em se tratando de produções de hipersegmentação dos sujeitos no interior de cada série, na quinta série (como ocorreu nesta mesma série com as hipossegmentações), observam-se as mesmas três tendências, isto é, um sujeito (S4) pertencendo à primeira tendência; quatro sujeitos (S1, S5, S6 e S7) à segunda tendência; e dois sujeitos (S2 e S3) à terceira tendência. Na sexta série, verificamos que os sujeitos também se enquadram nas três tendências, ou seja, há dois sujeitos (S2 e S3) com altos números de hipersegmentação; três sujeitos (S1, S4 e S6) com baixos números sendo um sujeito (S7) com nenhuma produção de

hipersegmentação; e um sujeito (S5) que produz um número considerado intermediário de ocorrências de hipersegmentação. Em relação à sétima série, assim como nos dados de hipossegmentação, novamente os sujeitos se enquadram em apenas duas tendências. São quatro sujeitos (S1, S2, S6 e S7) que produzem baixos números de ocorrências de hipersegmentação, e três sujeitos (S3, S4 e S5) que produzem números de ocorrências tidos como intermediários. Durante a oitava série, a distribuição das tendências se dá de maneira semelhante à observada na quinta e sexta séries, sendo dois sujeitos (S1 e S4) pertencentes à primeira tendência; dois outros sujeitos (S2 e S6), à segunda tendência; e três sujeitos (S3, S5 e S7), à terceira tendência.

Relativamente ao terceiro fator destacado anteriormente – variação de um mesmo sujeito em diferentes séries escolares –, acreditamos que ele seja resultado, em um primeiro momento, das diferentes formas de circulação por conhecimentos sobre a escrita em sua modalidade considerada como padrão. Vejamos como se deram as trajetórias dos sujeitos quanto à produção de hipossegmentação durante as quatro séries. Analisando a Tabela 3, identificamos três trajetórias dos escreventes quanto aos registros pela ausência de fronteira gráfica entre palavras, nas diferentes séries.

A primeira é composta por sujeitos que tenderam a produzir número de ocorrências de hipossegmentação considerado como intermediário na quinta e na sexta, e durante a sétima e oitava séries produziram números considerados como baixos. Fazem parte desta trajetória os sujeitos S1, S5 e S7.

A segunda trajetória é composta por sujeitos que produzem em (parcialmente) todas as séries números de ocorrências considerados como baixos. Integram essa trajetória os sujeitos S2 e S6.

A terceira trajetória é composta por sujeitos que produziram altas ocorrências de hipossegmentação durante duas séries, sujeitos S3 e S4, sendo que, nas outras séries, esses

sujeitos produziram número de ocorrências de hipossegmentação considerados, respectivamente, como intermediário e baixo.

Em relação à produção de hipersegmentação de cada sujeito durante as quatro séries em análise, traçamos três trajetórias dos sujeitos quanto aos registros pela presença de fronteira gráfica dentro de palavra. À primeira trajetória, pertencem os sujeitos que, durante as diferentes séries, seguiram duas das tendências quanto ao número de ocorrências de hipersegmentação. Faz parte dessa trajetória o sujeito S1, que produziu números baixos de hipersegmentação, na quinta, sexta e sétima séries, e números altos de ocorrências de hipersegmentação na oitava série; o sujeito S3, que produziu números de ocorrências tidos como intermediários na quinta, sétima e oitava séries, e número de ocorrências considerado baixo, na sexta série; o sujeito S5, com baixo número de hipersegmentações na quinta série, e números considerados intermediários na sexta, sétima e oitava; e o sujeito S7, que produziu baixos números de hipersegmentação na quinta, sexta e sétima (tendo, na sexta série, produção nula) e durante a oitava série produziu número intermediário de ocorrências de hipersegmentação.

A segunda trajetória é composta por apenas um sujeito (S6), que apresentou baixos números de ocorrências de presença de fronteira gráfica dentro de palavra. Por fim, a última trajetória é composta por sujeitos que, durante as quatro séries, oscilaram pelas três tendências de produção de hipersegmentação, a saber: sujeito S2, que produziu, na quinta série, número intermediário de ocorrências, na sexta série, número alto de ocorrências, e na sétima e oitava séries, números baixos de ocorrências; e sujeito S4, que produziu altos números de ocorrência de hipersegmentação na quinta e oitava séries, número baixo de ocorrências, na sexta série, e números analisados como intermediários, na sétima série.

Continuando a tratar de características quantitativas dos dados do EF II, apresentamos, no Quadro 3, todas as ocorrências de hipo e de hipersegmentações. Em seguida,

apresentaremos uma discussão dos dados cujas grafias convencionais preveem o uso do hífen, no caso de hipossegmentação como “pegala” (“pegá-la”), ou preveem a ausência desse sinal gráfico, no caso de hipersegmentações como “vira-se” (“virasse”). Também, apresentaremos uma discussão a respeito dos dados de segmentação não-convencional que envolvem homonímias, pois observamos que esse tipo de ocorrência é bastante frequente nos dados de EF II e devem receber um destaque na análise.

Séries	HIPO	HIPER	HOMO	HÍFEN
5as.	vamofazer, uque, eo, meamava, befeito, porsima, meresta, ea, enfrente, dela (de lá), emais, comtudo, tevejo, poraqui, jatem, eos, oque, ensima, eai, ea, parage (para vê), encima, ensima, apé, dela, encima, pralá, poraquê, denovo, vaitala	so zinho, com sigo, de se, da li, a panho, que ria, a caba, com pra, com versa, a i, a gora, es qito, na que le, estra terrestres, anti penúltimo, ém Barcou, em bora , disney lândia, disney landia	por que, agente, de mais, senão	pegala, aparese-se
6as.	anoite, derrepente, derepente, uque, meroubar, daora; anoite, tabom, porixo, porelas, eramuito	em quando, ne um, tam bem, da quele, a quela, a caso, na quela, com migo, mini cidade, a gora, a sistir, começa mo	por que, agente, de mais	
7as.	quem, imforma(em forma), mechamava, jogala (joga lá), dela (de lá), mechamou, jano, Eundia, mechamaram, a olado, oque, pasair (para sair), denovo, medar, meda	com tigo, su por, com migo, a olado, de pois, a onde, a migos, a o, come cheia (comecei)	de mais, por que, agente, afim	vira-se
8as.	eo, denovo, enfrente, diversi quando (de vez em quando), oque, porixo, quem, pramim	com ver sando, com verço, com versando, com ver samos, em baixo, simples mente, a sim, na quele, de baixo, contra bando	de mais, por que, agente	

Quadro 3: Ocorrências de segmentações não-convencionais em textos do EF II

Por adotarmos a proposta de Tenani (2011b) sobre a classificação das segmentações não-convencionais de palavras quanto ao tipo de recurso gráfico utilizado, como relatado na seção 2, analisamos separadamente as ocorrências que se caracterizam pela ausência/presença do espaço em branco e as que se caracterizam pela ausência/presença do hífen. Observamos que, enquanto o uso não-convencional do espaço em branco ocorre em todas as séries, tanto nas hipo quanto nas hipersegmentações, o hífen ocorre em apenas duas séries, um dado de hipo e um de hipersegmentação, na 5ª série, e um dado de hipersegmentação, na 7ª série. Embora a diferença numérica seja grande entre um recurso gráfico e outro, não descartamos a

relevância do estudo das ocorrências de hífen separadamente das ocorrências envolvendo o uso do espaço em branco, uma vez que esses usos não-convencionais de hífen revelam aspectos linguísticos importantes a respeito do processo de letramento dos sujeitos em análise. No Quadro 4, retomamos a análise de Tenani (2011b) para apresentar os dados que encontramos:

Tipo	Classificação	Exemplos
v-cl > v (Hipo)	O hífen não é colocado em sequências de verbo-clítico (v-cl)	“pegá-la” > “pegala”
v > v-cl (Hiper)	O hífen é colocado em formas verbais (v) como se fossem sequências de verbo-clítico (v-cl).	“aparecesse” > “aparese-se”, “virasse” > “vira-se”

Quadro 4: Tipos de uso não-convencional de hífen

Por meio do Quadro 4, observamos que, nos casos de hipossegmentação que envolvem a ausência do hífen, como “pegala”, o escrevente analisa uma sequência verbo+clítico como sendo uma única palavra, ao passo que nos casos de hipersegmentações como “vira-se”, o escrevente analisa uma única palavra como sendo uma sequência verbo+clítico. Como podemos observar, em ambos os casos de uso não-convencional de hífen está sendo mobilizada uma mesma sequência, verbo+clítico, isto é, estruturas enclíticas típicas de registros mais formais (como observou Tenani (2011b) para dados transversais), e que os sujeitos/escreventes produzem provavelmente na busca de alçar uma escrita institucionalizada (CORRÊA, 2004).

Dentre as ocorrências de segmentação não-convencional de palavras identificadas no EF II, há muitas segmentações que envolvem formas homônimas, isto é, hipossegmentações como “agente”, quando a convenção prevê “a gente” e hipersegmentações como “porque”, quando convencionalmente deve ser grafado “por que”:

Tabela 5: Ocorrências versus não-ocorrências de dados que envolvem homônimas

Tipos	Envolvem homônimas		Não-envolvem homônimas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Hipossegmentação	37	15,5	78	32,8	115	48,3
Hipersegmentação	57	23,9	66	27,8	123	51,7
Total	94	39,4	144	60,6	238	100

A análise da Tabela 5 revela que, do total de ocorrências, 39,4% equivalem a grafias de palavras homônimas, sendo 15,5% de hipossegmentações e 23,9% de hipersegmentações. Excluídos esses dados dos totais de hipo e de hipersegmentações, haverá uma mudança de relação entre os tipos de dados. Consideradas tanto as ocorrências envolvendo palavras homônimas quanto as que não-envolvem, a proporção de hipersegmentações (51,7%) é maior do que de hipossegmentações (48,3%). No entanto, ao descartamos dos totais de hipo e hipersegmentações as ocorrências envolvendo homônimas, a proporção se inverterá, havendo mais hipossegmentações (32,8%) do que hipersegmentações (27,8%). Esse primeiro resultado, apesar de quantitativo, revela o quanto é importante analisarmos as ocorrências envolvendo homônimas como, pelo menos, um subtipo de hipo e de hipersegmentações, uma vez que se mostram como um dos possíveis locais de dúvidas quanto à colocação do espaço em branco. Como veremos na Tabela 6, a seguir, o alto número de hipersegmentações está fortemente ligado ao alto número de ocorrências da forma hipersegmentada “por que”. Vejamos, a seguir, a proporção das palavras homônimas mais hipo e hipersegmentadas durante os quatro séries em análise:

Tabela 6: Ocorrências de segmentação não-convencional de formas homônimas

Série	Hipossegmentação						Hipersegmentação				Total	
	agente		senão		afim		por que		de mais			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
5ª	1	1,1	1	1,1	-	-	3	3,2	3	3,2	8	8,5
6ª	15	15,9	-	-	-	-	15	15,9	2	2,1	32	34,0
7ª	12	12,8	-	-	2	2,1	12	12,8	2	2,1	28	29,8
8ª	6	6,4	-	-	-	-	18	19,2	2	2,1	26	27,7
Total	34	36.2	1	1.1	2	2.1	48	51.1	9	9.5	94	100

A Tabela 6 mostra que as ocorrências de palavras homônimas, tanto hipo como hipersegmentadas, acontecem durante todas as séries, tendo a frequência mais baixa durante a 5ª série e a frequência mais alta durante a 6ª série. Essa diferença de dados observada da 5ª para 6ª série pode ser explicada se considerarmos que, a partir da 6ª série, os alunos são chamados a desenvolverem atividades metalinguísticas sobre usos de parônimos e homônimos, parte do conteúdo programático de Língua Portuguesa para essa série.

Vale salientar que a Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Língua Portuguesa, adotada desde 2008 no estado (início da coleta dos textos do banco de dados), não traz noções gramaticais trabalhadas em cada série. No entanto, ao consultarmos materiais didáticos frequentemente usados (ou, por vezes, consultados) por docentes, em escolas públicas, como Cereja e Magalhães (2004) e Delmanto e Castro (2009), verificamos a proposta do estudo de grafias de palavras parônimas e homônimas, sendo esse estudo mais frequente ao longo da 6ª à 8ª séries, o que possivelmente poderia colaborar para o maior número de palavras homônimas, como, por exemplo, “a gente” e “por que”, durante essas séries.

Ainda mais, a diferença entre o número de ocorrências entre a 5ª e as demais séries poderia ser explicada se considerarmos também que, de acordo com Ministério da Educação (2006), a 5ª e 6ª séries fazem parte do 3º Ciclo do EF de Nove Anos, assim como a 7ª e 8ª séries fazem parte do 4º Ciclo do EF de Nove Anos. Ou seja, poderíamos supor que os escreventes ao iniciarem o 3º Ciclo do EF (5ª série) apresentariam na sua escrita certa estabilidade quanto à delimitação de palavras gráficas, podendo ser aproximados, quanto a esse aspecto, aos dados de 1ª a 4ª série. Entretanto, ao final do 3º Ciclo do EF (6ª série), com o desenvolvimento de atividades metalinguísticas, observa-se certa instabilidade por ser possível verificar, nos dados dos escreventes, dúvidas ortográficas mais frequentes, no caso a grafia de elementos clíticos que podem coincidir com sílabas pretônicas de palavras.

Ao passarem para o 4º Ciclo do EF (7ª e 8ª séries), essa tendência se mantém, revelando que a transição de um Ciclo para outro aparentemente não propiciou uma sistematização das relações semântico-sintáticas quanto às formas homônimas, como também não parecem ter sido resolvidos problemas referentes à grafia de elementos átonos na escrita desses escreventes.

Em relação às formas homônimas que mais se encontram envolvidas nesse subtipo de segmentação não-convencional, a expressão pronominal *a gente* hipossegmentada (36,2%) e a conjunção *porque* hipersegmentada (51,1%) prevalecem. Em se tratando das hipossegmentações, os resultados, além de nos mostrarem os tipos de dúvidas dos escreventes quanto aos locais de inserção do espaço em branco, acenam, também, para o que alguns trabalhos de base Variacionista (cf. FURTADO, [s.d]; RUBIO, 2011) têm indicado quanto ao funcionamento da expressão pronominal “a gente” para indicar primeira pessoa plural: um favorecimento do uso da forma *a gente* e um desfavorecimento do uso de *nós*, principalmente por sujeitos de faixa etária e escolar semelhante aos analisados nesta pesquisa.

Quanto às hipersegmentações, a conjunção *porque* apresenta características morfossintáticas e morfossemânticas que carecem de uma análise detalhada que leve em conta o nível de articulação entre as orações/sentenças de um texto, as relações de dependência ou de encaixamento, e as diferentes nuances de causa: justificativa, motivo, explicação. Nesta pesquisa, limitamo-nos a sinalizar o quão importante é realizar uma investigação mais aprofundada sobre o tema, pois nosso objeto se circunscreve a realizar análise prosódica dos dados.

A descrição realizada até o momento teve como objetivo apresentar um quadro geral a respeito da distribuição dos dados de segmentação não-convencional de palavra em relação as séries escolares, aos escreventes/sujeitos selecionados e aos tipos de recursos gráficos que delimitam uma palavra na escrita. Dando prosseguimento à análise, passamos a investigar as

características gerais das hipo e das hipersegmentações no que diz respeito às estruturas prosódicas mais envolvidas nas palavras segmentadas não-convencionalmente. Nossa opção por essa organização se dá em função da premissa de que as hipo e as hipersegmentações demonstram evidências do modo como o escrevente projeta características dos enunciados falados (no que diz respeito à dimensão sonora da linguagem) nos enunciados escritos.

Antes de iniciarmos a análise, ressaltamos que nos limitaremos a analisar as hipo e hipersegmentações a partir de uma proposta de hierarquia prosódica para o PB que admita a existência do grupo clítico como um constituinte prosódico (cf. Seção 1.4). Feito esse esclarecimento, iniciaremos a análise prosódica, primeiramente, pelas hipossegmentações⁴² identificadas anteriormente. Nossa hipótese de trabalho consiste em tomar a ausência de espaço em branco e de hífen como uma possível percepção de um constituinte prosódico. O Quadro 5 demonstra os exemplos mais protótipos de cada estrutura prosódica identificada na análise das hipossegmentações, e a Tabela 7 traz a distribuição de ocorrências dessas estruturas prosódicas identificadas em relação às séries em que os alunos se encontravam matriculados.

Estruturas prosódicas	$\omega + cl > \omega$	$cl + \omega > \omega$	$\omega + \omega > \omega$	outros
Exemplos	pegala jano	meamava denovo	befeito vamofazer	oque, eos, eundia

Onde: ω : palavra fonológica; cl: clítico; +: junção; >: passa a

Quadro 5: Exemplos de estruturas prosódicas para as hipossegmentações

⁴² Limitar-nos-emos a analisar as hipossegmentações que não envolvem formas homônimas, uma vez que, como demonstrado na Tabela 5, ao desconsiderarmos as grafias não-convencionais envolvendo homônimas é possível observar mudanças tanto quantitativas quanto qualitativas no conjunto de dados.

Tabela 7: Tipos de estrutura prosódica para as hipossegmentações

Séries	Hipossegmentação				Total
	$\omega + cl > \omega$	$cl + \omega > \omega$	$\omega + \omega > \omega$	outros	
5 ^a	1	24	5	7	37
6 ^a	0	12	1	2	15
7 ^a	2	12	1	2	17
8 ^a	0	6	0	3	9
Total	3(3,9%)	54(69,2%)	7(8,9%)	14(18%)	78 (100%)

Por meio do Quadro 5, observamos as estruturas prosódicas identificadas nas hipossegmentações, as quais envolvem exclusivamente clíticos e palavras fonológicas.

Na tabela 7, observamos que a maior parte (69,2%) das hipossegmentações envolve a estrutura de clítico seguido de palavra fonológica, sendo essa a estrutura predominante em todas as séries. Como exemplos dessa estrutura têm-se “meamava” e “denovo”, em que o clítico se torna, na interpretação do sujeito escrevente, uma sílaba pretônica da palavra. Estudos voltados para a análise de dados transversais de segmentação não-convencional de palavras do EF II (cf. TENANI e PARANHOS, 2011; TENANI, 2011b) já apontaram ser esse tipo de estrutura prosódica a mais envolvida nas hipossegmentações dos escreventes.

Ainda a respeito desse tipo de estrutura, além de indiciar questões referentes à organização prosódica da língua, também evidencia a relevância de se considerarem outras motivações nas suas interpretações. Ou seja, podemos dizer que as hipossegmentações envolvendo a estrutura $cl + \omega$ são possivelmente motivadas por características advindas de informações letradas/escritas, as quais, cremos, em nosso trabalho, se apresentam por meio da correlação entre a ausência de fronteira gráfica entre palavras e classes de palavras morfossintáticas. Para observarmos essa correlação, realizamos um levantamento das categorias de palavras funcionais mais envolvidas nas grafias dos clíticos nas estruturas hipossegmentadas do tipo $cl + \omega > \omega$. A Tabela 8 nos mostra os resultados dessa análise:

Tabela 8: Classes gramaticais envolvidas nas hipossegmentações do tipo cl+ω>ω

SÉRIE CLASSE GRAMATICAL	HIPOSEGMENTAÇÃO : cl+ω> ω				TOTAL
	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE	
Preposição	17	8	5	5	35
Pronome	3	1	6	1	11
Artigo	3	3	1	-	7
Conjunção	1	-	-	-	1
TOTAL	24	12	12	6	54

Por meio da Tabela 8, verificamos que, dentre as hipossegmentações do tipo clítico+palavra de conteúdo, que ocorrem com maior frequência em todas as séries, as classes gramaticais mais envolvidas nas tentativas dos escreventes de grafarem elementos clíticos, interpretados como sílabas pretônicas, são as preposições e os pronomes. Por meio desse resultado, chegamos a evidências de que, durante o EF II, uma das classes gramaticais em que os alunos encontram mais dificuldades em estabelecer limite de palavra parece ser a das preposições (preposições + artigos), seguida dos pronomes e artigos. Vale ressaltar que trabalhos sobre aquisição da escrita, como o de Cunha (2004), também observaram entre seus dados um número maior de ocorrências de hipossegmentação do tipo cl+ω> ω (ou como a autora classifica “palavra gramatical + palavra fonológica”). O que difere os dados de EF I dos nossos é que, naquelas ocorrências, as palavras gramaticais mais envolvidas na grafia dos clíticos foram artigos definidos e indefinidos, seguidos de preposição, pronome, conjunção e verbo auxiliar, o que demonstra que, durante o EF II, os escreventes parecem ter resolvido suas dúvidas a respeito das junturas de artigos.

Levando em conta ainda a Tabela 7, há 3,9% dos dados que envolvem sequências de palavra fonológica seguida de clítico. O primeiro dado que gostaríamos de destacar envolvendo esse tipo de estrutura é a hipossegmentação “pegala”. Esse dado, além de poder ser visto como uma ocorrência fortemente envolvida com o processo de aquisição de estruturas sintáticas verbo+clítico, cuja grafia é trabalhada no EF II, através de práticas letradas, também pode ser considerado como uma estrutura marcada quando se levam em

conta enunciados falados do PB (cf. GALVES e ABAURRE, 1996), uma vez que se trata de uma colocação pronominal ensinada em ambiente escolar fortemente ligada a registros formais. O segundo dado envolvendo a estrutura palavra+clítico é a sequência “jano”, em que temos o monossílabo tônico “já” seguido do clítico “no”, este que se torna, na interpretação do escrevente, uma sílaba postônica da palavra. O terceiro dado é “jogala”, que, pelo contexto, deveria ser “jogar lá”. Trata-se de duas palavras fonológicas; no entanto, na interpretação do aluno, o monossílabo tônico “lá” foi analisado como um clítico, resultando em uma hipossegmentação do tipo palavra seguida de clítico. Possivelmente, o escrevente analisou o monossílabo tônico como sendo a forma “la”, uma forma pronominal enclítica ao verbo, a exemplo das estruturas sintáticas enclíticas analisadas como sendo uma única palavra fonológica, como, por exemplo, a ocorrência “pegala”, apresentada anteriormente.

Dos demais dados de hipossegmentação, 8,9% são, em princípio, sequências de duas palavras fonológicas, a saber: na 5ª série – “befeito” (“bem feito”), “vamofazer”, “jatem”, “parage” (“para vê”), “vaitala” (“vai estar lá”); na 6ª série “tabom”, e na 7ª série “eramuito”. No entanto, “tabom” e “eramuito”, poderiam ser interpretados como uma sequência de clítico e palavra fonológica, uma vez que “tá” (forma reduzida de “estar”), e “era” (forma do particípio do verbo “ser”) parecem “estar perdendo, no PB, o acento primário e se transformando em um clítico (monossílabo não-acentuado) que os escreventes, em alguns momentos, tendem a unir a elementos mais fortes (fonológica, semântica e/ou sintaticamente)” (CAPRISTANO, 2007, p.106). O mesmo podemos dizer sobre algumas formas do verbo “ir”. Na variedade de português falado pelos sujeitos analisados, a forma “vamos”, em questão, pode ser realizada como [vã] em “vamofazer”, de modo que se observa queda da vogal da sílaba átona “mos” e a projeção do traço nasal na vogal da sílaba tônica /va/. Com essa redução de “vamos” para “vã”, o verbo ir na sua forma de presente perderia o acento de palavra e passaria a ser interpretado como um elemento átono e, assim, passaria a

ter como hospedeiro prosódico “fazer”, que portaria o acento principal da sequência. Dessa maneira, “vamofazer” pode ser interpretado como tendo sido motivado pela possibilidade de haver uma sequência de clítico seguido de palavra prosódica.

No caso da ocorrência “vaitala”, lembramos que “tá” pode ser um clítico, e desse modo, poderiam os dizer que a locução verbal “vai tá” foi analisada com uma única palavra fonológica seguida de outra palavra fonológica constituída pelo advérbio “lá”.

Já as hipossegmentações “jatem” (“já tem”) e “parage” (“para ver”)⁴³ são analisadas, pelo algoritmo de formação de constituintes prosódicos, como sendo, cada um deles, um sintagma fonológico (ϕ) hipossegmentado, como demonstrado a seguir. Entretanto, o advérbio “já”, na sequência “jatem”, e “para”, na sequência “parage”, podem ser interpretados como elementos átonos que, dessa forma, se comportam como clíticos que são incorporados à palavra prosódica que lhe é adjacente. Indícios para essa interpretação são: no caso de “já” é a ausência do acento gráfico; no caso de “para”, há estudo que atesta a redução de “para” a “pra” e “pa”, nos enunciados falados para a variedade do português ao qual pertence o escrevente que produziu essa grafia não-convencional. Nessa perspectiva de interpretação, essas hipossegmentações podem ser indícios de que, prosodicamente, “jatem” e “parage” sejam registros escritos de sequências que corresponderiam a sequências de sílaba e palavra prosódica.

Vale salientar que uma hipótese explicativa não necessariamente excluirá a outra.

A) “[voce] ϕ [jatem] ϕ [o MSN] ϕ I” A’) (já) σ (tem) ω

B) “[na janela] ϕ [parage] ϕ [o pais] ϕ I” B’) (para) σ (ge) ω “paraver”

⁴³ Vale observar que o uso de “g” onde previsto “v” constitui um indício, junto à ausência de “r” de marca de infinitivo que as dificuldades ortográficas desse escrevente não se limitam à segmentação e incluem, também, a representação de segmentos convencionalmente.

A respeito da hipossegmentação “befeito”, poderíamos dizer que se trata de uma frase fonológica ([bem]ω [feito]ω)φ. No entanto, essa segmentação não nos parece um φ hipossegmentado, pois, no texto em questão, a sequência “bem feito” não está funcionando como uma estrutura sintática formada por advérbio mais verbo, como em: “O bolo foi bem feito por Maria”, mas sim como uma expressão interjetiva, como em: “Bem feito para você por não seguir meus conselhos”, proferida quando alguém vê o outro tomar uma lição de moral. No texto em análise, poderíamos afirmar que o escrevente tomou como base o aspecto morfossemântico, além do prosódico do enunciado, ao hipossegmentar “befeito”, isto é, ao tomar a decisão de não colocar o espaço em branco em local previsto pela ortografia, o escrevente, possivelmente, atribuiu um *status* de palavra a essa expressão interjetiva, o que estaria representando o valor semântico dessa expressão e a distinguindo da sequência sintática formada por advérbio mais verbo.

Ainda há 18% de dados que classificamos como outros. Dessas ocorrências apenas uma é constituída de sequência de dois clíticos e palavra de conteúdo, a saber, “eundia” (“e um dia”), a qual se caracteriza pela grafia de um grupo clítico como sendo uma única palavra fonológica. Vale destacar que Tenani (2011b), em análise de dados transversal de hipossegmentações, já havia observado a baixa frequência desse tipo de dado em produções escritas de escreventes do EF II, demonstrando que a junção entre dois clíticos seguidos de palavra de conteúdo parece não constitui uma sequência que gera dúvida ortográfica entre os escreventes do segundo ciclo do EF.

Outra parte dessas ocorrências é formada por um conjunto de dados que se caracterizariam pela grafia do que, na fala, são junturas de potencialmente dois elementos clíticos e, nesse caso, os elementos envolvidos nas junturas não formariam, em princípio, um

grupo clítico⁴⁴, por não haver hospedeiro. Do total de 13 ocorrências envolvendo esse tipo de estrutura, nove envolvem a sequência “oque/uque”. A respeito dessa sequência, afirmamos, baseados em Tenani (2011b), que a grafia não-convencional da sequência “o que” foi ocasionada pelo fato de a partícula “que” – que não apresenta acento lexical – receber acento prosódico e passar a ser o hospedeiro do clítico “o”, na interpretação do aluno.

O restante dos dados envolvendo o tipo de estrutura cl+cl se caracteriza pela junção entre “e” (conjunção) e “o(s)/a”(artigos), palavras funcionais, correspondentes a clíticos prosódicos. Como observaremos, essas ocorrências foram realizadas pelos sujeitos que mais produzem hipossegmentações ao longo do EF II, ou seja, os sujeitos S2 e S4 (cf. Anexo A). Esse resultado poderia ser mais uma vez interpretado como um indício de singularidade desses sujeitos quando comparados aos demais. Ainda mais, a respeito do escrevente S3, pudemos observar sua tendência de produzir ocorrências distintas da maioria dos sujeitos, como as apresentadas a seguir.

C) *“O juvenso deu um empugão **eo** juvenso fugio sozinho” (S4_01)*

D) *“Ele sai 10:30 para andar de baique **ea** 2:30 as 4:30 sai do futebol” (S4_02)*

E) *“voce coloca o seu nome que você que coloca marquinho ai você coloca o seu sobrinome A cidade que você mora **eos** seus dados a i você acada de faze o MSN.” (S4_04)*

F) *Eu me chamo Larissa tenho 13 anos moro em São José do Rio preto moro com a minha mãe **eo** meu padrasto (S2_21)*

⁴⁴ Como já mencionado na seção 1 desta dissertação, há divergências a respeito da existência do grupo clítico na hierarquia prosódica. No que diz respeito ao *status* prosódico do clítico, Bisol (2000), argumenta a favor de o clítico formar com seu hospedeiro (palavra fonológica, “ω”), um constituinte prosódico, o grupo clítico (C), configurando, assim, o menor constituinte pós-lexical de uma hierarquia prosódica do português. Entretanto, salientamos que a proposta de nosso trabalho não é realizar uma discussão sobre a existência ou não do grupo clítico no PB a partir das produções escritas analisadas, uma vez que os dados extraídos dessas produções não se mostram, ao menos nesse momento de estudo, suficientes para extrair evidências a favor desse domínio prosódico, mas buscamos mostrar como certos clíticos não são grafados conforme as convenções ortográficas, contribuindo, assim, para futuras reflexões sobre a caracterização dos clíticos em específico na hierarquia prosódica.

No que concerne às ocorrências apresentadas acima, como primeira hipótese, poderíamos supor que foram ocasionadas pelo fato de a conjunção “e” – apesar de não apresentar acento lexical – receber acento prosódico. Com isso, o artigo “o/a” que segue a conjunção formaria, na interpretação do escrevente, uma sílaba constituída de ditongo. Como segunda hipótese explicativa, que não necessariamente contraria a primeira, poderíamos supor que haveria uma hesitação do tipo que indicia a busca por itens lexicais após as junções “eo” “ea”. Desse modo, haveria, na fala, juntura entre “e” “o/a” seguida de hesitação, o que levaria à proeminência do artigo que segue a conjunção. Ou seja, na primeira hipótese, “e” seria a vogal proeminente do ditongo decrescente e, na segunda hipótese, “o/a” seriam as vogais proeminentes do ditongo crescente. Desta forma, a interpretação prosódica desses dados, que inicialmente parecem ser cl+cl, se altera quando consideradas as possibilidades de realização oral dos enunciados em que ocorrem.

Finalizada a análise das hipossegmentações, concluímos que esse tipo de dado é motivado simultaneamente por informações de natureza prosódica, de natureza morfossemântica e por informações letradas, nas tentativas de registro, principalmente, de sílabas átonas.

Apresentamos, por meio do Quadro 6, os exemplos das estruturas prosódicas encontradas nas hipersegmentações⁴⁵ e, na Tabela 9, a distribuição das ocorrências dessas estruturas prosódicas nas séries em que se encontravam os sujeitos em análise.

⁴⁵ Assim como realizado com as hipossegmentações, nos limitaremos a analisar as hipersegmentações que não envolvem formas homônimas, uma vez que, como demonstrado na Tabela 5, ao desconsiderarmos as grafias não-convencionais envolvendo homônimas, é possível observar mudanças quantitativas e qualitativas entre os dados.

Estruturas prosódicas	$\omega > \omega + cl$	$\omega > cl + \omega$	$\omega > \omega + \omega$	outros (σ/Σ)
Exemplos	vira-se (virasse)	em quando; na quela	so zinho; simples mente	com ver sando

Onde: ω : palavra fonológica; cl: clítico; +: junção; >: passa a

Quadro 6: Exemplos de estruturas prosódicas para as hipersegmentações

Tabela 9: Tipos de estrutura prosódica para as hipersegmentações

Séries	Hipersegmentação				Total
	$\omega > \omega + cl$	$\omega > cl + \omega$	$\omega > \omega + \omega$	outros (σ/Σ)	
5ª	1	19	6	3	29
6ª	0	10	1	1	12
7	1	8	1	1	11
8ª	0	6	4	4	14
Total	2(3,1%)	43(65,1%)	12(18,2%)	9(13,6%)	66 (100%)

A Tabela 9 mostra que, dentre as quatro possíveis estruturas prosódicas envolvidas nas palavras hipersegmentadas, há duas em que sílabas átonas das palavras são grafadas como se fossem clíticos, como, por exemplo, “em quando” ($cl + \omega$) e “vira-se” ($\omega + cl$). Observamos que a minoria dos dados (3,1%) é resultado de uma tentativa de representação da estrutura verbo+clítico. Ainda mais, a presença não-convencional do hífen “vira-se” e “aparese-se” – juntamente com a forma verbal do subjuntivo, poderiam ser tomados como indícios da tentativa de o escrevente alçar as grafias convencionais de uma estrutura típica de registros cultos da escrita, isto é, a estrutura verbo+clítico, demonstrando que informações letradas também são mobilizadas nas hipersegmentações. Já a maioria das ocorrências (65,1%) é resultante de representações gráficas do que seria uma sequência de clítico seguido de palavra fonológica, como, por exemplo, “em quando” (enquanto) e “na quela” – ainda que, diversas vezes, a palavra fonológica resultante não corresponda a nenhuma palavra integrante do léxico, mas que, nos termos de Cunha (2004), se trataria de pseudo-palavra. Salientamos que esse tipo de registro é uma das formas mais recorrentes nas séries escolares, mesmo havendo um decréscimo na frequência com o passar das séries. A fim de averiguarmos quais categorias gramaticais encontram-se mais envolvidas na grafia dos clíticos, em sequências

hipersegmentadas do tipo clítico seguido de palavra fonológica, realizamos um levantamento apresentado na Tabela 10.

Tabela 10: Classes gramaticais envolvidas nas hipersegmentações do tipo $\omega > cl + \omega$

SÉRIE CLASSE GRAMATICAL	HIPERSEGMENTAÇÃO : $\omega > cl + \omega$				TOTAL
	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE	
Preposição	11	5	5	5	26
Pronome	-	-	-	-	0
Artigo	6	4	3	1	14
Conjunção	2	1	-	-	3
TOTAL	19	10	8	6	43

Por meio da Tabela 10, observamos que, no decorrer de todas as séries, as categorias gramaticais mais envolvidas na grafia de sílabas pretônicas analisadas como clíticos foram as preposições, seguida dos artigos definidos. Resultado semelhante foi obtido para as hipossegmentações. Nos casos de hipersegmentação, podemos afirmar que a sílaba pretônica da palavra grafada entre espaços em branco foi analisada como um clítico, esse que pode pertencer a um conjunto de preposições e/ou contrações de preposição + artigo (‘da, de, com, em, na’, formas mais encontradas), como em “em bora” e “na quele”, ou pertence ao conjunto de artigos definidos (‘a’, única forma encontrada), como em “a gora”, “a caba”.

Vale salientar que, como já demonstrado por Tenani (2008), a categoria gramatical dos elementos clíticos é uma informação relevante não só por mostrar os tipos de categorias gramaticais em que os alunos ainda apresentam dificuldade, mas, também, por permitir observar uma diferença qualitativa quando comparamos os dados de escreventes do EF II com os dados de alunos em fase inicial de aquisição da escrita infantil (de primeira a quarta série do EF), como, por exemplo, os dados analisados por Paula (2007), alguns dos quais são apresentados no Quadro 7.

a cúçar (acúçar)	es cola (escola)
a miga (amiga)	es pirro (es pirro)
a ruma (arruma)	e tava (estava)
com vite (convite)	ma telo (martelo)

Quadro 7: Dados de hipersegmentação de escreventes na fase inicial de aquisição da escrita

Por meio dos dados apresentados no Quadro 7, podemos verificar uma diferença entre os dados de hipersegmentação apresentados em textos de escreventes do EF II e hipersegmentações de escreventes em fase inicial de alfabetização, isto é, as sílabas pretônicas das palavras grafadas entre espaços em branco, por escreventes em fase inicial de aquisição da escrita, frequentemente não apresentam elementos gramaticais pertencentes a categorias gramaticais da língua portuguesa, como, por exemplo, “es cola” e “ma telo”. Essa diferença pode ser compreendida se considerarmos as diferentes maneiras pelas quais se dá o trânsito dos escreventes por informações letradas, essas que são construídas pelo contato do escrevente com práticas sociais letradas/escritas, podendo não ser necessariamente desenvolvidas em ambiente escolar, como, também, não estar relacionadas com o tempo de escolarização.

Antes de adentrarmos nos demais tipos de estruturas prosódicas envolvidas nas hipersegmentações, vale estabelecermos uma relação entre as características prosódicas predominantes entre as hipersegmentações ($\omega > cl + \omega$) e as hipossegmentações ($cl + \omega > \omega$). Nas hipersegmentações, uma palavra é grafada como sendo uma sequência de clítico e (pseudo) palavra, enquanto, nas hipossegmentações uma sequência de clítico e palavra é grafada como sendo uma palavra. Essas grafias não-convencionais demonstram, como observado por Tenani (2011a, p. 14), uma:

flutuação sobre decisões acerca das fronteiras de palavra na escrita, pois estão em jogo tentativas de ‘fraseamento’ de sílabas átonas que são (na hipossegmentação) ou poderiam ser (na hipersegmentação) um clítico prosódico (que correspondem a palavras funcionais monossilábicas).

Da Tabela 9, restam ainda 18,2 % de dados que podem ser analisados como tendo sido motivados pela suposição de sequência de duas palavras fonológicas. São exemplos desse tipo de dado: “so zinho”, “anti penultimo”, “simples mente”, “mini cidade”; em que cada parte resultante da hipersegmentação de palavra se caracteriza por ser, do ponto de vista fonológico, uma palavra fonológica, em função de portarem acento. Essas ocorrências chamam atenção por envolverem em suas formações, além do reconhecimento de palavras lexicais (penúltimo, simples, mente, cidade), há presença de afixos acentuados⁴⁶.

A característica relacionada aos afixos acentuados remete às pesquisas de Schwindt (2001) e Quadros e Schwindt (2008), que constataram que: (i) palavras derivadas de afixos acentuados apresentam dois acentos, sendo um localizado na base e outro no afixo (por exemplo, “simplesmente”); (ii) afixos dissílabos, ao formarem pés (Σ s) isolados, são candidatos a receberem acento primário característico de ω (como, “sozinho” que forma um pé binário trocáico); (iii) afixos acentuados (em especial os prefixos) são sujeitos às regras fonológicas que se aplicam entre palavras (por exemplo, ant[e]penúltimo > ant[i] penúltimo, em que ocorre a neutralização da átona final); e (iv) afixos acentuados também podem apresentar certa autonomia morfossintática em relação à sua base (como, “Maria faz pós” (em que “pós” está para “pós-graduação”)).

Ao analisar as ocorrências envolvendo afixos acentuados no corpus pesquisado, levando em conta os resultados apresentados nas pesquisas explicitadas acima, concluímos que os escreventes, ao produzirem suas escritas hipersegmentadas, se basearam, principalmente, nas características morfossintáticas descritas em (i), (ii) e (iii). Nas

⁴⁶ No corpus em análise, os dados com afixos acentuados são: “so zinho”, “anti penultimo”, “estra terrestre”, “disney lândia”, “mini cidade”, “simples mente” e “contra bando”.

ocorrências “anti penultimo” e “mini cidade”⁴⁷, em especial, parece haver, também, a atuação da característica descrita em (iv), uma vez que os afixos envolvidos nessas hipersegmentações parecem apresentar certa independência morfossintática (e, talvez morfossemânticas) em relação às suas bases. Por fim, podemos concluir que as grafias analisadas, além de serem motivadas por informações prosódicas, também o são por informações morfossintáticas/morfossemânticas. Somam-se, a essas informações, aquelas de natureza letrada, pois os registros identificados são produzidos com base na tentativa do escrevente alçar uma escrita institucionalizada (CORRÊA, 2004), de modo que, ao colocar um espaço em branco entre cada unidade linguística, o escrevente deixa pistas de que está elaborando hipóteses sobre o *status* de palavra autônoma (ABAURRE e SILVA, 1993).

Por fim, o último conjunto de dados é formado por nove ocorrências (que correspondem a 13,6%) que têm em comum a segmentação de palavras em sílabas⁴⁸ e/ou sílabas seguidas de um pé. No Quadro 8, apresentamos informação da série em que ocorreu cada dado e possíveis estruturas prosódicas correspondentes.

Classificação	Dados	Série
$\sigma + \Sigma$	“su por”	7 ^a
	“es quito” (escrito)	5 ^a
	“com verço”	8 ^a
	“com versando”	8 ^a
$\sigma + \sigma + \sigma$	“na que le”	5 ^a
$\Sigma + \sigma$	“começa mos”	(6 ^a)
$\Sigma + \sigma + \sigma$	“adisio o na”	5 ^a
$\sigma + \sigma + \Sigma$	“com ver sando”	8 ^a
	“com ver samos”	8 ^a

Quadro 8: Ocorrências de hipersegmentações⁴⁹ envolvendo sílabas e pés

⁴⁷ Possíveis enunciados constando a autonomia desses prefixos seriam: (1) “Você foi o último ou o antepenúltimo a ser atendido? Fui o ante.”; (2) “Você prefere morar em uma minicidade ou em uma grande cidade?”/“Em uma mini.”

⁴⁸ A sílaba (σ) constitui a menor unidade prosódica. Assim como os demais constituintes, ela possui um cabeça (nó com valor forte), que em Português Brasileiro, segundo Bisol (1996), é sempre uma vogal, e, possivelmente, seus dominados (nós com valor fraco), que em Português Brasileiro podem ser consoantes ou glides. No modelo prosódico proposto por Nespor e Vogel (1986), as sílabas são agrupadas pés.

⁴⁹ Como observado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon em seção de qualificação da dissertação certas ocorrências de hipersegmentação analisadas no Quadro 8 podem ser interpretadas como possíveis palavras da língua. Por

Como podemos observar, exceto para o dado “es quito” (escrito), todas as demais ocorrências apresentam ao menos uma das sílabas hipersegmentadas correspondente a um possível monossílabo átono, que prosodicamente equivale a um clítico, podendo corresponder a palavras funcionais ou itens gramaticais, como, por exemplo, nos dados coletados, as preposições “com” (em “com versando”), “em” + artigo “a” = (na) (em “adisio o na”), e “por” (em “su por”).

Concluimos a análise das hipo e hipersegmentações, tendo demonstrado que essas grafias constituem evidências de que os escreventes, ao tomarem decisões sobre onde alocar o espaço em branco que indica fronteira de palavra na escrita, mobilizam tanto informações prosódicas (como sílaba, pé métrico, palavra fonológica), quanto letradas (como a grafia de palavras funcionais). Vale ressaltar que as mesmas características já foram observadas tanto em dados transversais de escrita de alunos de EF II por Tenani (2011b), como, também, em dados de escrita infantil por autores como Capristano (2007).

3.2 Discussão geral

Nesta subseção, faremos uma discussão mais detalhada sobre as ocorrências de segmentação não-convencional de palavra, buscando demonstrar que a delimitação das fronteiras gráficas de palavras na escrita de alunos do EF II encontram-se ancoradas: (1) no componente prosódico da linguagem, como proposto por Nespor e Vogel (1986); e (2) em práticas de letramento que enfatizam as convenções ortográficas.

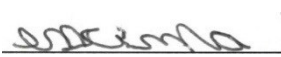
exemplo, em “com verço”, “verço” pode ser considerada homófona à palavra “verso”, o que levaria a análise do dado como $\sigma + \omega$. No entanto, neste Quadro, optamos por apresentar uma análise em que as hipersegmentações resultariam de sequência de sílaba e pé.

Como observado por meio das descrições realizadas na subseção anterior, os dados de segmentação não-convencional de palavra produzidos por escreventes do EF II envolvem (em sua maioria) fronteiras de constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, isto é, há evidências do predomínio de segmentações relacionadas às fronteiras de σ , Σ , ω e C. Evidências essas que indiciam, na heterogeneidade constitutiva da escrita desses escreventes, os modos pelos quais circulam por práticas orais/faladas. Da mesma forma, as descrições realizadas anteriormente possibilitaram observar que os registros não-convencionais de palavras feitos pelos escreventes constituem indícios de seus movimentos pelo código escrito institucionalizado. Desta forma, podemos dizer que, em sua escrita, o escrevente recupera, ao mesmo tempo, elementos da sua inserção nos dois tipos de práticas sociais aqui considerados, as orais/faladas e as letradas/escritas, o que aponta para o entrecruzamento dessas práticas na escrita e, conseqüentemente, para o caráter heterogêneo da própria escrita.

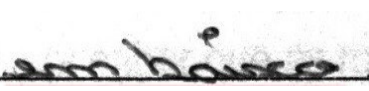
Vejamos, a seguir, por meio dos exemplos, de que modo se entrecruzaram elementos dessas duas práticas – prosódicos, que recuperam as práticas orais/faladas, e ortográficos, que recuperam as práticas letradas/escritas.

Iniciamos, portanto, com a exposição de exemplos representativos da maioria das ocorrências (tanto de hipo, quanto de hipersegmentações), resultantes de representações gráficas de sequências de clítico (item não-portador de acento) seguido de uma (possível) palavra fonológica (item portador de acento). Buscaremos demonstrar que esses registros não-convencionais apontam para as reflexões dos escreventes acerca de fronteira de palavras, uma vez que, nessas ocorrências, podemos observar as flutuações dos escreventes quanto à grafia de sílabas átonas que correspondem (nas hipossegmentações) ou poderiam corresponder (nas hipersegmentações) a um clítico prosódico – que gramaticalmente equivalem às palavras funcionais monossilábicas.

Ocorrências⁵⁰ produzidas pelo S7, nas 5ª e 8ª séries, respectivamente.

(1.1)  (S7_05)

(1.1'). <[encima]ω> “em cima”

(1.2)  (S7_23)

(1.2'). <[em]cl [baixo]ω> “embaixo”

Em (1.1), a segmentação para menos decorre de um registro de uma palavra prosódica constituída de “em” e “cima”, uma sequência de sílaba átona e pé métrico troqueu. Em (1.2), a segmentação para mais é resultado da análise da palavra prosódica “embaixo” em sílaba átona seguida de pé métrico, a saber, “em” (sem acento, portanto clítico) e “baixo” (com acento, portanto, hospedeiro do clítico). Ainda mais, os registros da sequência (1.1) como uma única palavra e (1.2) como duas palavras podem ser tomados como indício de que a sequência de grafemas “em” tanto pode ser delimitada por espaços em branco, correspondendo, portanto, a uma palavra gráfica na escrita, quanto pode corresponder a uma sílaba pretônica de palavra. A propósito dessas grafias, é importante observar que, além de remeterem a representações de estruturas prosódicas da língua, também remetem aos diferentes modos de grafar a nasal em coda na escrita: “m” é usado exclusivamente antes das consoantes “p” ou “b” e em finais de sílaba, enquanto, “n” é usado antes das demais consoantes e em finais de sílaba. Dessa forma, podemos dizer que as correspondências realizadas pelo escrevente entre o que ouve e características das convenções ortográficas aprendidas na escola indiciam a constituição heterogênea da escrita. E, por consequência, a escrita do escrevente demonstra o entrecruzamento entre práticas orais/faladas e práticas letradas/escritas.

⁵⁰ Os exemplos vêm acompanhados da sigla que identifica o sujeito/escrevente, seguida da série e do número da proposta da qual o exemplo foi extraído.

Vejamos outros exemplos que, assim como as ocorrências em (1), envolvem a representação gráfica de sequências de clítico seguido de palavra fonológica:

HIPOSEGMENTAÇÕES

- (2) enfrente
- (3) denovo
- (4) comtudo
- (5) anoite

HIPERSEGMENTAÇÕES

- (6) em bora
- (7) da quele
- (8) com migo
- (9) a gora

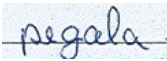
Comparando as ocorrências ora apresentadas com as expostas em (1), podemos dizer que os locais onde se dão as junções e rupturas na escrita sempre envolvem monossílabos átonos (“a, de, em me, por, com”, predominantemente), que prosodicamente coincidem com clíticos, e cujas grafias parecem ser de difícil apreensão para os escreventes. Essas grafias são aqui interpretadas como indícios do *status* de clítico (ou não) que certas partículas (átonas) – como “a, em, de,” etc., podem ter para os escreventes. Em outras palavras, os tipos de ocorrências aqui apresentados podem ser entendidos como flutuações dos escreventes em considerar elementos átonos como palavra ou como parte de palavra.

A respeito das hipo e hipersegmentações apresentadas, há, ainda, correlação entre a classe gramatical do elemento clítico e as ocorrências de junturas gráficas entre palavras e rupturas gráficas dentro de palavra. Nos casos de hipossegmentação, observamos o predomínio de o clítico ser uma preposição quando a estrutura for clítico+palavra fonológica, como, por exemplo, em “enfrente”, “denovo” e “comtudo”. Nos casos de hipersegmentação, verificamos serem as sílabas pretônicas que correspondem a preposições e/ou contrações de preposições+artigos (“da, de, a, com, em, na”, formas mais encontradas), como em “em bora” e “da quele”. Esse resultado possibilita traçar um diferencial entre dados de escreventes do EF II e escreventes de início da aquisição da escrita, como os analisados por Cunha (2004) e por Paula (2007). Ao compararmos esses dois tipos de dados, alunos em aquisição da escrita parecem ter maiores dificuldades em decidir os locais para a colocação do espaço em branco,

ao passo que os escreventes do EF II encontram maiores dificuldades em atribuir *status* de palavras (ou não) que certas partículas (átonas) – como as preposições “de, em, com, etc.” – podem ter na escrita.

Por fim, podemos considerar essas ocorrências de hipo e hipersegmentação como indícios de hipóteses dos escreventes acerca da representação de uma palavra ou de partes de palavras, que, por sua vez, indiciam o trânsito do escrevente pelo imaginário sobre a gênese da escrita, como também, pelo código escrito institucionalizado.

Vejamos, agora, a ocorrência “pegala”, produzida pelo sujeito 01, em que a ausência não-convencional de hífen/branco em relação às convenções ortográficas parece ter sido motivada pela interpretação do escrevente de um constituinte prosódico, isto é, pela percepção de um grupo clítico como sendo uma palavra fonológica:

(10)  (S1_01)

(10') [pegala]ω > pegá-la

A ocorrência (10) chama a atenção pelo fato de o escrevente utilizar o clítico em ênclise. Para a análise desse dado, faz-se necessário apresentarmos considerações de Abaurre e Galves (1996) a respeito dos clíticos pronominais do Português do Brasil, pois acreditamos serem relevantes para a formulação de hipóteses explicativas que postulamos a respeito dessa ocorrência de ausência de fronteira gráfica entre palavras. Segundo as autoras, a ênclise é um fenômeno altamente marginal em relação à próclise, a qual se constitui tendência geral no Português do Brasil. Ainda mais, na análise que fazem de seus dados, as autoras tecem comentários sobre o que chamam de “dois sobreviventes”:

A norma culta falada, pelo menos a dos anos 70, contém marginalmente dois resquícios da antiga gramática: o clítico o/a (s) (+ 6% das ocorrências), e o uso da ênclise (+ 9%). Ora, a análise proposta aqui tem como ponto de partida o desaparecimento do clítico o/a. Não sendo este absoluto, deparamo-nos com um problema: qual é seu estatuto na gramática dos falantes que o empregam? Parece claro que os falantes que o usam (marginalmente) atribuem a ele um estatuto diferente dos outros clíticos, uma vez que a sua colocação não se pauta pela dos outros pronomes. Sabe-se que é adquirido durante a escolarização, e, portanto integrado ao léxico tardiamente (...). O uso da ênclise [por sua vez] também pode ser atribuído ao contato com a escrita (...). (ABAURRE e GALVES, 1996, p.301)

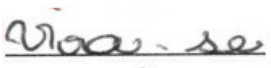
As afirmações das autoras nos levam a sugerir que a ocorrência em (10) pode ser considerada como resultante da representação da percepção do que poderia ser definido como um grupo clítico, grafado pelo escrevente como uma palavra fonológica. Destacamos, ainda, que, assim como demonstrado por Cunha (2004) para dados de aquisição de escrita, ao juntar a forma verbal ao pronome, a ocorrência em (10) poderia ser analisada como uma produção do escrevente baseada no padrão de acento mais comum do Português Brasileiro e no número ideal de sílabas por palavras nessa língua. Ou seja, ao considerar o pronome oblíquo como parte integrante da palavra, formou-se um troqueu silábico que, segundo Bisol (1996), é a regra geral de atribuição de acento do Português do Brasil, com formação de uma “palavra” paroxítona trissilábica.

No entanto, a colocação pronominal em (10) também é de natureza sintática e, desse modo, se constitui em outra motivação que se soma à de natureza prosódica, pois essa grafia parece ter sido baseada na percepção de um aspecto sintático da língua, isto é, o uso do pronome em ênclise. Em outros dizeres, a ocorrência em (10), além de caracterizar a percepção do escrevente de uma categoria prosódica, é indício da circulação do escrevente por um certo imaginário da escrita relacionado ao nível sintático, uma vez que, ao fazer uso do clítico “a” em ênclise, o escrevente apresenta sua tentativa de adequar seu texto ao que imagina ser o modo valorizado pela prática escolar tradicional da estrutura enclítica verbo+clítico.

Observemos, agora, as ocorrências (11) e (12), resultantes de tentativas de representações de estruturas verbo+cl (estruturas enclíticas) produzidas por dois outros sujeitos. Nessas ocorrências, observamos a presença não-convencional de hífen/branco dentro da palavra foi possivelmente motivada pela interpretação do escrevente de uma palavra como um grupo clítico, formado por verbo+se.

(11) 

(11') aparese-se > [aparese-se]C > aparecesse (S5_03)

(12) 

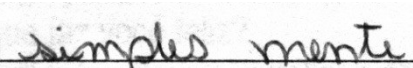
(12') vira-se > [vira-se]C > virasse (S6_15)

Das ocorrências (11) e (12), interessa-nos destacar o uso não-convencional do sinal gráfico hífen. Nessas ocorrências, na tentativa da grafia de tempos verbais do modo subjuntivo, os escreventes fazem uso não-convencional do sinal gráfico hífen, buscando, a nosso ver, alçarem grafias convencionais de estruturas construídas de verbo+clítico, típicas de registros mais formais. Essas tentativas podem ser entendidas como ligadas diretamente a aspectos que consideramos como código escrito institucionalizado formalmente transmitido na escola, por exemplo. Ainda mais, parece-nos que as segmentações propostas pelos escreventes em (11) e (12) são resultantes das pressuposições dos sujeitos de uma relação ao mesmo tempo entre a prosódia e a segmentação da escrita. Possivelmente, as segmentações apresentadas foram baseadas na percepção de uma palavra como sendo um grupo clítico e apresentam aspectos relacionados ao código escrito institucionalizado, os quais parecem atravessar a escrita do escrevente, uma vez que o hífen é um recurso essencialmente gráfico,

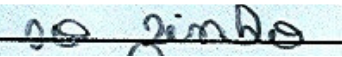
utilizado, entre outras funções, para ligar elementos, como verbos a um pronome oblíquo enclítico. Isso posto, baseados em Corrêa (2004), essas ocorrências não nos parecem tentativas de representações gráficas de trechos de discursos dos escreventes, como geralmente se espera que façam, como crianças, na escrita espontânea (cf. SILVA, A., 1991, p.37). Pelo contrário, parece-nos que “o contato com a escrita e com as recomendações passadas durante anos de escolarização é que estão sendo determinantes nas segmentações dos escreventes” (CORRÊA, 2004, p.222-3).

Por fim, a respeito dessas ocorrências, concluímos que sejam uma demonstração de que “embora o critério fundamental do escrevente seja seguir o ‘modelo de escrita’, segui-lo significa orientar-se pela representação que se faz desse modelo” (CORRÊA, 2004, p.223).

Passemos às próximas ocorrências que envolvem palavras morfológicas que, na interpretação dos escreventes, corresponderiam a duas palavras fonológicas:

(13)  (S2_21)

(13') [simples]ω [mente]ω > simplesmente

(14)  (S4_01)

(14') [so]ω [zinho]ω > sozinho

(15)  (S6_06)

(15') [anti]ω [penultimo]ω > antepenúltimo

Nas ocorrências (13) e (14), os espaços em branco podem ter sido motivados pela autonomia prosódica⁵¹ que os sufixos “mente” e “zinho” têm em relação às suas bases. Já na ocorrência (15), há uma palavra composta por prefixação, em que a motivação para o

⁵¹ De acordo com Quadros e Schwindt (2008), os sufixos dissilábicos, como “mente” e “zinho”, podem formar pés métricos trocaicos e serem candidatos a receber acento primário, que é característico de palavra.

emprego do espaço em branco em local não-previsto pela ortografia deve estar associada ao fato de o prefixo “anti” receber acento e se estabelecer como forma livre⁵². Essas ocorrências demonstram que, além de haver aspectos prosódicos motivando as segmentações não-convencionais de palavra, aspectos morfológicos são mobilizados na identificação de possíveis palavras na língua, pois os espaços em branco entre cada unidade dão pistas de hipóteses sobre o *status* de palavra autônoma (ABAURRE; SILVA, 1993), e de tentativas do escrevente em alçar uma escrita institucionalizada (CORRÊA, 2004).

Para dar continuidade às discussões, selecionamos um fragmento de texto dos sujeitos S1 e S7. Nesses fragmentos de textos, privilegiamos as ocorrências (16) “tabom” e (17) “befeito”.

(16)

— tabom eu vou lá na sua casa 14:00 horas

(16') tabom > [tabom]ϕ > está bom (S1_10)

(17)

— E' befeito quem mandou você? Tani e Rogério

(17') befeito > [befeito]ϕ > bem feito (S7_01)

Podemos supor que as ocorrências (16-17) são resultantes da atuação de constituintes acima do domínio da palavra fonológica. Explicando melhor, em (16) e (17) verificamos indícios do escrevente basear sua escrita na percepção de uma categoria prosódica correspondente a uma frase fonológica.

⁵² Ver nota 12.

Vale salientar que, a depender da leitura atribuída às ocorrências (16) e (17), elas poderão ser consideradas como uma representação da percepção de uma frase fonológica – como se optou na presente análise –, ou de uma frase entoacional, quando atribuímos a (16) e (17) um contorno entoacional característico da realização das sequências como interjeições⁵³. Em ambas as opções de análise, o predomínio da gênese da escrita é observado, na medida em que os enunciados “tá bom” e “bem feito” buscam representar a fala de personagens. Vale salientar que esse tipo de dado ocorre pouquíssimas vezes no corpus desta pesquisa, sendo a maior quantidade encontrada na 5ª série e sendo produzido por apenas três escreventes (S1, S4 e S7). Essa característica se apresenta como uma diferença entre os dados de EF II e dados de início do processo de aquisição da escrita (primeiras séries do EF), pois, nestes, observa-se grande atuação de domínios acima da palavra fonológica (cf. CUNHA, 2004; CHACON, 2005 e CAPRISTANO 2007), ao passo que, em dados de EF II, observamos evidências de segmentações não-convencionais de palavras estarem relacionadas mais fortemente a fronteiras de σ , Σ , ω e C.

Esse resultado para dados longitudinais confirmam os resultados de Tenani (2011b) para dados transversais. A respeito das ocorrências ora apresentadas, poderíamos também supor que são resultados da atribuição do *status* de palavras a essas sequências, motivados pelo reconhecimento do funcionamento dessas sequências como locuções interjetivas⁵⁴ (união de duas ou mais palavras para a expressão de um sentimento).

As ocorrências (16) e (17), além de serem indicativas das reflexões dos escreventes sobre a colocação do espaço em branco na escrita, são, também, indícios de que aspectos

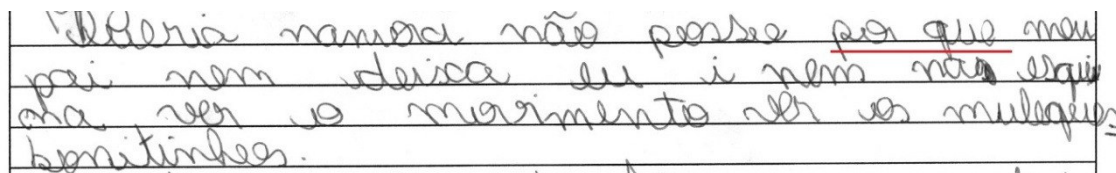
⁵³ Como observado pela Profa. Dra. Ana Paula Nobre da Cunha em seção de qualificação da dissertação, se atribuirmos às ocorrências “tabom” e “befeito” um contorno entoacional característico de interjeições, essas hipossegmentações também podem ser justificadas por meio da ideia de frase fonológica forte, como apresentada por Bisol (1996) para dados de fala, e por Cunha (2004) para dados de aquisição de escrita.

⁵⁴ As locuções adjetivas “está bom” e “bem feito” nos contextos usados significam, respectivamente, “concordância” e “reprovação”.

fonológicos são decisivos nas escolhas pela delimitação de fronteira de palavras na escrita dos escreventes do EF II.

Para a análise de outro conjunto de dados, selecionamos um trecho de um dos textos do sujeito S3. Neste trecho, privilegiamos a grafia hipersegmentada de “porque”⁵⁵.

(18)



(S3_11)

(18') por que > [por]ω [que]ω > porque

Consideramos importante ressaltar que, diferentemente de dados de escrita infantil, esse tipo de ocorrência é bastante frequente nas produções escritas dos escreventes de EF II. Uma hipótese explicativa para essa diferença pode estar associada ao fato de, na segunda etapa do EF, os escreventes começarem a fazer uso de períodos compostos constituídos, por exemplo, por orações subordinadas causais – que podem ser iniciadas pela conjunção “porque”. Ainda mais, podemos associar a frequência dessas ocorrências envolvendo palavras homônimas às atividades metalinguísticas que chamam a atenção dos escreventes para a diferença ortográfica das gráficas dos “porquês”. Vale salientar que, como frisado anteriormente, a Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Língua Portuguesa não expõe as noções gramaticais trabalhadas em cada série. Entretanto, ao consultarmos materiais didáticos usados por docentes em escolas públicas, como Cereja e Magalhães (2004) e Delmanto e Castro (2009), verificamos que atividades metalinguísticas envolvendo a grafia de palavras homônimas e parônimas são propostas no decorrer das séries

⁵⁵ Neste enunciado, a grafia convencional de “porque” seria junta, pois está funcionando como uma conjunção subordinativa causal.

do EF II, sendo mais precisamente na 7ª série, em que os autores propõem o estudo da grafia dos “porquês”.

Em outros termos, poderíamos dizer que, ao propor segmentações não-convencionais como a analisada em (18), o escrevente, por estar imerso em situações de uso de escrita valorizados pela instituição escolar, parece ser capturado pelos funcionamentos da escrita que se mostram como os mais convencionais. Supomos que a grafia “por que” ao lado da grafia “porque” gera a percepção por parte do escrevente de serem possibilidades de registro ortográfico que uma “mesma” palavra tem em nosso sistema de escrita.

Do ponto de vista fonológico, propomos, como Capristano (2003, p.132), que essa ocorrência demonstra a percepção do menor constituinte prosódico (a sílaba), que possivelmente atravessou esse enunciado, fazendo com que a criança separasse “por” e “que”.

Enfim, podemos concluir, baseados em Capristano (2003, p.123), que, por ser uma segmentação baseada em possibilidades do sistema de escrita alfabético, esse tipo de segmentação parece esconder, “de algum modo, o processo de constituição desta escrita (dialógico, por excelência, e flutuante entre as práticas letradas e orais) o que significa, por outro lado, que ele não esteve aí presente o tempo todo”. O que temos tentado demonstrar com nossas análises é que as segmentações não-convencionais de palavras se apresentam como um processo reflexivo do sujeito sobre a linguagem.

Por fim, selecionamos um texto do sujeito S4 que possibilita explicitar esse processo reflexivo. Por meio desse texto, veremos diferentes formas de segmentar não-convencionalmente uma mesma estrutura convencional de palavra:

(19):

A Vida No Dia a Dia Na Internet.

A vida no dia a dia na Internet eu fa algo da escola eu faigo o PC vou almorçar eu fa acabar de almorçar eu vou na sala na TV coloca no canal 19 jogo aberto na Band eu acabo de ver o jogo aberto vou no PC eu vou fa coisa na Internet coloca no ORKUT e fa vou no MSN conecta eu fico com Ver Sando com os meus amigos, no orkut eu fico vendo os orkut das pessoas com [sando] Verço com a minha prima gene, a minha prima na fica com versando ela chama eu para Sai dando os Textar-pinos a gente conversa de or no dance do meu colega o Pablo, eu a gente fica andando de Moto no no posto.

Os Verço comdo que eu algo com a minha prima o PC eu fa algo eu fa vou no orkut e no MSN eu vou conversa com a ~~prima~~ ~~estela~~ estela ela e uma pessoa legal comdo que ela vai para Rio Preto a gente Sai comdo o Bork dela aqui a gente foi.

Depois que agente Sai o Não fale como a gente conversa com ela porque o PC quebrou eu vou dela para formata o PC e si a gente com Ver Sando no MSN a gente fica até as 4:00 horas da noite.

S4_20

(19.1) com ver sando > [com]σ [ver]σ [sando]Σ > conversando

(19.2) com verço > [com]σ [verço]Σ > converso

(19.3) com versando > [com]σ [versando]Σ > conversando

(19.4) com ver samos > [com]σ [ver]σ [samos]Σ > conversamos

As hipóteses explicativas para esses dados não poderiam se reduzir à análise do dado isolado, mas, sim, deveriam considerar a produção escrita juntamente com as instruções para a elaboração da produção textual. Iniciamos destacando que, de acordo com as instruções da proposta temática que gerou a produção escrita considerada, o escrevente deveria produzir um texto relatando suas relações de amizade estabelecidas por meio da internet ou fora dela. Dessa temática, podemos supor que o uso de palavras como “conversamos/ converso/

conversando” na produção textual desse sujeito é indício de réplica ao que foi solicitado pela produção textual. Podemos dizer que o tema da narrativa se baseia na prática da **conversa**, por meio da qual o escrevente organiza as atividades tanto dentro quanto fora da internet.

Tomando essa linha de interpretação, a primeira (19.1) e a última (19.4) hipersegmentações identificadas no texto parecem funcionar como informações que introduzem e concluem a temática sobre o “dia a dia na internet”. Ao tomarmos como referência os enunciados em que aparecem essas ocorrências, observamos indícios, por meio dos espaços entre as sílabas das formas verbais de “conversar”, de que o texto é permeado por um ritmo silabado, tipicamente usado na fala quando se quer dar ênfase a alguma informação. É interessante observar, também, como demonstraremos abaixo, que, em ambos os enunciados, as formas hipersegmentadas em (19.1) e (19.4) são, em nossa interpretação, as palavras que carregam os elementos mais proeminentes das frases entoacionais (*Is*) onde ocorrem:

[[eu fico **com ver sando**]φ [com os meus amigos,]φ]I (19.1)

[[e ai a gente **com ver samos**]φ [no MSN]φ]I (19.4)

Em relação às outras duas hipersegmentações (19.2) e (19.3), elas diferem quanto aos pontos de corte em relação às hipersegmentações em (19.1) e (19.4) pelo fato de apresentarem apenas um ponto de corte, enquanto as outras apresentam dois pontos de corte. Possivelmente, essas hipersegmentações foram propostas pela percepção do acento rítmico que as sílabas dessas palavras recebem.

Ainda mais, as hipersegmentações apresentadas em (19) demonstram fatos relacionados a informações morfológicas da língua. Nas quatro ocorrências, a sílaba pretônica das palavras é analisada como palavra independente (um clítico prosódico), possivelmente relacionado a um item gramatical: a preposição “com”. Já nas ocorrências (19.1), (19.2) e (19.4), além da interpretação da sílaba pretônica como item gramatical, podemos associar a

interpretação da partícula “ver” ao verbo *ver*, nas ocorrências (19.1) e (19.4), e da partícula “verço” à palavra lexical *verso*, na ocorrência (19.2). Dessa forma, os espaços em branco na escrita dão pistas do reconhecimento de palavras lexicais da língua (“com”, “ver” e “verso”). Em se tratando das partes restantes das segmentações (19.1), (19.3) e (19.4), ou seja, “sando”, “versando”, e “samos”, apesar de não corresponderem a nenhuma palavra da língua, correspondem aos limites de um pé métrico (Σ), ou poderiam ser consideradas palavras fonológicas (ω s) em decorrência de portarem um acento.

Esse texto chama a atenção, ainda, para o fato de o escrevente produzir três ocorrências grafadas convencionalmente de formas verbais de “conversar”: duas ocorrências da forma verbal “conversar” (com o apagamento de “r” final), nas linhas 17 e 22, e uma ocorrência da forma verbal “conversa”, na linha 13. Ao compararmos as duas grafias convencionais de “conversar” com as hipersegmentações analisadas, os espaços em branco em locais não-previstos pela ortografia podem estar associados ao acento prosódico, ou seja, as hipersegmentações apresentadas em (19) encontram-se relacionadas, em especial, com a formação de troqueus silábicos, ao passo que as duas ocorrências convencionais de “conversar” teriam o acento sobre a última sílaba. Cunha (2012), ao analisar dados de segmentação não-convencional da escrita de crianças brasileiras e portuguesas, demonstrou ser o troqueu silábico um importante motivador nas segmentações, o que, segundo a autora, contribui para que esse pé métrico seja uma importante unidade para os estudos de ritmo do português. No entanto, ao analisarmos a ocorrência convencional da palavra “conversa” (linha 13), esperaríamos que o escrevente produzisse uma escrita hipersegmentada, pois assim como as demais hipersegmentações em (19) há a possibilidade do reconhecimento do clítico “com” e a formação à direita de um pé troqueu silábico; porém não é o que ocorre. Com esses resultados, podemos dizer que as grafias ora convencionais, ora não-convencionais, envolvendo palavras de um mesmo campo semântico, demonstram os momentos de reflexão

feitos pelo escrevente, durante a produção de seu texto, sobre o estatuto de palavra que certas partículas (no caso os clíticos prosódicos) apresentam, já que podem ou não corresponder a palavras na língua. Essas grafias pode ainda indiciar o reconhecimento de palavras sob palavra.

Por fim, pensando como a constituição heterogênea se mostra em nossos dados, supomos que os escreventes, do Ciclo II, ao estabelecer limites (de palavra) em sua escrita, se ancoram em características prosódicas detectadas em enunciados falados. No entanto, por esses limites, na maioria das vezes, corresponderem ao que preveem as convenções ortográficas, essa correspondência pode ser vista como fruto do contato dos escreventes com enunciados escritos que fazem parte de práticas letradas (que podem ou não fazer parte do seu cotidiano escolar). Dessa maneira, podemos supor que os escreventes recuperam, na sua escrita, concomitantemente, elementos da sua inserção em práticas orais/faladas e letradas/escritas, o que aponta para um entrecruzamento dessas práticas na escrita e, por consequência, para o caráter heterogêneo da própria escrita.

3.3 Observações finais

Nesta seção, tivemos dois propósitos centrais: apresentação dos dados de segmentação não-convencional produzidos por sete sujeitos/escreventes ao longo das séries do EF II e a análise dos dados apoiada em dois eixos de circulação dialógica do escrevente em torno do imaginário da escrita.

Buscamos demonstrar que as grafias não-convencionais de palavras podem ser vistas como indícios das complexas relações entre enunciados orais/falados e letrados/escritos, como também são reveladoras do trânsito do escrevente entre as práticas orais/faladas e

letradas/escritas, que corroboram uma concepção de escrita como heterogeneamente constituída (CORRÊA, 2004).

Na seção final, sistematizamos as discussões mais relevantes desenvolvidas no decorrer deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos as segmentações não-convencionais de palavras produzidas por um grupo de escreventes durante as quatro últimas séries do EF II de uma escola pública paulista com o objetivo central de verificar em que medida as segmentações não-convencionais podem ser vistas como evidências do modo como escrevente representa características de enunciados falados em enunciados escritos, e com os objetivos específicos de:

- (1) identificar possíveis critérios prosódicos envolvidos nas decisões dos escreventes do EF II sobre como segmentar palavras na escrita, e
- (2) observar como e em que medida as marcas de segmentação não-convencional de palavras indiciam, nos textos analisados, relações estabelecidas entre os sujeitos/escreventes e suas práticas sociais orais e letradas.

A fim de alcançarmos esses objetivos, analisamos as segmentações não-convencionais de palavras ancorados em uma concepção de escrita heterogeneamente constituída, como propõe Corrêa (2004), e assumimos, juntamente com o autor, o falado e o escrito como práticas sociais vinculadas ao letramento e à oralidade. Ao ancorarmo-nos nessa concepção de escrita, colocamo-nos contrários à visão segundo a qual as segmentações não-convencionais de palavras são vistas como produto de uma relação de interferência da fala na escrita, visão que toma a escrita como representação da fala.

Baseados nessa concepção de escrita, buscamos estabelecer relações entre características dos enunciados escritos, observados por meio da presença ou ausência de uma marca gráfica: o branco ou o hífen, e características dos enunciados falados, observados por meio da prosódia da língua utilizando o arcabouço teórico da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986) sobre os domínios prosódicos.

Antes de adentrarmos aos resultados mais gerais deste trabalho, salientamos que os dados de escreventes de EF II chamam a atenção para dois tipos de ocorrências pouco discutidos na literatura a respeito das segmentações não-convencionais de palavras, a saber, as ocorrências envolvendo o uso não-convencional do sinal gráfico hífen e formas homônimas. Essas ocorrências nos fizeram adotar a proposta de Tenani (2011b) e considerá-las como ao menos um subtipo dentro das segmentações não-convencionais, uma vez que, por envolverem características morfossintáticas e morfossemânticas, parecem carecer de uma análise à parte.

No que concerne às segmentações de ausência/presença não-convencional do hífen, observamos que ambas envolvem a sequência verbo+clítico. No caso da hipossegmentação “pegala”, o escrevente analisou a sequência verbo+clítico com uma única palavra, não utilizando o hífen em local adequado. Nessa ocorrência, por hipótese, temos um registro gráfico motivado pela representação de um grupo clítico como sendo uma palavra. Já nas ocorrências de hipersegmentações, observamos formas de subjuntivo sendo analisadas como sequências de verbo+clítico, como “vira-se” (para “virasse”), onde o hífen é colocado em formas verbais. Nesses casos, verificamos o movimento contrário da hipossegmentação, isto é, há percepção de uma palavra como se fosse um grupo clítico. Ainda mais, a respeito das ocorrências envolvendo a ausência/presença do sinal gráfico hífen, pudemos observar uma mesma estrutura sintática sendo mobilizada, isto é, estruturas enclíticas típicas de registros formais produzidas provavelmente na busca do escrevente alçar uma escrita institucionalizada (CORRÊA, 2004).

No que diz respeito às ocorrências de palavras homônimas, tanto as hipo quanto as hipersegmentações acontecem em todas as séries, tendo a frequência mais baixa durante a 5ª série e a frequência mais alta durante a 6ª série. Possivelmente, essa mudança de frequência esteja associada ao acesso a atividades metalinguísticas com as quais os alunos entraram em contato em determinada série, como, por exemplo, a sistematização da grafia de “porquês”.

Em se tratando das formas homônimas mais envolvidas nesse subtipo de segmentação não-convencional, verificamos ser a expressão pronominal *a gente* hipossegmentada (36,2%) e a conjunção *porque* hipersegmentada (51,1%). Em se tratando das hipossegmentações, os resultados, além de mostrarem tipos de dúvidas dos escreventes quanto aos locais de inserção do espaço em branco, acenam para um favorecimento do uso da forma *a gente* e um desfavorecimento do uso de *nós*, principalmente por sujeitos de faixa etária e escolar semelhante aos analisados nesta pesquisa, como demonstram trabalhos de base Variacionista (cf. FURTADO, [s.d]; RUBIO, 2011). Quanto às hipersegmentações, uma hipótese explicativa para a recorrência da conjunção *porque* pode estar associada ao fato de, no EF II, os escreventes começarem a fazer uso de períodos compostos constituídos, por exemplo, por orações subordinadas causais iniciadas pela conjunção *porque*; como também a recorrência de hipersegmentações da conjunção *porque* pode estar associada às atividades metalinguísticas, em que é chamada a atenção dos escreventes para a diferença ortográfica entre “porque” e “por que”.

No que diz respeito aos resultados mais gerais desta dissertação, as segmentações não-convencionais de palavra produzidas por escreventes do EF II (em sua maioria) podem ser motivadas por possíveis estruturas prosódicas da língua, como a palavra fonológica e o grupo clítico. Mais especificamente, nas hipossegmentações há evidências de o grupo clítico ser analisado como palavra fonológica, como em “derrepente” (cl+ω>ω), isto é, um clítico é analisado como sílaba pretônica, ao passo que nas hipersegmentações uma palavra é analisada como um grupo clítico, como em “na quela” (ω>cl+ω), em que a sílaba pretônica é analisada como clítico. Ainda mais, a respeito dos tipos de estrutura prosódica (cl+ω) mais envolvida nas hipo e hipersegmentações, além de indiciarem questões referentes à organização prosódica da língua, também evidenciam características advindas de informações letradas/escritas. Ou seja, a ausência de fronteira gráfica entre palavra e a presença de

fronteira gráfica dentro de palavra podem ser relacionadas a classes de palavras morfossintáticas. Em nosso trabalho, demonstramos serem as preposições a classe mais envolvida na grafia dos clíticos tanto nas hipo quanto nas hipersegmentações em dados longitudinais, o que corrobora resultados de Tenani (2011b) para dados transversais do EF II.

Em se tratando do processo de aquisição da escrita, ao iniciarem o EF II, os escreventes apresentam mais dados de ausência de fronteira gráfica entre palavras, o que os aproxima de características comuns aos dados de escrita infantil; entretanto, ao encerraram o segundo ciclo do EF, os escreventes tendem a apresentar maior número de ocorrências por presença de fronteira gráfica dentro de palavra. Essa inversão de tendência sinalizaria uma dificuldade dos escreventes, ao terminarem o EF II, em identificar sílabas pretônicas que podem corresponder a monossílabos não-acentuados, particularmente preposições (e contrações de preposição + artigo) pronomes e conjunções, que estariam levando a hipersegmentações na escrita.

Também procuramos demonstrar que os constituintes prosódicos relevantes para caracterizar as ocorrências de hipo e hipersegmentação de escreventes do EF II diferem daqueles que são relevantes para caracterizar os dados de escreventes do início do processo de aquisição de escrita, uma vez que nesses dados é possível observar atuação de domínios acima da palavra fonológica (cf. CUNHA, 2004; CHACON, 2005 e CAPRISTANO 2007); e nos dados de EF II, há evidências do predomínio de segmentações não-convencionais envolvendo fronteiras de sílaba, pé métrico, palavra fonológica e grupo clítico, e poucos dados que envolvem constituintes mais altos da hierarquia prosódica (U, I e ϕ)⁵⁶. Novamente, esses resultados para dados longitudinais confirmam resultados para dados transversais do EF II descritos por Tenani (2011b).

⁵⁶ “U” indica enunciado fonológico; “I”, frase fonológica; ϕ , frase fonológica.

Por fim, a descrição e a análise das características prosódicas das segmentações não-convencionais de palavras realizadas por escreventes do EF II aqui apresentadas não corroboram uma visão dicotômica das relações entre fala e escrita, mas, sim uma posição que toma a fala e a escrita como modos de enunciação da língua entrelaçados com as práticas sociais orais e letradas, de maneira que essas relações estão constituídas de forma heterogênea (CORRÊA, 2004).

Ainda mais, com os resultados obtidos, buscamos ter demonstrado que as expectativas dos PCNs de Língua Portuguesa, de que ao final da primeira etapa do Ensino Fundamental os escreventes estariam capacitados a “escrever textos com *domínio da separação de palavras*” (PCN-LP, 1997, p.80, destaque nosso), não se concretizam, uma vez que, assim como propõe Capristano (2007), a aquisição da escrita, apesar de apresentar regularidades ao longo de seu percurso, não pode ser tomada como um período de aprendizagens lineares e cumulativas.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B.; CAGLIARI, L. C. Textos espontâneos na primeira série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. *Cadernos CEDES*, São Paulo, v.14, p.25-29, 1985.

ABAURRE, M. B. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, p.135-142, 1988.

_____; A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, n.11, p.203-217, 1991.

_____; GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, v.4, p.273-320, 1996.

_____; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*, São Paulo, v.1, n.1, p.89-102, 1993.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: _____. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.247-261, 1996.

_____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.5-20, 2000.

_____. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA*, São Paulo, v.20, p.59-70, 2004. Número especial.

_____. O clítico e o seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n.3, p.163-184, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ampliação do ensino fundamental para nove anos: 3º relatório do programa*. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/relatorio_internet.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: 1997.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de linguística geral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

CAPRISTANO, C. C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. 263f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. 2003. 166f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2003.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português linguagens: 6º ano*. São Paulo: Atual, 2009a.

_____. *Português linguagens: 7º ano*. São Paulo: Atual, 2009b.

_____. *Português linguagens: 8º ano*. São Paulo: Atual, 2009c.

_____. *Português linguagens: 9º ano*. São Paulo: Atual, 2009d.

CHACON, L. A pontuação e a delimitação de unidades rítmicas da escrita. *Estudos Linguísticos*, São Paulo (1978), v.27, p.64-71, 1998.

_____. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.39, n.3, p.223-232, 2004.

_____. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e letramento. *Estudos linguísticos*, São Paulo (1978), v.34, p.77-86, 2005.

_____. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (Org.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, p.155-167, 2006.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, p.135-166, 2001.

_____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, A. P. N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

_____. As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troque silábico e sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE. *Revista Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v.7, p.45-63, 2012. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10743.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

DELMANTO, D.; CASTRO, M. C. *Português: ideias & linguagens: 6. ano*. São Paulo: Saraiva, 2009a.

_____. *Português: ideias & linguagens: 7. ano*. São Paulo: Saraiva, 2009b.

_____. *Português: ideias & linguagens: 8. ano*. São Paulo: Saraiva, 2009c.

_____. *Português: ideias & linguagens: 9. ano*. São Paulo: Saraiva, 2009d.

FURTADO, I. S. *Análise da variação no uso de “nós” e “a gente”*. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013.

KOCH, I. V. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n.30, p.31-38, jul./dez. 1997.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris 1986.

QUADROS, E. S. de; SCHWINDT, L. C. Um estudo sobre a relação entre palavra morfológica e palavra fonológica em vocábulos complexos do português brasileiro. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL - CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre, UFRGS, p.1-18, 2008.

PARANHOS, F. C. *A segmentação não-convencional de palavras em textos de alunos de quinta série do ensino fundamental*. São Paulo: FAPESP, 2010. Relatório final de pesquisa de iniciação científica.

_____; TENANI, L. E. Análise prosódica de segmentação não-convencional de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa: FLP*, São Paulo, n.13, p.477-504, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP13-2/Tenani_Paranhos.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2012.

PAULA, I. F. V. *Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações*. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

RUBIO, C. F. “Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo (1978), v.40, n.2, p.1029-1044, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v2_t46.red6.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013.

SCARPA, E. M. *Estudos de prosódia*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *DELTA*, São Paulo, v.17, n.2, p.175-207, 2001.

SELKIRK, E. The prosodic structure of function words. In: BECKAMN, J. N.; DICKEY, L. W.; URBANCZYK, S. (Ed.). *University of Massachusetts Occasional Papers 18: Papers in Optimality Theory*. Massachusetts: Amherst: GLSA, p.439-469, 1995.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, L. M. *Um estudo longitudinal sobre as hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do Ensino Fundamental*. 2014. 171f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p.431-446, 2008.

TENANI, L. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e ortografia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.16, p.231-245, 2008.

_____. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v.19, n.35, p.247-269, 2010.

_____. *Aspectos segmentais e prosódicos da escrita de crianças e adolescentes: evidências de relações entre enunciados falados e escritos*. São Paulo: FAPESP, 2011a. 44p. Relatório científico final de projeto de pesquisa.

_____. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do Ensino Fundamental. *Revista da ABRALIN*, v.10, n.2, p.91-119, jul./dez. 2011b.

ANEXOS

Anexo 1:

Tabela A: Distribuição dos números de palavras e de hipo e hipersegmentações por sujeito

Sujeito	Total de palavras		Nº de hipossegmentações		Nº de hipersegmentações	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
S1	4200	17,1	10	8,7	15	12,2
S2	2823	11,4	11	9,6	16	13,1
S3	4157	16,8	34	29,7	25	20,3
S4	2222	9,0	32	26,9	29	24,4
S5	4029	16,3	12	11,3	20	15,4
S6	3938	16,0	5	4,3	8	6,5
S7	3314	13,4	11	9,5	10	8,1
TOTAIS	24.683	100	115	100	123	100

Tabela B: Hipossegmentações em relação ao número de palavras por sujeito

Sujeito	Total de palavras		% de hipossegmentações em relação ao nº de palavras por sujeito	
	Nº	%	Nº	%
S1	4200	17,1	10	0,24
S2	2823	11,4	11	0,39
S3	4157	16,8	34	0,82
S4	2222	9,0	32	1,4
S5	4029	16,3	12	0,30
S6	3938	16,0	5	0,13
S7	3314	13,4	11	0,33
Total	24.683	100	115	0,46

Tabela C: Hipersegmentações em relação ao número de palavras por sujeito

Sujeito	Total de palavras		% de hipersegmentações em relação ao nº de palavras por sujeito	
	Nº	%	Nº	%
S1	4200	17,1	15	0,36
S2	2823	11,4	16	0,57
S3	4157	16,8	25	0,60
S4	2222	9,0	29	1,3
S5	4029	16,3	20	0,50
S6	3938	16,0	8	0,20
S7	3314	13,4	10	0,30
Total	24.683	100	123	0,50

Anexo 2:Propostas Textuais

Proposta 1 – 5ª série

Observe a tirinha e discuta com seus colegas e professor(a) como o tema amoroso é tratado.



- A partir da discussão, escreva um texto em que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho. Para escrever seu texto, assuma a visão de uma das personagens.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.
- Dê um título a seu texto.

Proposta 2 – 5ª série

- O cordel abaixo conta a história do Mestre Bimba, um capoeirista. Leia-o com atenção.

Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro

Manoel dos Reis Machado
Famoso na capoeira
É nossa árvore do bem
Nosso grande mestre
Nome que até hoje vem
Por não perder pra ninguém

Ganhou a vida, com tudo
Fez carvão, cortou madeira
Foi trapicheiro e carpina
Bimba Estivador de primeira
Mas o que fez com mais classe
Só foi jogar capoeira.

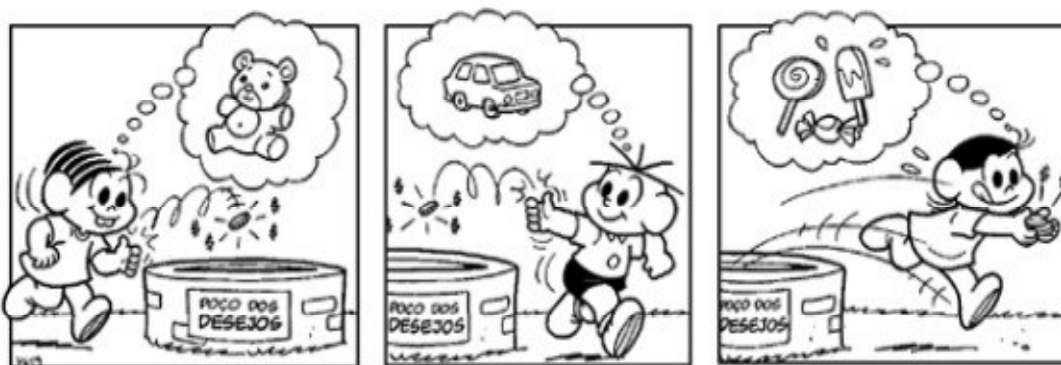
Engenho Velho de Brotas
Local do seu nascimento
Salvador sua cidade
Onde alegria e tormento
Lhe deram vivacidade
Força, coragem e talento.

Luís Gonzaga foi rei
Cantando mulher rendeira
Pelé foi o rei da bola
Com meião e com chuteira
E mestre Bimba sem dúvida
Foi o rei da capoeira.

- Como visto, o cordel é um tipo de texto em que se pode identificar tanto elementos da narração (personagens e ações) quanto elementos da poesia (rima).
- Levando em conta esses aspectos, escreva um cordel que conte um pouco de sua história.
- Você deve escrevê-lo em primeira pessoa, no espaço de quatro estrofes, abaixo delimitado.
- Dê um título a seu texto.

Proposta 3 – 5ª série

- A tirinha abaixo foi criada por Maurício de Sousa, um dos mais conhecidos cartunistas infanto juvenis brasileiros. Suas principais personagens (Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali) foram inspiradas na vida real. Observe-a com atenção e, em seguida, discuta com seus colegas as características de cada uma das personagens, tendo em vista os desejos de cada um.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

- Imagine que agora é a sua vez de depositar uma moedinha no poço dos desejos e produza um texto contando os seus maiores sonhos: quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer, etc.
- Seu texto deve conter de 15 a 20 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 4 – 5ª série

- Observe os quadrinhos abaixo do Chico Bento e seu primo da cidade.



- Chico Bento e seu primo fazem coisas parecidas ao longo do dia, mas cada um não sabe o que o outro faz.
- Suponha que você, como o Chico Bento, tenha ouvido falar sobre a possibilidade de contar sobre as coisas que faz por meio da internet.
- Escreva uma carta ao seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é internet e como se faz para mandar mensagem por meio do MSN.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 5 – 5ª série

- Leia o trecho abaixo, retirado do livro “Este admirável mundo louco”, de Ruth Rocha.

Sou estudante de fláritis, na Universidade de Flutergues. Por acaso, passeando no disco voador Firula 3 fui parar no conjunto estelar Fléquites. Como estivesse sem combustível, tentei descer em algum planeta a fim de poder me reabastecer.

O 3º planeta deste sistema me pareceu jeitoso, pois nele há grandes massas de água. Como todos sabemos, este planeta é habitado por seres estranhíssimos, uns diferentes dos outros. Vamos chamar estes espécimes de freguetes, que são a coisa mais parecida com os terráqueos de que eu me lembro.

Como é que eles são? Vou tentar descrevê-los.

Em cima eles têm uma esfera, só que não é bem redonda. De um lado da esfera tem uns fios muito finos, que são de muitas cores. Do outro lado tem o que eu acho que é a cara deles.

Na cara, bem em cima, eles têm umas bolas que eles chamam de olhos. É por aí que sai, às vezes uma agüinha. Mas só às vezes. Um pouco mais em baixo tem uma coisa que salta pra

fora, com dois buraquinhos bem em baixo. Isso eles chamam de nariz. Mais abaixo ainda tem um buraco grande, cheio de grãos brancos e tem uma coisa vermelha que mexe muito.

[...]

Eu poderia ainda contar muitas coisas sobre este planeta. Mas como eu não entendi quase nada, acho que não adianta muito. Recomendo, por isso uma nova visita ao planeta, mas com muito cuidado, por um grupo especializado em planetas de alto risco. Pois este planeta, que é chamado por seus freguetes de Terra é incrivelmente semelhante ao planeta Flórides do sistema Flíbito, que se desintegrou, na era Flatônica, não se sabe por que, mas, que nessa ocasião desprende grandes nuvens de fumaça em forma de cogumelos...

- ROCHA, Ruth. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Salamandra, 2003.

- Imagine que você é um astronauta que foi mandado a algum planeta do Sistema Solar. Quando você chegou lá, encontrou alguns habitantes daquele planeta estranho.
- Da mesma maneira que o extraterrestre descreveu o planeta Terra, escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como que era o planeta e seus habitantes.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 6 – 5ª série



Com a chegada das Festas do Final do Ano, acontecem várias promoções de prêmios e sorteios de viagens. Suponha que, neste ano, ocorra um sorteio de quatro pacotes turísticos

para os alunos de sua escola e que você ganhe uma viagem de avião, com direito à acompanhante, por 8 dias, à Disneylândia, nos EUA, com tudo pago!

Com base em seus conhecimentos, conte como espera que sejam esses oito dias da viagem.

Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.

Proposta 7 – 6ª série

- Observe a tirinha e discuta com seus colegas e professora.



- Como visto na tirinha, os personagens da Turma da Mônica fizeram promessas que não poderiam cumprir já que prometiam no lugar do amigo.

- A partir da discussão feita com seus colegas e professora em sala de aula, escreva um texto em que relate promessas que você tenha feito e não tenha cumprido. Relate quais foram as promessas, quando, por que e para quem as fez e quais as consequências de não tê-las cumprido.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta preta ou azul escuro. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 8 – 6ª série

Considere o texto abaixo. Trata-se de uma música do cantor e compositor Chico Buarque. Você a ouvirá agora. Ouça prestando atenção especialmente na letra e, depois, discuta com seus colegas e com a professora a temática da música.

Ciranda da bailarina

(Chico Buarque)

Procurando bem
 Todo mundo tem pereba
 Marca de bexiga ou vacina
 E tem piriri, tem lombriga, tem ameoba
 Só a bailarina que não tem
 E não tem coceira

Verruga nem frieira
 Nem falta de maneira
 Ela não tem
 Futucando bem
 Todo mundo tem piolho
 Ou tem cheiro de creolina
 Todo mundo tem um irmão meio zarolho
 Só a bailarina que não tem
 Nem unha encardida
 Nem dente com comida
 Nem casca de ferida
 Ela não tem

Não livra ninguém
 Todo mundo tem remela
 Quando acorda às seis da matina
 Teve escarlatina
 Ou tem febre amarela

Só a bailarina que não tem
 Medo de subir, gente
 Medo de cair, gente
 Medo de vertigem
 Quem não tem
 Confessando bem
 Todo mundo faz pecado
 Logo assim que a missa termina
 Todo mundo tem um primeiro
 namorado
 Só a bailarina que não tem
 Sujo atrás da orelha
 Bigode de groselha
 Calcinha um pouco velha
 Ela não tem

O padre também
 Pode até ficar vermelho
 Se o vento levanta a batina
 Reparando bem, todo mundo
 tem pentelho
 Só a bailarina que não tem
 Sala sem mobília
 Goteira na vasilha
 Problema na família
 Quem não tem

Procurando bem
 Todo mundo tem.

- Como foi possível perceber, a música relata a perfeição da bailarina a partir dos defeitos e problemas que são comuns a qualquer pessoa. Portanto, já que procurando bem todo mundo tem algo que se distancia da perfeição da bailarina, você certamente também tem.
- Escreva um texto relatando um acontecimento em que você teve que enfrentar algum medo ou problema e que essas dificuldades mostram que você não foi tão perfeito quanto a bailarina da música. Relate o que levou a essa situação difícil, se você superou e como superou as dificuldades encontradas.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 9 – 6ª série

- Leia o trecho abaixo, retirado do livro “A companheira de viagem”, de Fernando Sabino.

HORA DE DORMIR

- Por que não posso ficar vendo televisão?
 - Porque você tem de dormir.
 - Por quê?
 - Porque está na hora, ora essa.
 - Hora essa?
 - Além do mais, isso não é programa para menino.
 - Por quê?
 - Porque é assunto de gente grande, que você não entende.
 - Estou entendendo tudo.
 - Mas não serve para você. É impróprio.
 - Vai ter mulher pelada?
 - Que bobagem é essa? Ande, vá dormir que você tem colégio amanhã cedo.
 - Todo dia eu tenho.
 - Está bem, todo dia você tem. Agora desligue isso e vá dormir.
 - Espera um pouquinho.
 - Não espero não.
 - Você vai ficar aí vendo e eu não vou.
 - Fico vendo não, pode desligar. Tenho horror de televisão. Vamos, obedeça a seu pai.
 - Os outros meninos todos dormem tarde, só eu que durmo cedo.
 - Não tenho nada que ver com os outros meninos: tenho que ver com meu filho. Já para a cama.
- (...)

- Assim como o garotinho do texto, certamente, você já vivenciou vários conflitos com seus pais. Relate alguma situação em que você queria algo, mas seus pais não permitiram.
- Em seu texto, você deverá relatar:
 - a) O que queria e por que queria;
 - b) Por que seus pais não deixaram; e
 - c) Como você analisa hoje a situação vivida: seus pais tinham ou não razão em negar o que você queria? Por quê?
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.

Proposta 10 – 6ª série

- Leia os quadrinhos abaixo, retirados da história “Onze coisas que as garotas amam!”, da Turma da Mônica Jovem.







- Na história em quadrinhos, Magali percebeu que a Mônica sentiu ciúmes de Cebolinha. Provavelmente, você ou um(a) amigo(a) já viveram situação em que sofreram por algum motivo. Nesse momento, é bom ter alguém que ajude a lidar com a situação.
- Escreva um texto relatando como foi esse episódio. Lembre-se de relatar o(s) motivo(s) do sofrimento, se você ajudou ou foi ajudado por alguém e como enfrentou esse momento.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 11 – 6ª série

Observe a figura abaixo, referente a uma comunidade do Orkut (site de relacionamentos).

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades



Adolescente sofre
(7.134 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

Adolescente sofre

Início > Comunidades > Família e Lar > Adolescente sofre

descrição: Se vc eh (ou foi)um adolescente sabe q adolescente sofre:

- tem q cuidar do irmão mais novo
- tem que estudar
- tem q aguentar os pais xingando sua banda favorita
- tem q aguntar o irmão mais velho t chama d pirralho
- nunca pode voltar a hora q quer da balada
- sempre tem um irmão[a] q axa que te manda
- nunca pode ir a balada
- nunca tem razão
- nao pod i nem na eskina e tem q da um relatorio pros pais
- tem coração partido
- num pode ir em cinema sozinho
- apanha(em alguns casos)
- tem sempre q obedecer
- lava a louça
- tem prova no colegio
- Tem que mostrar boletim em casa...
- eh zuado na escola
- a mãe chama de bonitinho na porta da escola
- os pais odeiam seu(a) namorado(a)
- tem espinha na caral
- tem que dar satisfação de tudo para os pais!
- eh obrigado a sorrir a ouvir
- e jamais responder
- não podi fica até hora que quise na net
- tem que menti a idade pra entra no orkut
- ou é gordo.. ou é magro de mais..
- nunca estamos satisfeitos
- fika de castigo
- ouvir q nunk temos problemas :]

OBS: Forma escrita mantida do texto original.

- De acordo com o criador da comunidade, adolescente sofre por vários motivos. Você é um adolescente, portanto, passa por algumas daquelas situações colocadas pelo criador da comunidade.
- Escreva um texto relatando um ou mais episódios em que sofreu por ser adolescente ou, caso discorde do criador da comunidade e nunca tenha sofrido por ser adolescente, relate episódios de sua adolescência, argumentando porque adolescente não sofre.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 12 – 6ª série

- Cebolinha e Cascão são grandes amigos e quase sempre se divertem juntos. Eles inventam muitas brincadeiras e têm uma infância muito agitada.
- Assim como o Cebolinha, provavelmente você teve um grande amigo na infância com quem brincava muito. Escreva uma carta a esse amigo, relatando como era gostoso brincar com ele e recorde algum dia inesquecível que vocês passaram juntos. Descreva, com detalhes, a brincadeira predileta de vocês.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 13 – 6ª série

- Na historinha, o Cascão provoca a Mônica e ela fica chateada com ele. Depois, começa a chover e o Cascão precisa de abrigo. No entanto, a casa mais próxima era a da Mônica e ele teve que pedir desculpas para poder ficar na casa dela.
- Assim como o Cascão, você, provavelmente, já deve ter brigado com alguém que era seu amigo. Conte essa briga, escrevendo uma carta a ele ou a um amigo em comum. Recorde como foi esse dia, contando como foi essa briga, por que brigaram e se fizeram ou não as pazes.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 14 – 7ª série

- “Você pode ser imortal”. Esse é o título da reportagem de capa da revista **Superinteressante** do mês de fevereiro de 2010. A chamada da capa da revista trouxe o seguinte texto: “Em 50 anos, é possível que ninguém mais morra de velho. A ciência está preparando um arsenal de drogas e tecnologia que promete manter você vivo para sempre. E com o corpo que sempre quis”.
- Seleccionamos, para você ler, alguns trechos da reportagem (p. 43,48, 49), abaixo transcritos.

Morte morrida é coisa que a *Turritopsis dohrnii* não conhece. A vida dessa espécie de água-viva só acaba se ela for ferida gravemente. Do contrário, a *Turritopsis* vai vivendo, sem prazo de validade. Suas células se mantêm em um ciclo de renovação indefinidamente, como se voltassem à infância. Podem aprender qualquer função de que o corpo precise. É uma verdadeira (e útil) mágica evolutiva. Parecida com a do *Sebastes aleutianus*, um peixe do Pacífico conhecido como rockfish, e de duas espécies de tartaruga, a *Emydoidea blandingii* e a *Chrysemys picta* (ambas da América do Norte). Esse segundo grupo tem o que a ciência chama de "envelhecimento desprezível". Suas células ficam sempre jovens, por motivos que a ciência ainda quer descobrir.

A imortalidade existe na natureza. Não tem nada de utopia. Pena que nós não desfrutemos dessa boquinha. Ao longo do tempo, nosso corpo se deteriora. Perdemos os melanócitos que dão cor aos cabelos, o colágeno da pele, a cartilagem dos ossos – ficamos grisalhos, enrugados, com dores nas juntas. Velhos. Numa sucessão de baixas, células e órgãos vão deixando de cumprir funções cruciais para o corpo. Até que tudo isso culmina numa pane geral. E nós morremos. »

1. CORPO

A imortalidade dará a você o corpinho que quiser. Nada de plástica – é que conseguiremos repor tudo o que estiver gasto no corpo. É a perda de células que faz você ter careca e cabelos brancos, por exemplo. Se as repusermos no futuro com injeções de células-tronco, sua cabeleira manterá o viço. Vai dar até para reverter sinais da idade. Nanorrobôs na corrente sanguínea eliminarão toxinas e dejetos que estejam poluindo o corpo. "As pessoas que receberem essas terapias vão se parecer exatamente com os jovens adultos de hoje", diz Aubrey de Grey, geneticista da Universidade de Cambridge.

2. TRABALHO

Aposentar-se por idade no Brasil significa descansar só nos últimos 10% da vida, em média. Se chegarmos aos 300 anos de idade, a labuta irá até os 270. Isso se o governo quiser pagar aposentadoria. Afinal, você continuará jovem e produtivo o suficiente para pegar no batente. Para não morrer de tédio – de tanto trabalhar na mesma coisa –, o jeito vai ser exercer profissões diferentes. "Será possível ter mais de uma carreira ou aprender vários idiomas. O homem terá uma sabedoria jamais vista", diz Anders Sandberg, neurocientista da Universidade de Oxford.

Vocabulário

Utopia: plano ou sonho irrealizável ou de realização num futuro imprevisível.

Deteriorar: danificar.

Melanócitos: cada um de vários pigmentos marromescuros ou pretos de estruturas animais ou vegetais.

Colágeno: é uma proteína de importância fundamental na constituição da célula.

Cartilagem: tecido flexível, branco ou cinzento, que se encontra especialmente na extremidade dos ossos.

Culminar: atingir o ponto mais elevado, culminante.

Nanorrobôs: são robôs muito pequenos que conseguem manipular e interagir com objetos do tamanho de uma célula.

Toxinas: produto tóxico de elaboração vital (por bactérias, animais, plantas), capaz de provocar a formação de anticorpos.

Dejetos: as próprias matérias fecais expelidas de uma vez.

Células-tronco: células primitivas que dão origem a outras células.

Labuta: trabalho.

Neurocientista: especialista em sistema nervoso

- Com base no que informa a reportagem, é possível que você venha a ser imortal num futuro próximo.
- Descreva como será a sua vida, levando em conta as informações dadas pela reportagem. Conte, também, o que você pretende fazer para desfrutar dos benefícios da imortalidade.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 15 – 7ª série

- Leia os quadrinhos abaixo, retirados da história “Surge uma estrela”, da Turma da Mônica Jovem.



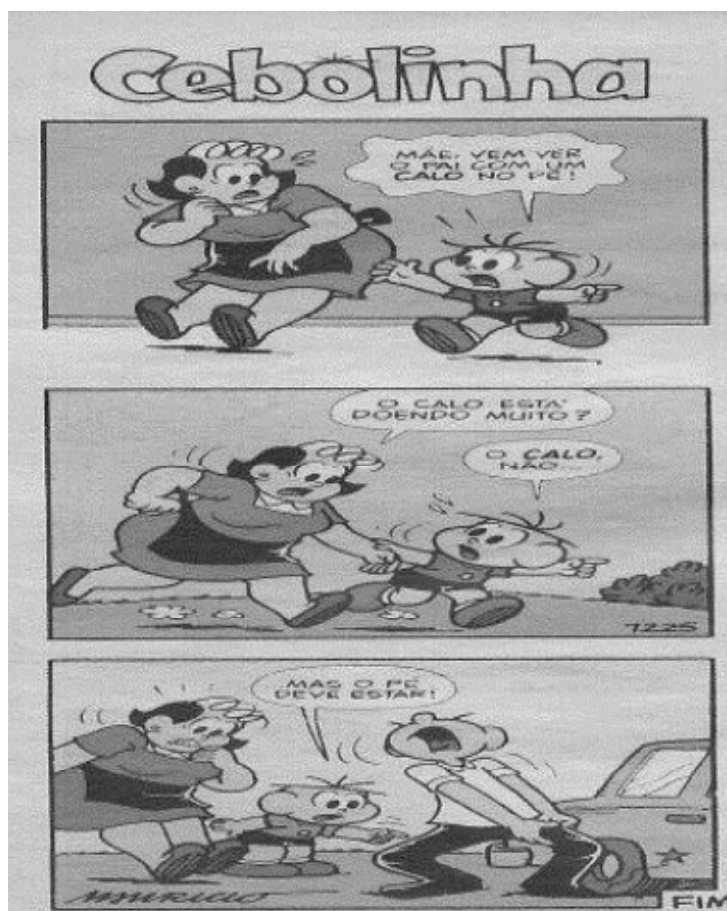


- Na história da qual os quadrinhos acima foram retirados, um famoso grupo musical composto por quatro garotas, o “Star Stars”, abre um concurso para a escolha de uma quinta integrante. Magali é a escolhida e, ao entrar para o grupo, sua vida “vira de pernas para o ar”.
- Imagine que, assim como Magali, você se transforme em um(a) super *star*. Escreva um texto descrevendo como seria a sua vida, que mudanças ocorreriam: em sua rotina, em seu dia-a-dia, em sua privacidade, em seu relacionamento com os amigos.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 16 – 7ª série

- Leia os textos abaixo.

Texto 1:



Texto 2:

Uma moça se preparou para ir a um baile numa cidade do interior. Chegando lá, um rapaz estranho e que tinha um cheiro ruim porque suava muito pede pra dançar com ela; para não arrumar confusão, ela aceita. Mas o rapaz suava tanto que, no meio da dança, ela não estava suportando mais!

A moça foi se afastando e disse:

- Você sua, hein!

Ele a puxou e respondeu:

- Também vô sê seu, princesa!!!

Texto 3:

Uma loira entra numa loja e vê uma coisa brilhante.

- O que é isso? - pergunta ela.

- Uma garrafa térmica - responde o vendedor.

- E o que ela faz? - pergunta ela.

O vendedor explica:

- Ela mantém frias as coisas frias e quentes as coisas quentes.

A loira compra a garrafa térmica. No dia seguinte, ela a leva para o trabalho. Seu chefe, estranhando esse objeto brilhante, pergunta o que é.

- Uma garrafa térmica - responde ela.

- E o que faz? - pergunta o chefe.

- Mantêm quentes as coisas quentes e frias as coisas frias - responde a loira.

O chefe pergunta:

- E o que tem dentro?

A loira, satisfeita, diz:

- Duas xícaras de café e um suco gelado...

- Nos textos apresentados, há um fator comum: em todos, há um diálogo entre as personagens e um mal entendido entre elas, o que causa algum humor. De certa forma, os sentidos esperados por uma das personagens não foram os mesmos que os da outra personagem. Isso se dá, entre outros motivos, porque as palavras, as sentenças têm mais de um sentido e as pessoas têm pensamentos, conhecimentos diferentes umas das outras e, por vezes, essas diferenças podem aparecer.

- Certamente, você já passou por alguma(s) situação(ões) parecida(s) ou conhece alguém que viveu alguma história em que havia um mal entendido. Escreva um texto relatando essa(s) história(s), quais as pessoas envolvidas e se esses mal entendidos foram resolvidos.

- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Se quiser, dê um título a seu texto.

Proposta 17 – 7ª série

- Leia os textos abaixo.

Texto 1: Turma da Mônica Jovem**Texto 2: Vampiromania**

Os vampiros não só habitam o imaginário de vários grupos culturais como também sobrevivem por diversas gerações. A saga *Crepúsculo*, que há mais de um ano é febre entre os jovens, é um exemplo de resistência ao tempo. Nele, a escritora Stephenie Meyer adicionou novas características ao mito, que ficou mais romântico.

Essa atração por vampiros, no entanto, é comum entre jovens, que constroem identidades se afastando do conhecido, do comum.

Folha online 23/12/2009

Texto 3: Happy Rock

Estão saindo de cena a indumentária escura, a maquiagem pesada e as músicas lamuriantas dos "emos", aqueles adolescentes que se divertem sentindo-se tristonhos.

Há cerca de um ano, o cenário pop brasileiro vem sendo tomado por roupas de cores extravagantes e canções animadinhas sobre baladas, namoros e shopping centers. Alternativa ensolarada ao chororô de NXZero e Fresno, essa nova vertente, capitaneada por bandas como Restart e Cine, atende pelo nome singelo de happy rock. "O emo briga com a namorada e fica triste. A gente rompe o namoro e, beleza, a vida continua", diz PeLu, guitarrista do Restart. Não é só a melancolia que foi proscrita: a ancestral rebeldia do rock também se foi. Os músicos de happy rock são o orgulho de papais e mães.

Revista Veja 09/06/2010

Texto 4: A vida de Justin Bieber vai virar filme!

A gente já contou aqui que Justin Bieber vai ganhar uma biografia superdivertida com direito a várias imagens em quadrinhos. Aliás, a previsão de lançamento é para outubro desse ano nos Estados Unidos. Mas a outra boa notícia é que, além de livro, a vida do nosso cantor favorito também vai virar filme! Sim, é isso mesmo. Se você é apaixonada por ele, vai poder ver a história, curiosidades e alguns shows nas telonas, e, OMG! Em 3D!

Ainda não está claro se vai ser um documentário ou não, mas o que importa é que já se sabe que Justin Biber estará no filme interpretando ele mesmo. A data prevista para a estreia do longa é 11 de fevereiro, na mesma semana em que os EUA comemoram Valentine's Day (Dia dos Namorados). Então, comece a preparar os suspiros, pois vamos nos apaixonar ainda mais por Justin!

Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/famosos/saiba-mais-filme-vida-justin-bieber-584378.shtml>

- Hoje é possível reconhecer novas tribos ou turmas. Essas tribos ou grupos de jovens se identificam com a “causa” e se encontram trocando experiências, frequentando os mesmos lugares, vestindo roupas parecidas etc. Existem várias tribos, e algumas das mais novas são a Vampiromania e a Happy Rock. Também as histórias em quadrinhos estão adequando-se aos novos movimentos, como, por exemplo, a Turma da Mônica Jovem.
- Certamente você já fez ou faz parte de alguma tribo, isto é, quando criança pode ter feito parte da turminha que curti o mesmo desenho animado e hoje, a mesma banda. Escreva um texto relatando se, atualmente, faz parte ou não de uma turma ou tribo. Se fizer parte, conte como é a sua turma ou tribo, ou seja, o que você e sua turma gostam de fazer juntos, onde costumam ir, o que gostam de vestir, que tipo de música ouvem, e dê sua opinião sobre o que acha sobre fazer parte dessa turma. Se não fizer parte de nenhuma turma, relate como são as tribos que conhece, dando sua opinião sobre o que acha sobre fazer parte de uma.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 18 – 7ª série

- Leia os textos abaixo.



PAIS&TEENS — O que é ficar? Que tal cada um de vocês dar uma definição, dizer o que acha?

Veruska — Eu acho que existem dois jeitos de ficar. Muita gente fica por ficar, e muita gente fica com o sentimento. No meu ponto de vista, o ficar tem que ter um sentimento, nem que for de atração. Ou sentimento mais forte, quando você gosta ou de amor ou de paixão. Não necessariamente, mas só pelo fato de você estar atraído, já é um sentimento, e então aí você pode começar a gostar da pessoa através do ficar.

Débora — Eu concordo com a Veruska, eu acho que ninguém deve ficar por ficar. Porque às vezes, por exemplo, se eu gosto de alguém e essa pessoa fica comigo por ficar, eu posso ficar chateada, posso me decepcionar. Eu acho que, como a Veruska falou, tem que ter alguma atração, algum sentimento para que, quem sabe, possa rolar alguma coisa.

Max — Eu discordo, porque pra mim ficar é só para dar uns beijinhos e, se você quer um negócio mais sério, você tem que namorar a pessoa ou ficar de rolo com ela.

Fernando — Esse negócio de ficar, pra mim não tem essa: você tem que sentir alguma coisa pela pessoa. Eu discordo do Max, eu acho que essa é uma atitude meio impensada dele. Tanto é que eu namoro há nove meses (palmas e risos) e gosto muito da minha namorada, e acho que não tem nada a ver esse negócio da moda, o ficar.

Melissa — Eu acho que é ficando que você começa a namorar, que você conhece a pessoa, conhece o jeito dela ser e, se você vai se apaixonar por ela, vai ter alguma coisa mais séria. Acho que é bom ficar com as pessoas, mas tem que ter vontade, tem que ter a fim da pessoa para você não ficar por ficar à toa, só para dizer "fiquei com ele", só porque é o cara mais bonito da rodinha, só para ter nome com as amigas. Acho que isso não tem nada a ver, acho que tem que ter, sim, um sentimento para você ficar com a pessoa.

Thiago — Pra mim ficar é simplesmente suprir a necessidade momentânea de conforto emocional (risadas). Essa é a minha opinião.



Depoimento da Adolescente Celma Rosa Souza, de uma pesquisa realizada em seis cidades brasileiras



- Nos textos dados, são apresentadas visões sobre uma nova modalidade de relacionamento na cultura brasileira ‘o ficar’, que designa um envolvimento afetivo sem compromisso, sem fidelidade. Desse modo, o que está em jogo para alguns são a sensação de liberdade e a curtidão momentânea. Tanto na entrevista quanto no depoimento há divergências sobre o que os adolescentes acham do assunto. Uns preferem ficar por ficar, outros ficam apenas com sentimentos. A maioria das pessoas acredita que, em um relacionamento afetivo, as garotas são mais sentimentais.
- O que você acha sobre o assunto? Relate uma experiência sua ou de um(a) amigo(a) sobre o tema. Pode ser uma situação que “zuou” ou foi “zuado” por algum colega por nunca ter ficado. Ou, ainda, conte como geralmente se faz para ficar com alguém, se ficou com alguém que, depois, acabou gostando, etc.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados pra a escritura. Dê um título ao seu texto.

Proposta 19 – 7ª série

Texto 1:



Olá, eu sou o seu novo amiguinho. E neste Natal, pode contar comigo pra ganhar uma Caloi. Recorte a minha figurinha, tire quantas cópias quiser, me espalhe por todo canto: no espelho da mamãe, na cesta de tricô da vovó, na pasta do papai, onde você achar melhor.

O negócio é não deixar ninguém esquecer que o que você quer mesmo é uma bicicleta Caloi. Ah! E tem mais: ganhando uma Caloi você também pode estar concorrendo à uma Mobylette.

Conte isso pro seu pai, para sua mãe, pra sua vovó. As instruções para o sorteio estão nas lojas que vendem Caloi.

Boa sorte e não esqueça: a Caloi é a melhor bicicleta do Brasil.

Texto 2:



- Natal! Data tão gostosa que lembra nascimento de Jesus, família, alegria, presentes... confusão...
- E aí? O que você quer ganhar neste Natal? Escreva uma carta a seus pais tentando convencê-los de comprar o seu objeto de desejo. Nessa carta, insira a propaganda do seu presente. Lembre-se de ser criativo e convincente...
- Caso você e sua família não comemorem o Natal, relate o que costumam fazer nessa época.

- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Proposta 20 – 8ª série

- Leia os textos abaixo sobre amizade.
-

Bons Amigos

Machado de Assis

Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir.
Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende.
Amigo a gente sente!

Benditos os que sofrem por amigos, os que falam com o olhar.
Porque amigo não se cala, não questiona, nem se rende.
Amigo a gente entende!

Benditos os que guardam amigos, os que entregam o ombro pra chorar.
Porque amigo sofre e chora.
Amigo não tem hora pra consolar!

Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade ou te apontam a realidade.
Porque amigo é a direção.
Amigo é a base quando falta o chão!

Benditos sejam todos os amigos de raízes, verdadeiros.
Porque amigos são herdeiros da real sagacidade.
Ter amigos é a melhor cumplicidade!

Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho,
Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!

Como a internet está mudando a amizade

Qual é a primeira coisa que você faz quando entra na internet? Checa seu email, dá uma olhadinha no Twitter, confere as atualizações dos seus contatos no Orkut ou no Facebook? Há diversos estudos comprovando que interagir com outras pessoas, principalmente com amigos, é o que mais fazemos na internet. Só o Facebook já tem mais de 500 milhões de usuários, que juntos passam 700 bilhões de minutos por mês conectados ao site – que chegou a superar o Google em número de acessos diários. A internet é a ferramenta mais poderosa já inventada no que diz respeito à amizade. E está transformando nossas relações: tornou muito mais fácil

manter contato com os amigos e conhecer gente nova. Mas será que as amizades online não fazem com que as pessoas acabem se isolando e tenham menos amigos offline, “de verdade”? Essa tese, geralmente citada nos debates sobre o assunto, foi criada em 1995 pelo sociólogo americano Robert Putnam. E provavelmente está errada. Uma pesquisa feita pela Universidade de Toronto constatou que a internet faz você ter mais amigos – dentro e fora da rede.

Camila Costa

Fonte: Superinteressante, Edição 288, Fev/2011, p. 55.

- No poema, Machado de Assis declama a alegria de se ter um grande amigo. No texto da revista Superinteressante, a internet é apresentada como uma ferramenta que ajuda a ter mais amizades.
- Assim como o autor do poema, provavelmente, você deve ter um grande amigo(a) com quem gosta de passear, conversar e até estudar juntos(as). Escreva um texto, relatando como surgiu essa amizade, se usa ou não a internet para se manter contato com seu(sua) amigo(a), e se houve algum bom momento que vocês viveram juntos(as).
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à caneta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Se quiser, dê um título a seu texto.

Proposta 21 – 8ª série

- Leia os textos abaixo.
-

Texto 1:



Texto 2:

O que é uma enquete?

Enquetes são predominantemente encontradas na rede, em sites da internet, são perguntas claras e objetivas a qual se referem à análise da opinião de um público transbordado em massa, para definir qual é a forma de pensamento das pessoas sobre determinado assunto.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070207102805AA>

pZsfM

Texto 3

- O que faz você feliz?
 Abrir a janela, comer na panela
 viajar pela rua, o mundo da lua
 Correr para o abraço, que eu desembaraço,
 ou é andar descalço que faz você feliz?
 Será que é cuidar da gente,
 cuidar do planeta,
 fazer diferente, fazer melhor?
 Ficar na cama (só mais um pouquinho!)
 Comer um bolinho, fazer um carinho,
 Se espreguiçar?
 É isso que faz você feliz?
 Ou é... adivinhar desejo, estalinho de beijo
 amar de paixão, arroz com feijão,
 uma bela salada, miolo de pão? (...)

Texto 4:**Texto 5:****TEXTOS PARA PERFIL DO ORKUT 4**

*então, v a m o d l á quem sou eu ? (coloco o óculos escuro,
mão na cintura)*

- aquela que sabe **r i r** e não tem vergonha de chorar, que descobriu a **pouco t e m p o** o *s o f r i m e n t o* que é amar .
Nunca matei ninguém , apenas se cuide pois você pode ser o primeiro heuheuehuehue ²

Qué saber mais, ad² aeê o dedo num vai cá não :D
mais si cair também a gente col a num tem problema

amour

Texto 6:

Quer entender tudo sobre o Facebook?

View and edit your profile

Aqui é hora de se apresentar para os outros usuários da rede social: publicar foto, contatos, status de relacionamento, atividades, interesses, onde estuda, onde trabalha. Um recurso interessante é responder

pergunta "o que você está fazendo agora?", que aparece no canto superior direito da página. Apesar de estar tudo em inglês, não há problemas em usar o português no seu perfil

- Enquetes: quem nunca respondeu uma? Perfil no Orkut, no Facebook: quem nunca fez o seu e/ou leu o de alguém? Mas... O que motiva um adolescente a responder uma enquete ou a divulgar seu perfil? E o que faz com que alguém lance uma pergunta desafiadora ou passe uma tarde vasculhando a página dos outros? A CURIOSIDADE... Sempre ela... Queremos e precisamos conhecer outras pessoas. Então, nada como fazer e responder questões. Afinal, quem é você?
- Faça o seu perfil como se estivesse iniciando sua página no Facebook. Para tanto, elabore seu texto considerando questões como: 1) Qual o seu nome? 2) Quantos anos tem? 3) Onde mora? 4) Com quem você mora? 5) O que costuma conversar com seus pais? 6) E com seus amigos? 7) O que faz você feliz? 8) O que faz você triste? 9) O que você acha do namoro na adolescência? 10) Qual é o estilo? 11) Que profissão você quer exercer? 12) Qual a importância da escola em sua vida? 13) Qual seria a melhor definição sobre você? Etc. etc.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto, se quiser.

Proposta 22 – 8ª série

- A carta transcrita abaixo foi postada no fórum de um site de relacionamento. Leia-a atentamente.

Barcelona, 17 de abril de 2011.

Caro brasileiro,

Sou espanhol, moro atualmente em Barcelona, mas morei durante cinco anos em São Paulo, onde estudei e trabalhei como professor de espanhol. Durante o tempo que fiquei no Brasil, além de aperfeiçoar meu português, fiquei admirado pelo país, pela cultura popular e, em particular, pelo povo brasileiro.

Voltei a morar na Espanha há quase seis meses, mas ainda me sinto ligado ao Brasil. É pela consideração que tenho por esse país que escrevo esta carta. Vi nos noticiários internacionais a tragédia que aconteceu em uma escola da cidade do Rio de Janeiro, onde várias crianças foram assassinadas, e fiquei sensibilizado. Gostaria de ter mais informações sobre o caso: como aconteceu, quantas crianças foram mortas e qual a idade média dessas crianças.

A partir do que consegui saber, fiquei pensando sobre a gravidade de uma tragédia como essa para os envolvidos e para a população brasileira em geral. O crime atingiu, ao mesmo tempo, crianças que não tem vínculo nenhum com os problemas pessoais e mentais do assassino e uma escola, um lugar que, a princípio, deve garantir segurança para proporcionar boa qualidade de educação e situações de bom convívio social.

Além de obter informações sobre o que de fato aconteceu, gostaria de saber sua opinião sobre essa tragédia. Você acha que as crianças, mesmo as que não vivenciaram a situação mais de perto, podem desenvolver traumas e acabar tendo medo do ambiente escolar? Se sim, qual seria a melhor forma de proceder para amenizar essas consequências? Você acha que os pais devem conversar com as crianças sobre o ocorrido? E, nas escolas, seria interessante proporcionar discussões sobre esse e outros casos de violência? Em sua opinião, ações como essas surtiriam algum efeito? Se sim, quais?

Termino aqui esta carta e aguardo um retorno.

Coloco-me à disposição para ajudar naquilo que for possível mesmo estando longe.

Como retribuição a tudo o que o povo brasileiro representa para mim, compartilho avdor desse momento.

Atenciosamente,

Francisco González

Massacre de Realengo - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

Massacre de Realengo refere-se ao assassinato em massa ocorrido em 7 de abril de 2011, por volta das 8h30min da manhã (UTC-3), na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, matando doze deles, com idade entre 12 e 14 anos. Oliveira foi interceptado por policiais, cometendo suicídio. A motivação do crime figura incerta, porém a nota de suicídio de Wellington e o testemunho público de sua irmã adotiva e o de um colega próximo apontam que o atirador era reservado, sofria bullying e pesquisava muito sobre assuntos ligados a atentados terroristas e a grupos religiosos fundamentalistas. O crime causou comoção no país e teve ampla repercussão em noticiários internacionais. A presidente do Brasil, Dilma Rousseff, decretou luto nacional de três dias em virtude das mortes.

- Você percebeu que, em sua carta, Francisco pede mais informações sobre o ocorrido em Realengo e faz uma série de perguntas. Produza uma carta em resposta ao texto escrito por Francisco González. Para atender às expectativas de Francisco, é preciso expor algumas informações sobre a tragédia a que ele se refere e apresentar o que você acha sobre esse tema, levando em consideração as perguntas que ele faz. Tente, ao responder as perguntas, justificar a sua opinião apresentando alguns argumentos.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 23 – 8ª série

- A professora vai ler uma história cujo personagem, Pedro Rimalles, vive uma aventura em um país distante. Trata-se de um anti-herói, ou seja, de um personagem que utiliza a esperteza para obter fama ou proveito próprio.
- Depois de escutá-la, escreva uma narrativa em que você ou um amigo seja o personagem principal que se aventura em uma terra distante. Use a imaginação para propor os detalhes de sua história.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 24 – 8ª série

- Leia os textos abaixo:

Texto 1:

Ao aumentar as manifestações em favor da internacionalização da Amazônia, o novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, respondeu que a aceitava – por que não? – desde que fossem internacionalizadas também Nova York e Paris. [...]

Com a idéia de internacionalizar também Paris e Nova York, Minc retomava um artigo do senador Cristovam Buarque, publicado em 2000 e de muito sucesso na internet. Cristovam Buarque conta que, questionado sobre a internacionalização, num debate nos Estados Unidos, disse que "como humanista" era a favor – assim como era a favor de internacionalizar as reservas de petróleo do mundo, libertando-as de países que arbitrariamente diminuem o capital financeiro global, sujeito a manobras dos especuladores. Era a favor igualmente da internacionalização dos museus, como o Louvre, "guardiões das mais belas peças produzidas pelo gênio humano". E também de Nova York, como sede da ONU, e de Paris, Veneza, Roma, Londres e Rio de Janeiro, patrimônios da humanidade, sem se esquecer do arsenal nuclear americano, instrumento perigoso demais para estar sob controle de um só país.

Cristovam Buarque estava, claro, dando um chega pra lá nos interlocutores estrangeiros. Mas ao mesmo tempo desenhava um idílico mundo futuro, libertado das soberanias nacionais, em que tudo é de todos. Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, chegemos lá. [...] A internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem, mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. Quem sabe, um dia...

(Revista Veja, 28 de maio de 2008)

Texto 2

A velha paranóia brasileira de que a soberania nacional na Amazônia está sob ameaça de potências estrangeiras e de ONGs ambientalistas acaba de ganhar um rosto. É o do milionário sueco Johan Eliasch, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown. Em outubro de 2005, Eliacsh comprou 160.000 hectares de terras de florestas na região norte do país, uma área maior que a da cidade de São Paulo. Em seguida, criou a ONG Cool Earth (Esfrie a Terra) que tenta angariar doações para adquirir e conservar florestas na Amazônia. [...]

“O Papel do governo deve ser monitorar, fiscalizar e dirigir a ação desses grupos que querem investir, sejam brasileiros ou não”, diz Danilo Igliori, professor da Universidade Cambrigde, na Inglaterra. “Mas o governo não tem dinheiro para investir na área e faz sentido que o mundo pague para preservar a floresta”.

(Revista Época, 02 de junho de 2008)

Texto 3

“O jornal inglês The Independent publicou um editorial afirmando que a Amazônia ‘era importante demais para ser deixada aos brasileiros.’ O New York Times publicou artigo em que lembrava uma antiga frase de Al Gore, ex-vice-presidente americano, hoje santo protetor do meio ambiente global: ‘Ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia não é propriedade deles, e sim de todos nós.’”

(Revista Veja, 28 de maio de 2008)

- Com base em seu conhecimento sobre a atual situação da Amazônia e considerando os argumentos dos textos apresentados, escreva um artigo de opinião se posicionando a favor ou contra a internacionalização da floresta.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

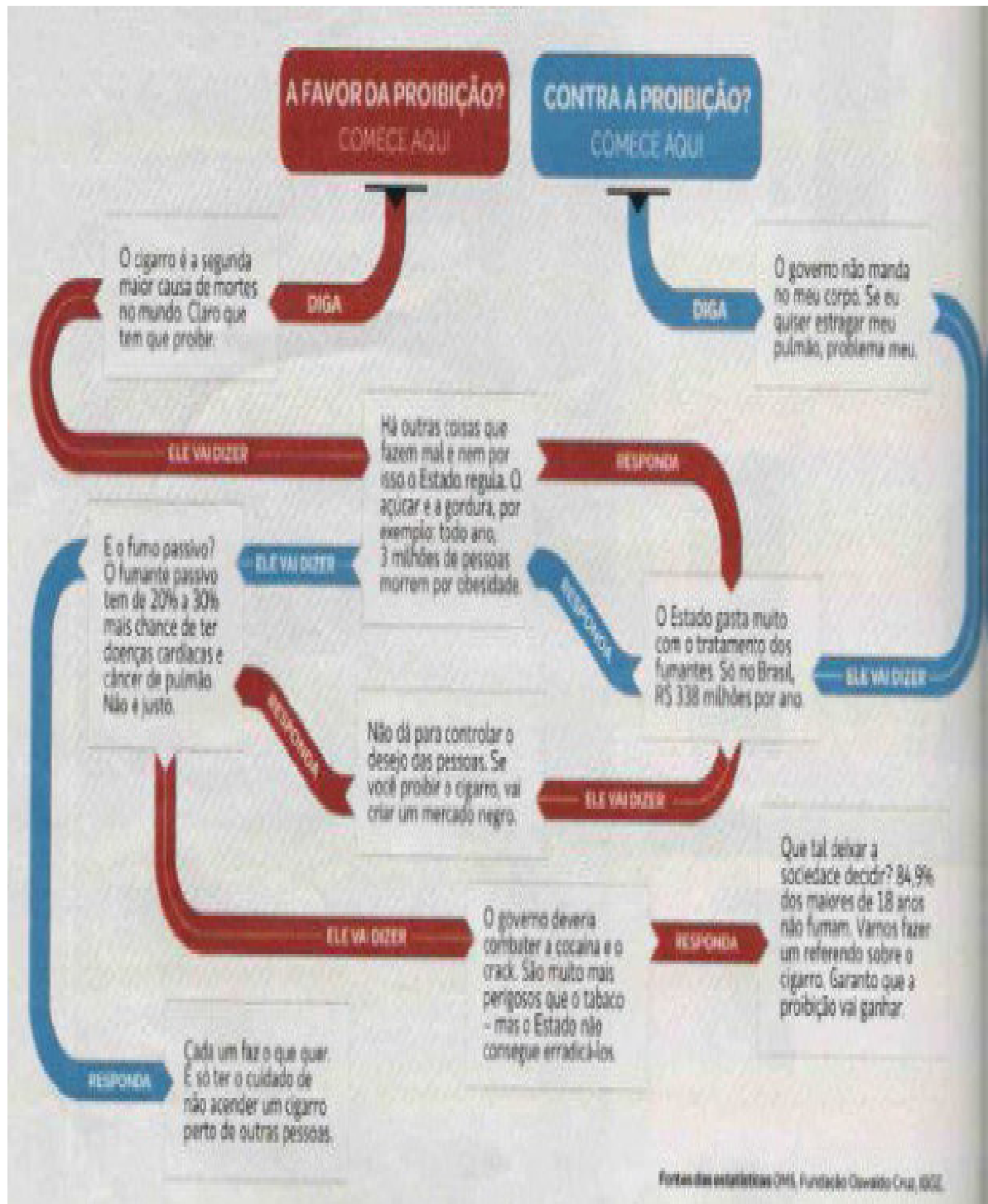
Proposta 25 – 8ª série

Texto 1

Como ganhar uma discussão sobre cigarro

(Revista Superinteressante, agosto de 2011)

Uma lei acaba de proibir o fumo em parques, praças e praias de Nova York. Pode ser o primeiro passo para banir de vez o cigarro da sociedade. O que você acha disso: Escolha seu lado – e saiba como argumentar.



Texto 2:

07/05/2009 - 15h48 - da Folha Online

Nova lei limita fumo em São Paulo

A nova lei proíbe cigarro ou derivados de tabaco em ambientes de uso coletivo, públicos ou privado, total ou parcialmente fechados em qualquer um dos lados por parede ou divisória, em todo o Estado. Entre os locais de proibição estão áreas internas de bares e restaurantes, casas noturnas, ambientes de trabalho, táxis e áreas comuns fechadas de condomínios. A lei não prevê punição ao fumante infrator, mas os estabelecimentos podem ser multados por órgãos estaduais de vigilância sanitária com base no Código de Defesa do Consumidor, podendo ser interditados. A multa também poderá ser aplicada até mesmo nos locais em que ninguém estiver fumando durante a fiscalização, segundo a Vigilância Sanitária. Serão consideradas evidências de desrespeito à nova legislação cinzeiros ou bitucas de cigarro jogadas no chão, no lixo ou em vasos sanitários, falta de placas de proibição ao fumo com menção à nova lei e até cheiro de fumaça. As multas constantes na regulamentação assinada hoje vão de R\$ 782 a até R\$ 3 milhões.

Texto 3:

Texto 4

O mal que o fumo faz – Disponível em

http://www.mingaudigital.com.br/article.php3?id_article=871, acesso em 09/09/2011.

O cigarro pode causar problemas de saúde nas pessoas que fumam e no fumante passivo, isto é, aquele que não fuma, mas fica no ambiente, respirando aquela fumacinha. A fumaça do cigarro tem mais de 4.700 substâncias tóxicas. Entre essas substâncias venenosas estão a nicotina, o alcatrão e o monóxido de carbono. O cigarro causa dependência química. O fumo faz mal à pele, deixa as unhas e os dentes amarelados. Além disso, o fumante fica fedendo a cigarro o dia todo. O fumo causa doenças no pulmão, como bronquite crônica, enfisema e câncer. 90% dos casos de câncer no pulmão têm relação com o fumo. O fumo também causa derrame cerebral. A pessoa que sofre um derrame pode ficar parálitica de uma parte do corpo, pode entrar em coma e até morrer. A nicotina pode fazer subir a pressão arterial. Juntamente com o monóxido de carbono, a nicotina pode causar um ataque cardíaco na pessoa e também pode aumentar a acidez no estômago, causando úlceras gástricas. Não são só os fumantes que são afetados pelo cigarro. Adultos e crianças que cheiram essa fumaça constantemente também podem ter problemas: crianças podem ter bronquiolite, sinusite, asma e pneumonia; adultos correm mais risco de ter um câncer de pulmão ou um ataque do coração. Mães que fumam durante a gravidez podem ter filhos prematuros ou até um aborto. Bebês de fumantes podem nascer com defeitos nos pés e nos dedos e sérias dificuldades para aprender a lição da escola.

- Você leu sobre os vários malefícios que o cigarro pode causar à saúde tanto de quem fuma quanto de quem convive com os fumantes (fumante passivo). No Brasil, em especial no Estado de São Paulo, o fumo, em locais públicos fechados, já está proibido desde 2009. No texto 1, vemos que em Nova York estão proibindo o cigarro até mesmo em locais públicos abertos. Qual sua opinião sobre essas proibições? Faça um artigo de opinião se posicionando a favor ou contra a proibição do cigarro em locais públicos tanto fechados quanto abertos.
- Lembre-se de que seu texto deverá seguir a estrutura argumentativa e ser escrito em linguagem formal.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.

Proposta 26 – 8ª série

Texto 1:

amplo esforço de preparação para participarem do concurso de produção textual que, este ano, tem como tema central “Repensar Brasília: como será a cidade daqui a 50 anos”.

Texto 3: Disponível em <http://projetossrc.blogspot.com/2009/05/artigo-de-opiniao.html>. Acesso em 12/10/2011

OS ADOLESCENTES DE HOJE PREOCUPAM-SE MENOS COM O FUTURO

Os adolescentes de hoje realmente se preocupam menos com o futuro e, ao meu ver, não deveriam, pois a adolescência é o foco da vida, a fase de grandes descobertas, mas também aquela em que devemos decidir o presente para que o futuro esteja garantido.

O adolescente, muitas vezes, é bastante cobrado pela família e pela própria sociedade, uma vez que eles nem sempre têm vontade de estarem com a responsabilidade das decisões e de seus deveres em suas mãos.

A grande maioria prefere deixar a vida passar, curtindo apenas o momento e aquilo que a vida lhes oferece, sem fazer muito esforço, o momento é de diversão.

Quando acontece de jovens, uma minoria, acredito eu, se preocuparem mais com o futuro e não apenas com o momento presente, acabam sendo julgados de forma errada, pelos amigos principalmente, que não conseguem entender como esses jovens podem deixar para segundo plano a diversão e se esforçar mais em seus estudos, trabalhos, pois muitos já carregam essa responsabilidade e junto dela a sede por descobrir, conhecer e aprender com as novas experiências que os ajudarão futuramente.

Acredito que todo o esforço e sacrifício feitos hoje resultarão em um futuro promissor e digno de cada cidadão, por isso, aproveitar o presente sim, mas sempre pensando no seu futuro.

ALUNA: Renata Arantes – 3ªA

- Somos, mesmo, movidos por projetos de vida? Estamos preocupados com o futuro? Adolescente não pensa no amanhã? Adolescente é inconsequente? Essas são algumas das questões que podemos formular a partir da leitura dos textos apresentados. E você, adolescente, o que pensa sobre essas questões? Você acha que os adolescentes não pensam no futuro, não fazem planos, não se importam com o amanhã? Muitos podem dizer “**sim**”. Outros, por sua vez, podem dizer “**não**.” E você?

- **Faça um artigo de opinião se posicionando a favor ou contra a afirmação: o adolescente se preocupa com o futuro e faz projetos de vida.** Você pode se basear nos textos apresentados na coletânea e em sua experiência de vida.

- Lembre-se de que seu texto deverá seguir a estrutura argumentativa e ser escrito em linguagem formal.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 29/07/2014

(Fabiana Cristina Paranhos)

Assinatura